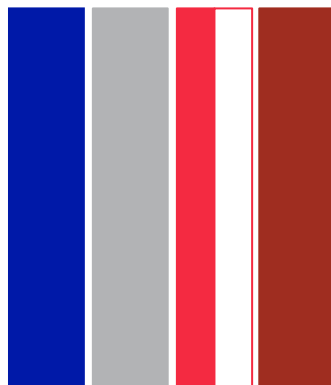


MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
VARIANTE EM COMUNICAÇÃO POLÍTICA

Democracia e Populismo: o discurso de Jair Bolsonaro na eleição presidencial de 2018

Jéssica Hammes Barz

2020



Jéssica Hammes Barz

Democracia e Populismo: o discurso de Jair Bolsonaro na eleição presidencial de 2018

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada pelo Professor Doutor Vasco Moreira Ribeiro

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2020

Jéssica Hammes Barz

Democracia e Populismo: o discurso de Jair Bolsonaro na eleição presidencial de 2018

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada pelo Professor Doutor Vasco Moreira Ribeiro

Membros do Júri

Professor Doutor Vasco Moreira Ribeiro

Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professor Doutor

Faculdade - Universidade

Professor Doutor

Faculdade - Universidade

Classificação obtida:

*Aos meus pais, Idemar e Evanir Barz pelo suporte e
incentivo absoluto*

Sumário

Declaração de honra	3
Agradecimentos	4
Resumo.....	6
Abstract	7
Índice de Tabelas.....	8
Introdução.....	9
1.O sistema democrático e suas diretivas.....	15
1.1. Democracia no Brasil.....	21
2.O fenômeno do populismo no mundo atual e sua contextualização política	28
2.1. O que é populismo?.....	28
2.1.1. Populismo de direita x Populismo de esquerda	35
2.2. O populismo na América Latina	38
2.3. O populismo no Brasil e seu impacto na eleição presidencial de 2018	40
2.4. Características do populismo	44
3.Jair Bolsonaro: de deputado federal anônimo para a Presidência da República	46
3.2. Jair Bolsonaro e as redes sociais.....	48
3.2.1. Fake news	53
3.3. Jair Bolsonaro e a polarização	57
4.Análise do discurso de Jair Bolsonaro na eleição presidencial de 2018	64
4.1. Estudo empírico.....	64
4.2. Objetivo	64
4.3. Objeto de estudo.....	65
4.3.1. Caracterização do objeto de estudo.....	66
4.3.1.1 Jair Bolsonaro	66
4.3.1.2 Profissionais da imprensa	66
4.3.1.3. Notas sobre trabalho de campo.....	68
4.4. Grandes questões.....	69
4.5. Metodologia	70

4.5.1. Análise do discurso	70
4.5.2. Entrevistas semiestruturadas	71
4.5.2.1. Guião-base das entrevistas.....	73
4.5.3. Limites, problemas e dificuldades no processo da investigação	74
4.6. Resultados	75
4.6.1. Resultados da Análise do Discurso	75
4.6.1.1 Matérias do site de notícias da Rede Globo, G1.....	76
4.6.1.2. Matérias do jornal O Estado de São Paulo – Estadão	79
4.6.1.3. Matérias do jornal Folha de São Paulo	84
4.6.2. Resultados das entrevistas semiestruturadas	93
4.6.2.1. A eleição presidencial de 2018 na visão dos jornalistas políticos.....	93
4.6.2.2. Cenário de instabilidade política e o aparecimento de discursos populistas	94
4.6.2.3. O discurso populista na visão dos entrevistados	96
4.6.2.4. Um discurso populista na eleição de 2018	98
4.6.2.5. Jair Bolsonaro na visão dos jornalistas entrevistados.....	101
4.6.2.6. Jair Bolsonaro e a ditadura militar	104
Conclusão ou Considerações Finais.....	106
Referências Bibliográficas	110
Páginas Web consultadas.....	116
Apêndices	118
Apêndice 1.....	119
Apêndice 2.....	120
Apêndice 3.....	121
Apêndice 4.....	126
Apêndice 5.....	134
Apêndice 6.....	140
Apêndice 7.....	150

Declaração de honra

Declaro que o presente trabalho/tese/dissertação/relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, outubro de 2020

Jéssica Hammes Barz

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de deixar o meu maior agradecimento aos meus pais, Idemar e Evanir Barz, por me proporcionarem a oportunidade de estudar fora do meu país de origem e incentivarem a minha busca por conhecimento e por aprimoramento pessoal e profissional. Sempre apoiaram minhas escolhas, entre elas a de morar em Portugal e estudar na Universidade do Porto. Serei, para sempre, muito grata por todo o esforço dedicado a me ver feliz.

Agradeço também a Universidade do Porto e seu corpo de funcionários e professores que me receberam muito bem e me acolheram como estrangeira, oferecendo todo o suporte necessário para um período de estudo intenso e eficaz. Dentre os professores, quero agradecer especialmente ao meu orientador Professor Dr. Vasco Ribeiro, que fez com que eu me apaixonasse ainda mais pela comunicação política e pelo fazer jornalístico nessa área. Sempre disponível, atento e prestativo me orientou pelos melhores caminhos para que pudéssemos chegar juntos ao resultado deste trabalho. Agradeço também a Alexandra Melo, do Serviço de Gestão Académica da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por toda a atenção, apoio e consideração nos momentos de angústia e dúvidas. Agradeço a todos os entrevistados que compõem a presente pesquisa pelos essenciais contributos prestados. Assim como, agradeço a Luisa Roig, amiga pelotense, que me auxiliou no contato com os jornalistas residentes em Brasília para que essas entrevistas pudessem ser realizadas. Bem como, agradeço a amiga Carolina Graziadei que me recebeu em sua casa na Capital Federal durante o período de entrevistas no Brasil.

Agradeço também ao Caio Passos, que durante os dois anos de morada em Portugal me apoiou e esteve ao meu lado me incentivando na busca pelo aprimoramento desta pesquisa. O meu muito obrigada também destino à Nina Macksoud, Victor Milman, Raiza Medina, Luiza Trápaga e Camila Costa que foram mais que amigos durante o período de morada na cidade do Porto, foram também minha família e fizeram com que a vida em Portugal fosse ainda mais leve. Meu agradecimento ao Heron Passos e Diego

Queijo pelas contribuições. Agradeço a cada pessoa que acreditou em mim e me apoiou para que eu concluísse essa pesquisa.

Por fim, agradeço a Deus e ao universo por me proporcionarem momentos incríveis e de muito conhecimento na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O caminho percorrido, jamais será esquecido. Ele enriqueceu minha história e ampliou minha forma de ver o mundo. Obrigada por essa jornada!

Resumo

O ano de 2018 será para sempre um marco na história do Brasil. Um rompimento pragmático do que era a política brasileira e o que ela veio a se tornar. A eleição de Jair Bolsonaro trouxe elementos até então adormecidos no precoce sistema democrático do país, entre eles o ressurgimento de argumentos da extrema-direita em um discurso no pleito à Presidência da República, e que ecoou rápido e espantosamente na sociedade brasileira. Foi dentro desse contexto que analisamos o discurso de Jair Bolsonaro na eleição presidencial de 2018 e buscamos encontrar o conceito de populismo através de uma análise criteriosa de pesquisadores e autores de diferentes lugares do mundo, somado a entrevistas com jornalistas políticos, para então formar um novo significado do termo. Para isso, utilizamos uma metodologia cruzada que soma a análise de conteúdo com as entrevistas de elite semi-estruturadas, a fim de perceber as particularidades de um discurso populista e, mais precisamente, do discurso de Jair Bolsonaro. Além dos jornalistas políticos, entrevistamos o próprio objeto desta pesquisa, enquanto ainda era deputado federal e pré-candidato à Presidência, para personificar a sua visão de populismo. Nesta pesquisa avaliamos o contexto social, político e institucional em que o Brasil se encontrava no período pré e eleitoral, do ano de 2018. Para isso abordamos a conjuntura social e o aspecto populista da política. Seria o populismo um dos fatores fundamentais para a eleição vitoriosa de Jair Bolsonaro? Conclui-se com esse trabalho que grande parte dos brasileiros se identificaram com Jair Bolsonaro e esse foi o seu grande diferencial. Destaca-se ainda que, durante o período analisado, Bolsonaro trouxe em seus discursos traços claramente populistas, entre eles apresentar-se como o “salvador da pátria” e assim, casualmente e de forma estratégica, preencheu uma enorme lacuna de desejos e anseios do corpo social.

Palavras-chave: Brasil; Comunicação Política; Jair Bolsonaro; Populismo; Democracia.

Abstract

2018 will forever be a milestone in the history of Brazil. A pragmatic break between was Brazilian politics and what it became. The election of Jair Bolsonaro brought elements until then dormant in the country's early democratic system, among them the resurgence of arguments from the extreme right in a speech to the Presidency of the Republic, which echoed quickly and amazingly in Brazilian society.

It was within this context that we analyzed the speech of Jair Bolsonaro in the 2018 presidential election and sought to find the concept of populism through a careful analysis of researchers and authors from different parts of the world, added to interviews with political journalists, to then form a new one meaning of the term. For this, we use a cross methodology that adds content analysis with semi-structured elite interviews, in order to understand the particularities of a populist speech and, more precisely, of Jair Bolsonaro's speech. In addition to political journalists, we interviewed the object of this research, while still a congressman and pre-candidate for the Presidency, to personify his vision of populism. In this research, we evaluated the social, political and institutional context in which Brazil found itself in the pre and electoral period of 2018. For that, we approached the social situation and the populist aspect of politics. Would be populism one of the fundamental factors for the successful election of Jair Bolsonaro? It is concluded with this research that a large part of the Brazilians identified themselves with Jair Bolsonaro and that was his great differential. It is also noteworthy that, during the analyzed period, Bolsonaro brought in his speeches clearly populist traits, among them presenting himself as the "savior of the country" and thus, casually and strategically, filled a huge gap of wishes and desires of the Brazilian community.

Key-words: Brazil; Political Communication; Jair Bolsonaro; Populism; Democracy.

Índice de Tabelas

TABELA 1 – CARACTERÍSTICAS DE UM DISCURSO POPULISTA.....	44
--	----

Introdução

A título introdutório que ora cabe a essa tese proponho um primeiro fragmento do cantor e compositor gaúcho (forma coloquial de nomear os brasileiros sul-rio-grandenses) Humberto Gessinger: *Toda forma de poder é uma forma de morrer por nada*. Com isso, antes de uma pretensão anárquica ou cosmopolita, mostra-se o trecho da canção relevante do ponto de vista relacional que entorna sobre o poder e a fatalidade. Quer dizer, é claro que uma ação combativa a qualquer determinado exercício de poder, pressupõe já haver alguma necessidade, contraparte que o combate, de poder, e nesse sentido reconhecemos a contradição ligada a canção, na medida que o tema a ser descrito aqui envolve o mesmo teor político instanciado naturalmente por meio das palavras. A utilidade dessa ênfase proposta, afinal, entre morte e poder, se dá em que há inexorável a constituição de uma tessitura que entrelaça poder, força, e transformação da realidade. Em um emaranhado de significados, caminham juntos e podem mudar os rumos a serem seguidos, pelas pessoas, pelos países, pelo mundo como um todo. Cabe-nos o esforço pelo diagnóstico das melhores e legítimas formas de poder o que, a princípio, deveríamos todos estudar, reavaliar, denunciar ou não, no nosso exercício constante de incorporar efetivamente uma posição, o que se revela concreto, na verdade, somente na empiria funcional das instituições sociais.

Outro trecho da mesma canção, H.G. menciona que *“toda a forma de conduta se transforma em uma luta armada e que a história se repete, mas a força deixa a história mal contada. O fascismo é fascinante e deixa gente ignorante e fascinada”*, também pode ser visto interpretativamente como uma abordagem popular para o fenômeno do fascismo, regime de forças poderosas tangentes à realidade e aviltantes no modo radical como sua ação é transformativa do mundo, e que, como tal, é recorrentemente lembrado aludindo-se aos fenômenos brutais que o encerra. Como diz Hannah Arendt, filósofa alemã da tradição contemporânea, o holocausto foi um ato sem precedentes. Contudo, o aspecto que inaugura o cantor em sua representação musicada é justamente aquele do singular fascínio pelo e em direção ao fascismo, algo aparentemente paradoxal que, por sua percepção atual, causa surpresa e espanto. Toda e qualquer

referência ao fascismo, se não é pura e simplesmente digna de repúdio, ao atrelá-lo ao fascínio soa como um escárnio.

A partir da composição do cantor depreendemos afinal o vício que remete o fascismo a seu caráter fascinante, a deixar ignorante toda a gente. Ele conclui em seguida: “*tão fácil ir adiante e esquecer que a coisa toda tá errada*”; o fascismo tece o véu que venda os olhos e blinda a realidade, transforma olhares e pensamentos em uma realidade desconcertante. Ao passo em que é grandioso, é ao mesmo tempo simplista o suficiente para construir um espaço de poder autoritário, responsável por essa maneira ambígua na qual a ignorância pode se transmitir nas proporções de um fenômeno social. Fascismo e populismo são termos diferentes e representam cada qual um significado distinto, mas é importante esclarecer que, quando nos referimos a discurso, nas suas entrelinhas e peculiaridades ambos apresentam fortes semelhanças. Ao longo do presente estudo trataremos sobre poder, transformações, democracia, populismo, fascismo, Brasil.

O maior país da América Latina vive como pertencendo hoje a um dos seus momentos históricos, o que o qualifica provavelmente a ser lembrado pela posteridade. É uma conjuntura que engloba um pacote de acontecimentos que desaguam na represa histórica brasileira e a enxurrada, por si só, afeta cada brasileiro. A conflagração entre uma jornada ainda ininterrupta de corrupção, de escândalos políticos, enfraquecimento da democracia, fragilidade do sistema, o qual, integrado no mesmo âmbito do momento político mundial amplamente receptivo à extrema-direita, fizera com que a eleição presidencial do país verde e amarelo se moldasse emblemática em todos os sentidos. A descontinuidade do governo da primeira mulher presidente do Brasil, interrompido na sua metade e levantando dúvidas sobre a legitimidade do processo de *impeachment*, e a sucessão de um governo com a menor taxa de aprovação já existente, assinalam seu lugar entre alguns dos principais aspectos peculiares à disputa eleitoral que se presenciou em 2018. Sobrepondo-se a isso, a crise econômica que afetava os brasileiros teve grande peso na vigília das propostas tocantes aos nomes à disposição da candidatura presidencial. Brasileiros descrentes de uma melhora econômica no país e, sobretudo, da classe política, emergiam com essa ânsia, cujo objeto principal se define

através do almejo pela conquista de um salvador da pátria, o qual, chegando ao domínio, instantaneamente reorganizasse o país – coisa que, a saber, não determina senão o caso de uma esperança utópica.

Contudo, eis que do eixo vazio entre população e classe política decorrem fissuras para possíveis fragilidades da democracia. O caráter imprescindível que aqui atenhamos é a constatação de que, se por um lado há claramente uma descrença relativa à democracia, por outro só conseguimos conceber desse modo nossa experiência política. Por isso, um país que há tão pouco tempo caminha na linha democrática, ao apresentar dois presidentes eleitos pelo povo logo destituídos de seus respectivos mandatos, coloca-se à mercê e atravessado por sinais translúcidos de uma debilidade vigorosa da questão democrática. Nesse terreno, um tópico familiar ao universo da derrocada em questão é o discurso populista, procedendo como um fator que impõe risco ao sistema democrático como um todo, na medida que representa um viés de deterioração progressivo e sutil para a já frágil democracia brasileira. Partindo para o entendimento da eleição presidencial de 2018 no Brasil e o discurso do então candidato à Presidência e agora Presidente da República, Jair Bolsonaro, se faz necessário que de maneira prévia nos aproximemos de uma releitura da política brasileira e, sobretudo, da democracia histórica.

Para isso, no **capítulo I** desta pesquisa contextualizamos o sistema democrático como um todo, abrangendo suas diretrizes políticas e a apresentação de um breve histórico do que poderíamos tomar a democracia em si, indo desde o seu sentido lato em direção ao pensamento aristotélico e platônico referente a este sistema político. Em seguida, entramos no contexto brasileiro e a trajetória democrática até os dias atuais. Foi importante traçarmos um paralelo comparativo com outros sistemas políticos existentes, a fim de verificarmos as melhores condições para a aplicação de cada um. Como consequência, um dos aspectos mais interessantes levantados neste capítulo tematiza o entender da fragilidade da democracia na relação com seus fatores endógenos de “corrosão”. Quais seriam as principais ameaças para uma democracia? Trouxemos ao debate tais pontos, concebendo-os conjuntamente com o momento e o espectro político do Brasil, para que pudéssemos entender o quão exposto e suscetível

estaria o país em sua inserção espontânea em um movimento cuja oposição se dá a seu próprio estabelecimento como Estado de Direito. A fragilidade da democracia brasileira foi constatada e abordada por alguns autores, entre eles Löwy (2015) e Schwarcz (2019), os quais passam a apontar o Brasil como sendo uma presa frágil a ser desmoralizada, além de discorrerem acerca dos riscos que a polarização e um discurso populista apresentam para isso.

O **Capítulo II** dá prosseguimento à análise das possíveis zonas de ruptura do sistema democrático, e versa sobre o aspecto do populismo propriamente, tema central deste estudo. Buscamos a conceitualização do fenômeno populista, seu significado e seus principais pontos de atuação. Dispondo de uma bibliografia cuja composição traz autores, estudiosos e pesquisadores de diferentes partes do mundo, buscou-se o repertório capaz de possibilitar a sintetização do conceito em sua maior abrangência, sua assimilação dentro das diferenças locais e contextuais; posto que é lugar comum nesse estudo a afirmação segundo a qual o papel do contexto assume intervenção direta no significado do termo “populismo” em questão. A tendência populista que assola os sistemas políticos nos dias de hoje é um reflexo dos espaços deixados pela população e tem lugar na estratégia política de governantes que chegam ao poder através das falácias contidas nesse tipo de discurso. O populismo tende ao extremismo, mesmo na sua coabitação sutil com fala do orador. Assim como o extremismo, o autoritarismo também é uma das características apontada por autores como sendo parte de um discurso populista, dentre eles Levitsky & Ziblatt (2018). Por conta disso, abordamos também, rapidamente neste capítulo, o fascismo. Duas facetas deste regime são delineadas no presente estudo: trazemos para o debate aqueles comprometidos em uma resignificação do termo “fascismo” e da etimologia da palavra, e, em contraponto, abordamos pensamentos daqueles que defendem a não-banalização do termo “fascismo”, por seu tratamento tradicional associado ao momento brutal da história mundial. Milgram (2019) afirma, por exemplo, que o Brasil tem tendências fascistas e como tal é propenso a discursos fascistas, dado vive imerso no culto paranoico do estado-nação patriótico. Apoiamo-nos dentro deste capítulo na postura da resignificação etimológica, nomeada de Fascismo 2.0, dado o momento atual que,

apesar do contexto político determinar-se por políticos democraticamente eleitos, não deixa-se de configurar-se pelos mesmos agentes como corrosão da essência da proposta democrática.

O populismo reúne dois elementos em sua constituição: é ao mesmo tempo discurso e estratégia política; o discurso, por seu turno, é a principal ferramenta de ação de qualquer período eleitoral. O concurso dessas duas razões abre a proposta do **Capítulo III**, que tem o eixo orientado sobre a figura de Jair Bolsonaro, político central nos estudos dessa pesquisa ora esboçada. Apresentamos seu histórico político e relembramos frases e bandeiras da sua trajetória. Ao longo desse exercício, objetivamos responder à seguinte dúvida: Bolsonaro é ou “está” populista? Diante dos pontos levantados e equiparados entre si, será possível afirmar Bolsonaro como sendo um político demagogo, que tende frequentemente o direcionamento de seu discurso característico a uma parcela da população própria, aquela que se verifica passiva à busca de um modelo salvador da pátria. Conclui-se por essa lógica o emergir da polêmica bolsonarista diante da população brasileira. Patrick Charaudeau (2016, p. 107), afirma que “o populismo é, antes, uma questão de discurso”; a vitória de Bolsonaro nas urnas e sua repercussão sucessiva deixou ver, no que se refere à estratégia, como o ribombar da proposta populista estava imiscuída no conjunto dos discursos proferidos por Bolsonaro, remetidos assim no “formato de consolo” à justa parcela da projeção brasileira a que se destinava. Hermet (2008) atribui a satisfação da população de forma imediata como uma das características do populismo; em consonância com a aquisição dessa satisfação está a identificação - fundamentada na avaliação de múltiplas expressões de Bolsonaro durante o período pré-eleitoral – de que os discursos do candidato compactuam com essa premissa, por seu caráter enraizado no uso de frases de efeito, de modo a carecerem elas mesmas de embasamento sólido.

A fundamentação teórica desta pesquisa se deu por meio do estudo de diversos autores que têm como pontos chaves nas suas obras as temáticas do populismo na política brasileira, o contexto político mundial, a análise de discurso e a democracia, os sistemas políticos, entre outras. Para complementar buscamos as falas de Jair Bolsonaro apresentadas durante ao período pré-eleitoral de 30 dias, a saber, o que corresponde

de 15 de agosto de 2018 a 15 de setembro de 2018, as quais foram obtidas a partir de reportagens publicadas em três grandes veículos de comunicação. Para todos os fragmentos dos discursos procedemos uma análise particular que repousa na base teórica estabelecida no presente trabalho, além da investigação concernente às características salientadas. No **capítulo IV** estão todas as reportagens colhidas e analisadas. Adicionalmente, com vistas à completude da dissertação, partilhamos do resultado de entrevistas realizadas com profissionais da imprensa os quais faziam a cobertura política no Congresso Nacional ligada ao âmbito de atuação de Jair Bolsonaro, além de uma entrevista concedida pelo próprio presidente, na qual questionamo-lo a respeito de seu enquadramento na posição de populista.

Seguindo a orientação já admitida por outros políticos populistas, Bolsonaro não se considerou igualmente um político populista e afirmou que populismo seria um atributo característico do espectro político da esquerda. Na presente pesquisa exploramos as duas qualidades ideológicas do populismo, de direita e de esquerda, analisando suas diferenças e conexões e como estas estão sustentadas em estudos de outros pesquisadores.

O poder é o instrumento decisivo na mudança de rumos e destinos. Bolsonaro passa a deter dessa prerrogativa, tal como o é disponível ao posto máximo que ocupa em nosso país, notável pelo seus mais de 210 milhões de habitantes, contingente a mudanças de variadas espécies e níveis. Considerado por muitos “um mito”, não deixa de ser premente o fato de constituir Bolsonaro o modelo do clássico político populista, que soube entender a fragilidade do Brasil na intenção de assumir o seu comando. Dispersando frases de efeito, apresentando-se como diferente de todos, munido de soluções rápidas, fáceis e demagogas, Bolsonaro ganhou o carisma do eleitorado e atualmente, após mais de um ano de governo, permanece na linha eleitoral, quase como se embalado no ritmo de uma campanha constante. Não é de todo insensato conjecturar nova eleição de Jair Bolsonaro, apesar da série de circunstâncias nefastas apresentadas nesta pesquisa, e por sua vez ainda assegurado, naturalmente, da premissa populista de 2018.

1. O sistema democrático e suas diretivas

“Vejam, meu caro amigo, sob que aspectos se apresenta a tirania, dado que, quanto à sua origem, é quase evidente que se origina da democracia.” Diálogo de Sócrates e Adimanto, em *A República*, de Platão, publicado cerca 380 A.C. Essa citação é um retrato de uma discussão de filósofos gregos sobre a origem, a formação e características do sistema político denominado democracia. Este é um sistema estudado há séculos e que perdura os dias de hoje. Para os gregos a democracia é uma porta aberta à tirania, visto que propõe a liberdade dos sujeitos e a livre expressão de ideias. Schwarcz (2019) relembra que desde os gregos, democracia é definida como um processo efêmero que precisa ser sempre analisado, refeito e ampliado.

A palavra democracia tem sua etimologia no grego *demokratia*, composto por *demos* (que significa povo) e *kratos* (que significa poder). Desta forma, não podemos dizer que o povo é o poder. Democracia não é o equivalente a "demarquia" (povo + cabeça), que resultaria no povo como governante. Temos o exemplo de monarquia - *monó* (que significa um só) e *khía* (que significa chefe/cabeça). Em outros termos, a democracia, não é o governo do povo, posto que ele não está à cabeça. O povo é a noção ou a instância que pode legitimar a ação do poder. Para Jean-Jacques Rousseau o governo democrático tem a vantagem de poder ser estabelecido por um simples ato da vontade geral. Contudo, é exatamente este ponto - liberdade - que faz os gregos crerem que democracia e tirania estão em uma linha muito tênue.

Vários autores de todo o mundo, sejam americanos, latinos, europeus ou asiáticos elevam as qualidades da democracia e, inclusive, denominam este sistema como o melhor sistema político existente, justamente por ser o único que preserva a plena liberdade e respeita por inteiro os direitos humanos. Castillo (2006), europeu de origem espanhola, entende que a democracia é o melhor sistema político daqueles que existiram até agora, pelo menos pelos resultados que produz. Segundo ele a prova está em ver “em qual direção os barcos estão indo” (Castillo, 2006, p. 272), neste caso o autor se refere às frágeis embarcações, nas quais transportam imigrantes que arriscam suas vidas para mudar de país - todos eles Estados democráticos.

A prova da direção dos barcos é um índice bastante confiável de onde se vive melhor, dos quais os sistemas políticos são aqueles que contribuem para o bem-estar humano. (...) Os barcos não vão da Espanha para o Marrocos, de Europa para a África; não cruzam o Caribe para fugir dos Estados Unidos e se refugiar em Cuba. (...) Muitas pessoas, todas as que foram capazes, apostaram suas vidas e as de seus filhos, com grande probabilidade de perdê-las, para trocar de sistema político (Castillo, 2006, p. 272).

Uma pesquisa do Instituto Datafolha no Brasil¹ em 2018 mostrou que para 69% dos brasileiros democracia é sempre a melhor forma de governo - também é a melhor forma de governo para 84% dos eleitores com ensino superior. Já a mesma pesquisa feita, em 2020, pelo Instituto Datafolha no Brasil, demonstrou uma queda desse índice². Foram 62% dos brasileiros que responderam que a democracia é sempre a melhor forma de governo. Considerável ressaltar que o Brasil já foi uma ditadura militar, a qual perdurou mais de vinte anos. Para os autores brasileiros Clovis Gorczewski e Nuria Beloso Martin (2011), não há como dissociar a ideia de democracia com as de dignidade, liberdade e igualdade (2011).

Somente em uma democracia os direitos humanos podem ser efetivamente concretizados. O respeito aos direitos humanos está indissociavelmente unido à democracia, porque respeitar os direitos do homem significa respeitar sua liberdade de opinião, de associação, de manifestação e todas as demais liberdades que somente uma democracia permite. (...) A democracia ocidental é uma democracia respeitosa com os direitos humanos; direitos humanos que, desde o princípio, são universais (Gorczewski & Martin, 2011, pp. 80-81).

¹ Realizada no Brasil, nos dias 03/10/2018 e 04/10/2018, com 10.930 eleitores em 389 municípios. Registrada no Tribunal Superior Eleitoral como BR-02581/2018. Disponível em: <https://glo.bo/344uiKq>

² A pesquisa feita pelo Instituto Datafolha no Brasil em 2020, pode ser encontrada neste link: <https://bit.ly/3nYi4dW>

Já Bobbio (2006) define a democracia como sendo um conjunto de regras que estabelecem quem está autorizado a tomar decisões coletivas e com quais procedimentos fará isso. Para o autor, não há como definir democracia sem incluir a visibilidade ou a transparência do poder. Isto é, o poder deve ser visível para que possa ser controlado, pois o poder invisível é típico da autocracia. “A democracia é o governo das leis por excelência” (Bobbio, 2006, p. 171).

De fato, a democracia é o único regime de governo em que as decisões políticas estão com o povo, que em uma democracia representativa, elegem seus representantes por meio do voto, que tomam decisões em nome deles. Exprime, de certa forma, a liberdade da escolha. No entanto, segundo o Latinobarômetro³ de 2018, o apoio à democracia vem caindo em toda a América Latina. A insatisfação com a democracia cresceu de 51% em 2008 para 71% em 2018. O Brasil lidera o pessimismo com a democracia: “cai a satisfação de 49% em 2010 para 9% em 2018, com um colapso de 40 pontos percentuais”, diz o relatório. “Um país onde a satisfação com a democracia entra em colapso (...) é um país pronto para escolher um candidato que está localizado fora do *establishment* rompendo com tudo estabelecido”. Segundo o relatório de 2016, “a crise política do Brasil é um dos fatores que explica esse dado”.

Segundo alguns autores o perigo à democracia está neste momento. É o caso de Schwarcz (2019) que afirma que o ceticismo (em relação à política) e o vazio social (formado pela descrença política e na falta de representantes que, de fato, representem seu povo) adubam um terreno, que já é fértil, para a ascensão de pretensos outsiders, políticos autoritários, oportunistas e populistas, que afirmam ser melhores e diferentes dos demais, contudo, compartilham do mesmo jogo político e vivem dele há décadas. Na mesma linha, Mattos (2017), discorre que atitudes mais extremistas, com discursos mais radicais e reacionários, não tem muito apelo popular, no entanto, ganham força quando a situação política é instável e está em crise.

³ Link para consultar a pesquisa. Disponível em: <http://www.latinobarometro.org/lat.jsp> Acessado em: 03/07/2019 às 18h05min

As pessoas também estão exigindo cada vez mais a igualdade político-jurídica e a extinção de privilégios. Infelizmente, ainda hoje existem grupos de pessoas que saem às ruas pedindo a volta de regimes autoritários como meio de solucionar crises políticas ou alijar governos que não gostam; e isto está acontecendo após o período mais longo de democracia da história do país, no qual as instituições democráticas nunca estiveram tão fortes (Mattos, 2017, p. 43).

No Brasil foi possível ver este tipo de manifestação com centenas de pessoas que pediam por uma intervenção militar, caso houvesse essa aceitação, a democracia brasileira entraria em colapso. Mais uma trazendo à lume Schwarcz (2019):

Num momento em que achávamos que a democracia havia se consolidado como o melhor sistema político e como um valor fundamental — uma vez que ela tem como objetivo garantir a liberdade, a igualdade e um estado regular de direitos, a despeito de jamais consegui-lo plenamente —, temos assistido ao crescimento da intolerância social, no mundo e notadamente no Brasil (Schwarcz, 2019, PDF).

Platão já previa este desgaste da democracia. De acordo com o pensamento platônico, a democracia mesmo que ampliando a liberdade dos sujeitos, está fadada ao fracasso diante da sua fragilidade incontestada, quando dada tal liberdade, as pessoas têm o direito de escolher o seu representante, podendo assim entregar o poder para alguém que desfaça todo o movimento democrático e instaure um governo autoritário. De fato, através de uma análise histórica, é possível comprovar tal pensamento. Líderes eleitos subverteram instituições democráticas em países como Geórgia, Hungria, Nicarágua, Peru, Filipinas, Polônia, Rússia, Sri Lanka, Turquia e Ucrânia (Levitsky & Ziblatt, 2018), e um dos exemplos mais conhecidos é o de Hugo Chávez, na Venezuela, que foi eleito democraticamente.

Por conseguinte, devemos reconhecer, contudo, que a democracia representativa, a qual o ocidente está inserido, diante dos desafios que se apresentam no mundo contemporâneo, passa por dificuldades e obstáculos. Um dos principais desafios é a sua própria apatia em resolver a questão da participação efetiva dos cidadãos na vida social. Assim, abre caminho para a democracia participativa.

De qualquer maneira, a democracia, tal como a conhecemos hoje, é uma democracia representativa, baseada no sufrágio universal, livre, direto e secreto, no império da lei, na divisão de poderes e no respeito aos direitos humanos. Suas formas e procedimentos refletem a evolução das sociedades, ao menos a ocidental (Gorczevski & Martin, 2011, p. 81).

No entanto, a insatisfação ao sistema é contundente e pode enfraquecer este regime político abrindo espaço para discursos autocratas. É desta forma que democracias podem se debilitar, e isso, os filósofos gregos, como vimos, já previam. E, muito além do que Hitler fez na Alemanha, desmantelando rapidamente o sistema democrático, as democracias podem se acabar na mão de líderes eleitos, decaindo aos poucos, em etapas pouco visíveis pela sociedade (Levitsky & Ziblatt, 2018). “Desde o final da Guerra Fria, a maior parte dos colapsos democráticos não foi causada por generais e soldados, mas pelos próprios governos eleitos” (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 15).

É importante a contextualização da democracia diante de um dos mais renomados filósofos da história, para entender o contraponto deste sistema político. A crítica de Platão à democracia se dá por vários motivos, dentre eles, o argumento de que a maioria do povo não é o melhor deliberador do que seja o melhor curso para do Estado. Nas suas decisões e opiniões a maior parte das pessoas estariam sob o jugo do impulso, de seus interesses pessoais em detrimento do bem comum, de preconceitos e sentimentos desprezíveis para os juízos em questão. Mesmo na intenção genuína de fazer o mais correto estaria presente uma tendência emocional, nesse sentido, acabando por favorecer certos indivíduos em detrimento de outros. Em suma, como estariam numa situação de incapacidade para contemplar a realidade das coisas, estariam, por certo, sujeitas a emitir juízos pouco confiáveis. Com isso, Platão defendia que os únicos aptos a governar seriam os filósofos, pois teriam consciência do que é melhor para todos, sendo capazes de separar o conhecimento da opinião. A ideia de restringir àqueles que poderiam governar já diverge totalmente com a ideia principal da democracia, que é a previsão da liberdade. Atualmente, é contundente o argumento de que, qualquer indivíduo, sem especiais requisitos e condições, além da obtenção dos votos suficientes

em uma eleição, pode se candidatar a cargos eletivos (salvaguardando restrições de idade para determinados cargos, como por exemplo no Brasil, a idade mínima para o Senado Federal e para a Presidência da República é 35 anos, para governador 30 e para prefeitos, vereadores e deputados 21 anos). Isso abre precedente para a sociedade ter um governo relativamente não adequado, no entanto, foi totalmente livre para aquela escolha. Em o *Livro Urgente da Política Brasileira (2017)*, o autor relembra outro filósofo, desta vez, Aristóteles, “pupila” de Platão, que em consonância com determinados aspectos do pensamento platônico, alertava que:

(...) se em uma democracia o governo ficasse submetido diretamente à vontade do povo, sem limites ou regras, haveria o risco da tomada de decisões equivocadas e desastrosas, pois a maioria das pessoas não tem conhecimento para tratar diretamente dos assuntos do Estado e estão mais preocupadas com seus interesses pessoais do que com o bem-estar da coletividade; neste caso a democracia transformar-se-ia numa oclocracia, ou governo das multidões (Mattos, 2017, p. 67).

No entanto, salutar a época em que este sistema foi analisado e as infinitas críticas de historiadores, pesquisadores e, inclusive, filósofos, ao pensamento platônico relacionado à democracia. Contudo, séculos depois, pesquisadores e estudiosos constataam a crise na democracia, visto a incidência do povo na escolha de líderes políticos que tinham um discurso populista, travestido de autocrático.

(...) a ditadura ostensiva – sob a forma de fascismo, comunismo ou domínio militar – desapareceu em grande parte do mundo. Golpes militares e outras tomadas violentas do poder são raros. A maioria dos países realiza eleições regulares. Democracias ainda morrem, mas por meios diferentes (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 15).

O que os autores querem dizer, é que a própria sociedade coloca ditadores no poder, muitas vezes ingenuamente, cativadas pelo discurso ou raivosas com o sistema. Um dos maiores exemplos é o que aconteceu na Venezuela, quando Hugo Chávez foi eleito em 1998 democraticamente,

prometendo construir uma democracia mais ‘autêntica’, que usasse a imensa riqueza em petróleo do país para melhorar a vida dos pobres. Com habilidade, e tirando proveito da ira dos venezuelanos comuns, muitos dos quais se sentiam ignorados ou maltratados pelos partidos políticos estabelecidos (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 13).

Segundo o *Polity Project* (projeto que classifica o regime político dos países ao longo do tempo), em 1985 havia 42 democracias, onde moravam 20% da população mundial. Em 2015, o número saltou para 103, com 56% da população mundial (Levitsky & Ziblatt, 2018). Como uma forma de comprovar a efetividade deste aumento e entender o motivo dessa ampliação, usamos o autor Castillo (2006) que afirma que nos países em que “funciona a democracia liberal, existe mais bem-estar humano do que em nenhuma outra parte e em nenhuma outra época da história de humanidade” (p. 272).

Há ainda a famosa frase do historiador britânico, estadista e militar Winston Churchill: “Muitas formas de governo foram tentadas, e serão testadas neste mundo de pecado e aflição. Ninguém finge que a democracia é perfeita ou onisciente. De fato, diz-se que a democracia é a pior forma de governo exceto todas as outras formas que foram testadas de tempos em tempos”.

1.1. Democracia no Brasil

O Brasil, um país com uma história recente se comparado a países da Europa e Ásia, tem um histórico político interessante e marcado por períodos de monárquicos, queda de governo, lutas, revolução, ditadura e democracia. Iniciamos este capítulo com uma das frases emblemáticas do político e jurista brasileiro, nascido em 1849, Rui Barbosa. Da sua obra *Cartas de Inglaterra* (1896) saiu uma de suas mais memoráveis frases: “*A pior democracia é preferível à melhor das ditaduras.*”

Em 1822 o Brasil se tornou independente e a partir de então, até 1889, passou a viver no período imperial, cujo a forma de governo era uma monarquia, sendo governada por um imperador (o primeiro deles Dom Pedro I) e transmitida de maneira hereditária.

Dentre as três formas de governo “puro”, segundo o filósofo Aristóteles, - Monarquia, República e Anarquia, o Brasil passou por duas, excluindo-se a anarquia. Em 1889, houve a queda da Monarquia de Dom Pedro II com um golpe militar que conduziu à Proclamação da República. De acordo com Alves (2000), a República não trouxe expressivas mudanças para grande parte dos brasileiros. A diferença de classes ainda era exorbitante e não existiam quaisquer políticas para a diminuição da desigualdade. O período denominado Primeira República teve seu fim em 1930 (1889-1930), devido a quantidade de movimentos sociais que exigiam melhor condições sociais e o avanço da cidadania. Esta fase aparentava ares democráticos, no entanto, não tinha qualquer movimento em busca da liberdade e igualdade. E, para Cambi (2014), a democracia é um sistema que regula, formaliza e legitima o exercício do poder, além de proteger as minorias e assegurar os direitos de participação de todos, propondo um sistema igualitário que propõe a liberdade individual para a sociedade. Ou seja, se considerarmos a ideia do autor, é possível afirmar que o período da Primeira República não se tratou de um sistema político democrático.

Em 1930, Getúlio Vargas assume o poder através da chamada *Revolução de 30 - ou Golpe de 1930*, que foi um movimento coordenado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul que depôs o então Presidente da República Washington Luís. A partir daí iniciou a *Era Vargas*, que perdurou por 15 anos no país. Para Queiroz (2006), “o Estado Novo teve um perfil totalitário, mas sem incorporá-lo na plenitude” (p. 125), isso porque foi um período marcado por ampliação de direitos (trabalhistas, voto feminino), além de garantir pela Constituição liberdades civis, contudo, o governo apresentava traços ditatoriais. Segundo Alves (2000), o governo de Getúlio Vargas foi a primeira forma de ditadura declarada no Brasil. Em 1937, iniciou o período do Estado Novo - ainda dentro da *Era Vargas*, no qual o Congresso Nacional foi dissolvido e os governadores de Estados foram substituídos por interventores, havia censura à imprensa e movimentos, como os de pró-comunismo, eram barrados, essas características estão plenamente inseridas em um governo ditatorial. Foi somente com o fim da Era Vargas, em 1946, que o Brasil teve a primeira experiência autêntica de democracia, com a promulgação da Constituição de 1946. No documento estava

previsto o mandato presidencial de cinco anos, ampliação da autonomia de estados e municípios, além de prever liberdade de opinião e de expressão. Existiam eleições regulares e as pessoas eram aptas a votar livremente nos seus representantes. Contudo, este período não durou muitos anos e foi interrompido pelo Golpe de 1964, que culminou em um período de 20 anos de ditadura no Brasil.

O golpe militar de 1964 fez o Brasil entrar numa fase bastante sombria da sua história. Os militares passaram a controlar o poder. Suas preocupações básicas eram a segurança e o desenvolvimento. Para garantir a segurança, violentaram os direitos políticos e civis. Amordaçaram a oposição e instalaram a paz dos cemitérios (Ferreira, 1997, p. 164).

A intervenção militar não foi um ato exclusivamente dos militares, ela contou com o apoio da sociedade civil e, inclusive, do Congresso Nacional, que oficializou a derrubada do presidente constitucionalmente eleito. Durante este período, os partidos foram dissolvidos, restando apenas dois - Arena e MDB, determinando assim o sistema bipartidário, com o intuito de controlar a oposição. Posicionamentos claros de um regime ditatorial. Em 1985 teve fim a ditadura no Brasil e em 1988 foi promulgada a Constituição Federal que está em vigor até hoje. Segundo Souza (2006), essa é a constituição mais democrática e liberal da história do país, pois, após o período ditatorial, ela foi o fundamento de direitos dos cidadãos, anteriormente negados e, principalmente, concedeu a liberdade aos brasileiros para participar na vida política do país, além de permitir que emendas populares fossem incorporadas ao texto. A partir de então, o Brasil está com um sistema político democrático, pluripartidário, em uma democracia representativa, com voto obrigatório para maiores de 18 anos, com eleições de dois em dois anos, sendo as de âmbito estadual e federal (presidente, governador, senador, deputado estadual e deputado federal) em um pleito (de quatro anos, com exceção de senador que são oito anos), e as de âmbito municipal (vereador e prefeito) em outro, também de quatro anos. Este é o período mais longo de estabilidade democrática no país. Há mais de trinta anos o Brasil vive seu regime democrático, onde houve momentos emblemáticos na sua história política. O impeachment de Fernando

Collor de Mello em 1992, culminado por denúncias de envolvimento em corrupção, foi aprovado pela Câmara dos Deputados, e, em dezembro do mesmo ano, antes de ser condenado, Collor renunciou o posto e Itamar Franco, seu vice, assumiu a Presidência.

Em 2016, o Brasil passa por outra situação de *impeachment*, desta vez, ainda recente, há controvérsias sobre a legitimidade do afastamento da então presidente Dilma Rousseff. De acordo com o Instituto de Estudos Políticos de Paris (Sciences Po), na revisão anual de 2016 da vida política na América Latina⁴, o impeachment foi realizado de "maneira brutal, abusiva e indecente" e "teve o efeito de reforçar a polarização política e fragilizar as instituições democráticas".

Foram dois momentos de enfraquecimento da democracia recente no país. O acontecimento gerou uma maior instabilidade política, descrédito da população e novos escândalos de corrupção. A partir de então, assume a Presidência o vice Michel Temer, que em seguida vira réu em vários processos de corrupção, fazendo com que a instabilidade financeira e política ficasse ainda mais expoente. A crise política brasileira se consolidou a partir de então e, junto dela, a polarização faz parte da sociedade, que está claramente dividida (e se auto divide) entre esquerda e direita.

A crise travou as instituições, fez o PIB despencar de um crescimento anual de 7,6% em 2010 para 0,1% em 2014, menos 3,8% em 2015, menos 3,6% em 2016, e 1% em 2017, consumiu os empregos formais e endividou as famílias. A crise alimentou a curiosidade dos cientistas sociais interessados em desvendar a razão de tamanha polarização política num país que, apesar de sua história extremamente violenta, realizou suas principais transições, incluindo-se a independência, a abolição da escravatura e a proclamação da república no século XIX, bem como a superação das ditaduras do século XX, não através de revoluções, mas de acordos entre as elites (Costa, 2018, pp. 499-500).

⁴ O estudo completo pode ser encontrado no site <https://bit.ly/33ZspOV> na sessão LAPO 2016. A referência completa se encontra na bibliografia desta pesquisa.

O quadro sociopolítico brasileiro hoje é composto por vários itens. Entre eles: a polarização social e ideológica, mobilização popular e estudantil, crise política e fiscal e quadro econômico de recessão (Santos & Swako, 2016). Um dos perigos que ameaçam a democracia é a polarização. Schwarcz (2019) destaca que a polarização, é um fenômeno que tem “o poder de matar a democracia, gerar uma retórica da divisão e eleger apenas demagogos que não representam os desejos de justiça, segurança, ética, igualdade”. Desde 2016, no Brasil, há movimentos de protestos que claramente se dividem em dois grupos: aqueles que defendem um governo com princípios de esquerda; e aqueles que não querem mais um governo de esquerda. “O enfraquecimento de nossas normas democráticas está enraizado na polarização sectária extrema – uma polarização que se estende além das diferenças políticas e adentra conflitos de raça e cultura” (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 20).

A eleição do Brasil de 2018 foi histórica por vários aspectos: a primeira eleição depois do impeachment de Dilma - que ainda é questionado; mudança nas regras eleitorais e no financiamento de campanha; escândalos de corrupção atingindo todos os partidos expressivos no Congresso, resultando em um enfraquecimento de nomes para possíveis candidatos; prisão do ex-presidente Lula - que liderava as pesquisas eleitorais; e o surgimento de um nome para a Presidência representando a extrema direita e defendendo valores deste movimento explicitamente - ação sem precedentes na democracia do Brasil. Todos esses fatores foram inéditos, o que correspondeu a uma eleição também atípica.

O nome de Jair Bolsonaro como representante da extrema-direita não surgiu à toa. A crise é uma alavanca -e abre espaço- para a extrema-direita, mas isso não é regra (Löwy, 2015). Pode ser um fator raso, economicista, posto que na Espanha e em Portugal, dois dos países mais atingidos pela crise, seguiram com a extrema-direita beirando à marginalidade. No entanto, na Suíça e na Áustria, dois países desenvolvidos, poupados pela crise, a extrema-direita mantém o apoio de parte da população (Löwy, 2015, p. 657). Contudo, a extrema-direita no Brasil viu um espaço na política que poderia ser preenchido, visto que as pessoas estavam cansadas de política e dos políticos e

apresentou uma ideia, a qual realmente os brasileiros não estavam acostumados a ouvir - o que para muitos foi chocante.

O elemento mais preocupante da extrema-direita conservadora no Brasil, que não tem um equivalente direto na Europa, é o apelo aos militares. O chamado a uma intervenção militar, o saudosismo da ditadura militar, é sem dúvida o aspecto mais sinistro e perigoso da recente agitação de rua conservadora no Brasil (Löwy, 2015 p. 663).

Estes foram aspectos presentes no discurso de Jair Bolsonaro na eleição de 2018, militar da reserva, que serviu no período da ditadura. E “o paradoxo trágico da via eleitoral para o autoritarismo é que os assassinos da democracia usam as próprias instituições da democracia – gradual, sutil e mesmo legalmente – para matá-la” (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 18). Este espaço se deu pela frustração, raiva, desilusão e medo da sociedade, e essas emoções acabam por fundamentar o voto contra o sistema vigente, buscando uma solução, mesmo que ela esteja em um ideal do passado (Galito, 2017). Bolsonaro expôs isso claramente há mais tempo. No seu terceiro mandato na Congresso Nacional afirmou que “sou a favor, sim, de uma ditadura, de um regime de exceção, desde que este Congresso Nacional dê mais um passo rumo ao abismo, que no meu entender está muito próximo” (input Oyama, 2020).

Para alguns autores, através dos aspectos já mencionados, a democracia pode estar em perigo. Para Löwy (2015), qualquer que seja a transformação e modernização da extrema-direita, ela ainda representa uma ameaça real à democracia (p. 656). “No Brasil é uma velha tradição, desde os anos 1940, dos conservadores: levanta-se a bandeira do combate à corrupção para justificar o poder das oligarquias tradicionais e, segundo o caso, legitimar golpes militares” (p. 662). Neste seguimento, Schwarcz (2019) pontua essa característica brasileira e concorda com Löwy:

É esse passado que vira e mexe vem nos assombrar, não como mérito e sim tal qual fantasma perdido, sem rumo certo. O nosso passado escravocrata, o espectro do colonialismo, as estruturas de mandonismo e patriarcalismo, a da corrupção renitente, a discriminação racial, as manifestações de intolerância de

gênero, sexo e religião, todos esses elementos juntos tendem a reaparecer, de maneira ainda mais incisiva, **sob a forma de novos governos autoritários** [GRIFO NOSSO], os quais, de tempos em tempos, comparecem na cena política brasileira (Schwarcz, 2019).

Assim para Mattos (2017), quando a sociedade se torna vulnerável ao medo e à incerteza sobre o futuro, governos autoritários sobem ao poder com a promessa de restabelecer a ordem. Para Galito (2017), o populismo, se visto positivamente, traduz a vontade da maioria, no entanto, quando visto de uma perspectiva negativa, “pode colocar em perigo a democracia” (2017, p. 6). “Demagogos extremistas surgem de tempos em tempos em todas as sociedades, mesmo em democracias saudáveis” (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 17). É diante disso que relembremos o que os gregos já alertavam e que trouxemos à lume no início da presente pesquisa: a democracia precisa estar sendo vigiada, aprimorada e, jamais, estagnada.

2. O fenômeno do populismo no mundo atual e sua contextualização política

2.1. O que é populismo?

O populismo – política de massas ou movimento nacional popular, como também é chamado - desafia qualquer definição exaustiva. Um traço característico persistente na literatura é justamente a dificuldade de se atribuir um significado preciso ao conceito (Gorczevski, Martin, 2011 pp. 173 e 174).

O termo populismo, em alguns países, já foi abolido pela imprensa. O motivo desse feito é a falta de êxito em encontrar uma real tradução para a palavra sem que haja significados ambíguos e paradoxais. Para este trabalho foi realizada uma entrevista com o jornalista Paulo Trevisani, repórter do *Wall Street Journal* - jornal americano que tem sede em Brasília/DF, no Brasil, e durante a entrevista, quando questionado sobre *populismo*, explicou que os editores-chefes do jornal em Nova York entendem que “a palavra tem pouco significado. (...) Como o nosso trabalho é informar, chegamos a conclusão que a palavra *populista* não informa tanto”, explicou o jornalista (Brasília, 2018, apêndice 7).

Cientistas políticos, pesquisadores e autores de diferentes partes do mundo debatem o sentido da palavra *populismo*. E, para tornar ainda mais difícil a busca incessante por essa significação, que atualmente está cada vez mais presente no cotidiano social, o cientista político holandês, especialista em extremismo político e populismo na Europa e nos Estados Unidos, Cass Mudde (2017), explica que o significado de populismo é **relativo**, pois depende do **contexto** em que é abordado - fator que influencia a sua definição.

Em diferentes regiões do mundo, o populismo tende a ser equiparado, e às vezes confundido, com fenômenos bastante distintos. Por exemplo, no contexto europeu, o populismo muitas vezes se refere à anti-imigração e à xenofobia, enquanto na América Latina frequentemente alude ao clientelismo e à má administração econômica (Mudde, 2017, p. 2).

O escritor e jornalista estadunidense John Judis (2017) vai ao encontro de Mudde (2017) e aponta diferenças apresentadas entre discursos de políticos considerados, por ele, populistas, oriundos de diferentes lugares e situações.

A principal diferença entre os populistas **americanos** e os **europeus** é que enquanto os partidos e as campanhas na América aparecem e desaparecem rapidamente, alguns partidos populistas europeus já se mantêm há décadas (Judis, 2017, p. 90).

Para Judis (2017), o populismo na Europa é uma característica consolidada, enquanto na América precisa de espaço no contexto social para surgir e ter força. Em seguida entraremos no aspecto do contexto, abordado por outros autores.

Para chegarmos a uma única definição que possa abranger o real significado dessa palavra - ainda muito estudada e utilizada massivamente, é necessário observar o cenário como um todo - considerando: tempo, localidade, estrutura política, momento social e econômico, histórico, e, paralelo a isso, analisar conceitos descritos e defendidos por diferentes autores e pesquisadores para então, encontrar afinidades e enfim, um - ou mais - significados.

O populismo nada tem de moderado. Nem sempre foi considerado um termo pejorativo. A sua notoriedade depende da **época**, da **região** e da **ideologia** de quem o pratica ou comenta. Pode ter características regionais adaptadas à cultura e à religião dominantes, para melhor aceder aos recursos (riquezas territoriais) ou ao poder (controlo sobre as populações) mas, sob perspectiva macro, desenha um padrão comum que se repete: **tende para o extremismo, é oportunista e anti-sistêmico** [GRIFO NOSSO] (Galito, 2017, p. 23).

Galito (2017) se refere ao extremismo, enquanto que os autores Levitsky & Ziblatt (2018), na mesma ideia, associam o populismo a um regime autoritário.

Que tipo de candidato tende a dar positivo no teste do autoritarismo? Com grande frequência, os outsiders populistas. Populistas são políticos antiestablishment – figuras que, afirmando representar a “voz do povo” (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 33).

Quando abordamos o autoritarismo, determinados regimes divagam em nosso pensamento, tais como o período nazista e fascista. O pesquisador argentino Avraham Milgram (2019) que há três décadas estuda o Museu do Holocausto, em Israel, afirma que o populismo não deve ser confundido com fascismo, apesar de apresentarem suas características em comum como líderes carismáticos, identidade nacional e crise socioeconômica. Em entrevista para o jornal *BBC News Brasil*⁵, em abril de 2019, Milgram afirma que "todos esses líderes populistas atuais não criaram organismos paramilitares armados para eliminar seus inimigos e guardar de forma brutal e violenta o regime" (Milgram, 2019). Da mesma forma, a Confederação Israelita do Brasil⁶ e o Comitê Judaico Americano⁷ criticam o uso político de termos relacionados ao Holocausto, utilizado sucessivas vezes por autoridades brasileiras, dentre elas, o atual Presidente da República, Jair Bolsonaro⁸.

Contudo, o professor de filosofia da Universidade de São Paulo (USP), Vladimir Safatle, defende que o termo fascismo deve ser visto de forma ressignificada. Em vídeo publicado no canal do YouTube, Safatle (2019) afirma que:

É importante nós não termos uma abordagem meramente histórica do fascismo, ou seja, descrever o fascismo simplesmente como um fenômeno histórico que ocorreu nos anos 30, na Europa, principalmente na Alemanha, na Itália. E sim ter uma abordagem estrutural, ou seja, como uma espécie de latência das democracias liberais. [...] Acho importante isso para poder justificar o porquê de se usar o termo hoje (Safatle, 2019).

⁵ A entrevista foi retirada do site *BBC News* no dia 28 de maio de 2020 e está disponível nas referências da presente pesquisa.

⁶ A nota de repúdio da Confederação Israelita do Brasil pode ser conferida neste link: <https://www.conib.org.br/conib-condena-comparacao-de-inquerito-do-stf-a-noite-dos-cristais/>

⁷ A manifestação foi feita via *Twitter* e pode ser conferida neste link: <https://twitter.com/AJCGlobal/status/1265796603220299784?s=20>

⁸ O presidente Jair Bolsonaro, em manifestação em um evento evangélico no Rio de Janeiro, afirmou que era necessário "perdoar, mas não esquecer" o Holocausto. Ele foi repudiado por israelenses. A informação pode ser conferida neste link: <https://bit.ly/352ozUr>

Para Safatle (2019) é um equívoco substituir o termo fascismo por populismo, apesar de, concordando com Milgram (2019), entender que apresentam semelhanças. Ele ainda afirma, no vídeo, que o Brasil tem tendências fascistas, pois vive um culto paranóico de estado-nação.

Mais adiante veremos que Jair Bolsonaro, o objeto da presente pesquisa é um instrumento de latência da democracia, ou seja, é importante ter claro os dois termos: fascismo e populismo, para assim buscarmos entender as tendências do discurso de Bolsonaro. Para Schwarcz (2019),

a emergência dessa onda de governos conservadores, que inundaram a política contemporânea, não se limita a retornar ao passado, nem funciona como mera reencarnação dos fascismos e populismos perdidos na história da primeira metade do século XX. O certo é que se trata de fenômeno tão moderno como complexo (Schwarcz, 2019).

Estaríamos tratando de um novo momento histórico Fascista? Propomos aqui o termo Fascismo 2.0, na sua ressignificação, que por sua vez poderia descrever o presente momento do século XXI, em que observamos uma onda política de populistas com características autoritárias no poder, eleitos democraticamente, mas que, por conseguinte, tendem a corroer o sistema e estabelecer suas próprias ordens.

Do ponto de vista linguístico, o linguista francês e especialista em análise do discurso, Patrick Charaudeau (2016, p. 107), afirma que **“o populismo é, antes, uma questão de discurso”**, ou seja, independente de época, região e ideologia, a base do *populismo* está na expressão pessoal, ou seja, no *discurso*, que para o filósofo e sociólogo Jürgen Habermas (2012) nada mais é do que ação comunicativa (ato de comunicar) + argumentação. Charaudeau (2016) afirma que o discurso político é um discurso sedutor e de persuasão (2016, p. 79), todavia, o estigma do populismo pode estar inserido nesta falácia, como forma de estratégia.

Convém considerá-lo [o populismo] mais como uma estratégia a serviço de uma tomada do poder que se desdobra de maneira mais ou menos exacerbada no interior do jogo democrático (Charaudeau, 2016, p. 116).

Queiroz (2006) fala sobre a influência do discurso na tomada de decisões, sendo essas, definitivas em um momento de campanha eleitoral. Ou seja, a estratégia na qual o linguista francês Charaudeau acaba de se referir, passa diretamente por um discurso bem feito capaz de alterar escolhas pessoais. “Por sua vez, por meio do discurso - ação verbal dotada de intencionalidade - tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer que compartilhe algumas de suas opiniões” (Queiroz, 2006, p. 41).

Um questionamento é levantado, quando referimos à estratégia, na qual Charaudeau (2016) expõe. Considerando seu sentido - de discurso e argumentação - voltado à tomada de poder, seria **democraticamente** correto? Neste trabalho, analisamos o sentido do populismo inserido em discursos políticos e não em outros fatores. Com isso, é evidente que em uma campanha eleitoral candidatos elaboram suas estratégias sejam de ação ou de discurso. A base dessa estratégia pode vir de diferentes maneiras, fundamentada em algum estudo, investigação ou pesquisa, que tenham a finalidade de entender quais pontos carecem de atenção do poder público, quais os principais anseios da população e qual a melhor maneira de se comunicar com esses eleitores, transmitindo a mensagem desejada. Seria então o populismo um disfarce de comportamento e de linguagem, o qual determinados candidatos adotam, para atingir seu objetivo final - que é vencer uma eleição? Se o estudo realizado previamente para estabelecer a estratégia de candidatura, e este aponta para uma linguagem populista, quer dizer que a população/eleitores anseiam por um ‘discurso populista’? Os candidatos são ou estão populistas? É um disfarce? Uma estratégia? Ou é uma característica daquele próprio ser? Parmênides, filósofo grego de 500 a.C., Aristóteles, filósofo grego de 300 a.C. e Georg Wilhelm Friedrich Hegel, filósofo alemão do século XVII são exemplos de filósofos que já discutiam o “ser” no sentido de “ser ou estar”. Paratanto, as questões de ser ou estar, são uma discussão milenar, que neste trabalho não será abordada por ser uma discussão a parte do tema desta pesquisa.

Se formos considerar o parecer de Charaudeau (2016), considerando o populismo uma questão de discurso, os políticos apontados populistas **estão** populistas. E escolhem estar populistas e adotar esse tipo de comportamento por entenderem o contexto atual da sociedade. Da mesma forma, a autora Galito (2017) argumenta que: o **contexto** importa.

Assim como ela, Charaudeau (2016) também fala sobre a significância de uma palavra ou discurso (ou sentido de discurso) presente em determinado contexto social.

Evidentemente, é preciso estudar os contextos. (...) As palavras nada significam em si. Isoladas, só apontam para o que dizem, não para o que significam. Pois há as palavras e o que está implícito nas palavras, e o que está implícito nas palavras depende de outras palavras, das condições em que foram enunciadas, de sua enunciação. **É na situação de enunciação que as palavras revelam os pensamentos, as opiniões e as estratégias daquele que as emite** [GRIFO NOSSO] (Charaudeau, 2016, p. 21).

Considerando o **contexto**, de Galito (2017), o **discurso**, de Charaudeau (2016) e o período das eleições presidenciais do Brasil, em 2018 com o resultado obtido, Mattos, um autor brasileiro, em 2017, já acreditava que:

o brasileiro sempre achou que surgiria um **salvador da pátria** [GRIFO NOSSO] que iria acabar com a corrupção no país. É como se acreditasse que a vontade de alguém honesto e honrado fosse suficiente para eliminar a corrupção política em todos os poderes e cantos do Brasil (Mattos, 2017, p. 83).

Além de Mattos, outros autores se referem ao político populista também como uma pessoa que se torna uma figura **aclamada pela sociedade**, com a capacidade de resolver todos os problemas e que torna a sua imagem cultuada entre seus eleitores. Essas características foram vistas na campanha presidencial de Jair Bolsonaro, que entre seus eleitores é chamado de *mito*. Em contraponto, outro exemplo também do Brasil é Luís Inácio Lula da Silva - Lula, que é ídolo para determinada parte da população - mais identificados com o eixo da esquerda política. Ambos têm discursos de fácil

entendimento e suas imagens cultuadas pelas pessoas. Cito: “Para uns, os populistas são o inimigo, para outros são heróis da população” (Galito, 2017, p. 26).

O líder se apresenta como *salvador*, o mal toma ares de catástrofe, às vezes apocalíptico, para fazer sentir ao povo sua condição de *vítima*, os responsáveis são *satanizados em culpados*, os valores são exaltados por seu efeito identitário (Charaudeau 2016, p. 107).

Da mesma forma, Carone (2002) aponta alguma característica:

A primeira estratégia [...] é apresentar-se como lobo solitário. Como alguém que está só, que não é financiado por forças externas e que ainda luta contra essas forças. Um homem com as melhores “qualidades” possíveis (herói, íntegro, verdadeiro etc.), mas “tão carente de recursos e meios materiais como aqueles a quem se dirigia” (Carone, 2002, p. 199).

Contudo, Carone (2002) nesta citação, se refere a características de um líder *fascista*. Veríamos então características semelhantes entre um discurso populista e um discurso fascista. Propriamente podem não ser iguais, mas diante disso é possível afirmar que apresentam equivalências.

É notório perceber que os autores, quando caracterizam o *populismo*, não divergem entre si, sobretudo, complementam diferentes ideias. A exemplo de Galito que afirma: “o populismo pode ser maquiavélico, instrumental, incendiário e perigoso (...) o populismo é anti-sistémico. (...) É causa ou consequência do caos instalado, e, regra geral, não contribui para melhorar a situação” (2017, p. 23) E Cas Mudde (2017) que sustenta que “o populismo alude ao comportamento político amadorístico e não-profissional que visa maximizar a atenção da mídia e o apoio popular” (2017, p. 4). Enquanto para o cientista político francês, Guy Hermet (2008), “o que na verdade define o populismo é seu caráter antipolítico, isto é, a controvertida promessa de satisfazer de forma imediata e sem revolução às necessidades populares” (2008, p. 174). As ideias dos autores não são contraditórias entre si, mas têm nuances diversas que podem ser denotadas - não no mesmo universo da linguagem - em discursos de políticos considerados populistas.

“Do lado positivo, o populismo traduz ‘a verdadeira vontade da maioria’; sob perspectiva negativa, ‘pode colocar em perigo a democracia’” (Galito, 2017, p. 6).

2.1.1. Populismo de direita x Populismo de esquerda

O populismo seja ele de direita ou de esquerda apresenta características comuns aos dois lados (Ianni, 1989, p. 19), contudo partem para expressões, ações e defesas de grupos sociais distintos.

Todos os movimentos, partidos e governos populistas, juntamente com as suas controvérsias doutrinárias, têm o caráter de reações ideológicas e práticas, conforme o país e o contexto da ocasião, às mudanças econômicas, sociais e políticas provocadas pela formação do capitalismo industrial e a urbanização de cunho capitalista (Ianni, 1989, p. 19).

Segundo Judis (2017) o populismo é oriundo dos Estados Unidos e veio a se espalhar para a América Latina e para a Europa. Ianni (1989), por sua vez, defende que características populistas apareceram na Rússia primeiramente (p. 18). De acordo com ambos escritores, os políticos, partidos e discursos considerados populistas apresentam semelhanças, mas não se é possível ter características exclusivas em todos (2017, pp. 14 e 17). Isso porque, além de depender de fatores externos - já citados, outro ponto a influenciar o significado do populismo é a *ideologia*. Judis afirma que o *populismo* não é uma ideologia, no entanto, ele atua nos dois âmbitos políticos - esquerda e direita - e, para ele, “é uma lógica política, uma maneira de pensar sobre a política” (2017, p. 15). Em contraponto, para o holandês Cas Mudde (2017) o *populismo* pode sim ser “uma ideologia, um movimento e até uma síndrome” (p. 2). Já a autora e doutora em Ciência Política, a portuguesa Maria Sousa Galito (2017), atribuiu ao populismo três diferentes linhas de investigação, tratando-as como as suas principais vertentes. São elas: ideologia política, estilo político e estratégia política.

Até prova em contrário, (o populismo) é um programa político **difuso** a favor dos direitos e garantias do ‘povo’ numa Democracia. Neste sentido, pode ser um tipo de **discurso**, uma **ideologia** ou uma **estratégia** política, ou as três coisas ao

mesmo tempo. A propaganda e os meios de comunicação são veículos que o disseminam (Galito, 2017, p. 23).

Ao tratar da ideologia, o populismo de esquerda, para Judis “defende **o povo contra uma elite ou o establishment**, o poder instituído. A sua política é vertical, dos estratos inferiores e médios contra o topo” (2017, pp. 15 e 16), sendo assim um populismo diádico. Da mesma forma, Galito (2017) afirma que o populismo de esquerda é sempre a favor das classes menos favorecidas e o grupo em combate é a “elite de direita que governa de forma corrupta e que supostamente deve ser combatida pelo sofrimento que impinge à maioria” (p. 10) Charaudeau (2016) complementa: “o populismo de esquerda aspira a uma solidariedade social que implica a luta contra os lucros individuais” (Charaudeau, 2016, p. 117). Quanto ao populismo de direita, o discurso tem outro foco e direcionamento.

Os populistas de direita defendem o povo contra uma elite que acusam de favorecer um terceiro grupo, que pode ser constituído, por exemplo, por imigrantes, islamitas, ou militantes afro-americanos. O populismo de direita é **triádico** (Judis, 2017, pp. 15 e 16).

O linguista francês, Patrick Charaudeau (2016), quando diferencia o populismo de direita e o de esquerda, busca a significação na terminologia marxista, pois afirma que o populismo de esquerda é revolucionário, enquanto o de direita é reacionário (2016, p. 118). Na terminologia marxista, reacionário é usado como um termo pejorativo para designar as pessoas que se opõem ao socialismo. E, complementando a ideia dos autores, Galito (2017) ainda ressalta:

Se for um fenômeno de direita, almeja defender a ‘**maioria silenciada**’ que não consegue afirmar a sua cultura ou que precisa ser protegida de uma ameaça exterior. O de direita (populismo) é obcecado pela necessidade de recuperar ou **reafirmar valores** culturais, religiosos ou sociais, **relacionados com a pátria** e/ou a nação, a identidade, o reconhecimento e o papel de determinado povo no mundo (2017, pp. 10 e 11).

Nessa ideia da autora, conseguimos visualizar claramente exemplos populistas no século XXI, além de ter nomes em eleições recentes na América - tanto do Sul quanto do Norte, que se utilizaram massivamente do termo *“maioria silenciada”* durante seus discursos em campanhas presidenciais, além de referirem a si próprios como salvadores da **pátria** diante de seus eleitores. São eles os dois presidentes eleitos nas últimas eleições, nos Estados Unidos da América e no Brasil, Donald Trump e Jair Messias Bolsonaro respectivamente.

“Essa pátria é nossa. Não é dessa gangue que tem uma bandeira vermelha e tem a cabeça lavada”, falou Jair Bolsonaro, em um de seus discursos antes do 2º turno das eleições, em 2018.⁹ Quando profere a frase *“gangue que tem uma bandeira vermelha”*, Jair Bolsonaro está se referindo ao Partido dos Trabalhadores (PT), o qual tem como símbolo a bandeira vermelha com estrela amarela. Esse tipo de narrativa foi recorrente durante os meses pré-eleitorais e eleitorais na campanha de Jair Bolsonaro - alguns pontos serão citados ao longo deste trabalho.

Para mais, nesta fala de Jair Bolsonaro além da referência à **pátria**, em consonância com a característica apresentada por Galito (2017), é possível encontrar outra peculiaridade, também apontada como populista, dessa vez pelos autores Levitsky & Ziblatt (2018). Jair Bolsonaro se refere ao Partido dos Trabalhadores de forma afrontosa, os tipificando como *“cabeça lavada”*. Para os autores, *“populistas tendem a negar a legitimidade dos partidos estabelecidos, atacando-os como antidemocráticos e mesmo antipatrióticos”* (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 33).

A autora Galito (2017) acredita que uma fala populista busca diversos elementos-chave que possam unir a maioria a seu favor, independente de que maioria for essa. Charaudeau (2016) concorda quando afirma, se referindo novamente ao discurso, que *“o candidato deve jogar com estratégias discursivas para tornar-se credível e atrair o maior número de eleitores”* (2016, p. 74). Além disso, o mesmo autor ainda destaca que

⁹ Fala citada na matéria do site UOL, pela fonte da agência Reuters. Acessado em 31/10/2019. <https://bit.ly/3j6qjRA>

“o político (populista) produz um discurso destinado a *reparar o mal existente*, por encantações mais ou menos mágicas sobre a identidade do povo” (Charaudeau, 2016, p. 95).

Sabido o resultado das eleições presidenciais do Brasil em 2018, é de claro entendimento destacar que a estratégia - discursiva, argumentativa e de ação, de Jair Bolsonaro, foi exitosa, quando ganhou com 55,13% dos votos válidos.

Está inerente um voto de revolta contra o sistema, impulsionado pela raiva que luta contra algum tipo de injustiça e, em consequência, transfere as culpas para uma entidade paralela (para o Estado, as elites, o governo, etc.) (Galito, 2017, p. 15).

Da mesma forma, Charaudeau (2016) destaca quais os tipos de eleitores decidem uma eleição, que acontece em um momento conturbado, como o do Brasil. Para mais, concorda com Galito quando aponta a culpa da situação para algum terceiro e se deixa levar por um discursos simplista, superficial, mas que tem carisma e toca exatamente nos pontos onde a sociedade mais carece, mesmo que seja sem estratégia prática de fato.

O eleitorado dos ‘não contentes’, então, é muito sensível aos **líderes carismáticos**, tanto de direita como de esquerda, que sabem denunciar a degradação do bem-estar social e estigmatizar os responsáveis pela crise, prometendo grandes rupturas. Em resumo são decisivos: o grosso batalhão dos ‘*flutuantes*’ que se deixam seduzir por promessas suscetíveis de atender às suas preocupações cotidianas; e os ‘*não contentes*’, imprevisíveis, pois são capazes de mudar de lado ou de chegar ao extremismo segundo o carisma do candidato (Charaudeau, 2016, pp. 55 e 61).

2.2. O populismo na América Latina

A América Latina tem grandes nomes na política reconhecidos pelo seu discurso populista. Juan Domingo Perón, na Argentina (1946-1955), Getúlio Vargas, no Brasil (de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954), Lázaro Cárdenas, no México (de 1934 a 1940), Hugo Chávez, na Venezuela (de 1999 a 2013) e Luís Inácio Lula da Silva, também no Brasil (de

2003 a 2011), são nomes clássicos populistas. Esses governos ficaram conhecidos como *peronismo*, *varguismo*, *cardenismo*, *chavismo* e *lulismo*. O momento político atual será conhecido como *bolsonarismo*? Há grandes indícios que sim.

É necessário reconhecer a importância histórica do populismo na América Latina, que contou com líderes importantes e carismáticos (...) todos eles conhecidos como “**heróis do povo**”, “pais dos pobres” e designações semelhantes (Mattos, 2017, p. 53).

Fonseca & Monteiro (2005) destacam que foi a partir de 1930 que o fenômeno populista chegou à América Latina. Contudo, foi no segundo governo de Getúlio Vargas, no Brasil, que características populistas foram mais aparentes e, de fato, tomaram a posição de persuasão de linguagem.

O segundo governo de Vargas (1951-54) e o governo de João Goulart (1961- 64) são usualmente considerados como os exemplos mais típicos do populismo no Brasil, fenômeno presente em vários países latino-americanos a partir da década de 1930 (Fonseca & Monteiro, 2005, p. 216).

Contudo, de acordo com outros autores (Levitsky & Ziblatt, 2018) e com o contexto histórico, Hugo Chávez é um dos exemplos mais emblemáticos de um líder populista latino americano. Além de ser um dos exemplos mais recentes denominados populistas. Chávez chegou ao poder com um discurso contido, sem peculiaridades aparentes que visariam um governo populista. Sutilmente foi realizando mudanças e instaurou uma revolução, fazendo com que o Congresso fosse ocupado somente por chavistas, que em 1999 escreveram uma nova Constituição. “O populismo de Chávez desencadeou uma intensa oposição, e, em abril de 2003, ele foi brevemente derrubado pelos militares. Mas o golpe falhou, permitindo que reivindicasse para si uma legitimidade ainda maior” (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 14). Por quase 10 anos em que esteve no poder, Chávez, na Venezuela, não demonstrou autoritarismo nem em atos, nem em palavras. No entanto, foi depois de 2006, que o *regime chavista* - como ficou conhecido, se tornou mais repressivo e, então, Chávez se mostrou um líder estritamente autoritário, impondo o seu regime e seus apelos com ações declaradamente anti-democráticas.

O regime chavista se tornou mais repressivo depois de 2006, fechando uma importante emissora de televisão, prendendo ou exilando políticos, juízes e figuras da mídia opositoras com acusações dúbias e eliminando limites aos mandatos presidenciais para que Chávez pudesse permanecer indefinidamente no poder (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 14).

Essas características são claramente oriundas de um político populista, como destacam os autores (2018, p. 16), a imprensa continua a ter publicações regulares, contudo, são recorrentemente compradas ou intimidadas, chegando assim a sua própria autocensura.

Cas Mudde (2017) fala sobre a autopercepção dos políticos sobre serem populistas. Quando questionados, negam firmemente utilizarem de pressupostos populistas, o que leva a pensar na associação de algo ruim, incômodo e até imoral. “Mesmo os poucos exemplos consensuais de populismo, como o presidente argentino Juan Domingo Perón ou o político holandês assassinado Pim Fortuyn, não se identificaram como populistas” (Mudde, 2017, p. 2). Na entrevista com o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, contida nos apêndices desta pesquisa, quando questionado sobre se considerar um político com discurso populista, também negou e afirmou que “*populismo é de esquerda*”.

2.3. O populismo no Brasil e seu impacto na eleição presidencial de 2018

“*A erosão da democracia é, para muitos, quase imperceptível*” (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 16).

Todos os quatro jornalistas entrevistados para este trabalho, concordam que o momento em que um país está inserido favorece - ou não - o aparecimento de um discurso populista. No caso do Brasil, favoreceu, ofereceu espaço e fortaleceu, visto que três dos quatro afirmaram enxergar o discurso de Jair Bolsonaro como populista - o outro preferiu omitir sua opinião.

Há pelo menos seis anos uma crise econômica, social e política assombra o Brasil. Uma série de razões culminaram para que isso acontecesse e fizesse de 2018 um ano

emblemático e representativo. Dentre os fatores está a queda da então presidente Dilma Rousseff em 2016, a posse do seu vice Michel Temer e o baixíssimo índice de aprovação diante dos brasileiros, os esquemas de corrupção que vieram à tona, Operação Lava-Jato e envolvimento de muitos políticos em lavagem de dinheiro. Entre outros fatores já citados no primeiro capítulo desta pesquisa. Segundo Charaudeau (2016), os conflitos surgem quando as pessoas se sentem injustiçadas e traídas por aqueles nos quais acreditaram e fizeram promessas de uma sociedade melhor - os governantes eleitos. Dada toda a circunstância na qual o Brasil estava inserido, os conflitos estavam à margem do aparecimento e de desencadear uma grande crise, que, no momento, é o que acontece no Brasil. A crise social se instalou no país justamente pelo descrédito da população com todos esses acontecimentos e, ainda, com o sistema público, que oferece serviços de péssima qualidade (saúde, educação e segurança) e salários baixos somado aos índices de desemprego e violência, fatores esses que assombram os brasileiros. A população, de certa forma, se vê “encurralada” e muitos até optam por morar fora do país¹⁰. Ao que parecia, o Brasil estava em um “beco sem saída”. Isso podia vir a ser um perigo para a democracia, que, no ano da eleição 2018, completava 33 anos de vigência no Brasil (pós ditadura militar 1964-1985). Isso porque, segundo Foa e Mounk (2017), a “desconsolidação” da democracia acontece quando grande parte dos cidadãos não acredita na legitimidade do sistema democrático e, podem inclusive, passar a apoiar abertamente formas autoritárias de regime político.

Foi essa conjuntura de situações que, segundo os jornalistas entrevistados, levaram ao favorecimento de um discurso de extrema-direita e populista apresentado por Jair Bolsonaro a ter espaço.

Muitas vezes desencantados com tudo (eleitores flutuantes)¹¹, desarmados diante de situações de crise, sentindo-se impotentes e sentindo a impotência dos

¹⁰ Segundo dados da Receita Federal, em 2011, 8,1 mil declarações de saída foram entregues à Receita Federal, já em 2017, esse número passou para 21,7 mil brasileiros que deixaram o Brasil. Em um período de sete anos, o índice de brasileiros que optou por morar fora do país cresceu em 165%.

¹¹ Segundo o autor, eleitores flutuantes são aqueles que não votam sempre de acordo com a mesma ideologia, não tomam posição “nem direita, nem esquerda”.

políticos, esses indecisos se refugiam no regaço de algum **líder populista** [GRIFO NOSSO] (Charaudeau, 2016, p. 55).

Para o pensador marxista brasileiro radicado na França, Michael Löwy,

no Brasil é uma velha tradição, desde os anos 1940, dos conservadores: levanta-se a bandeira do combate à corrupção para justificar o poder das oligarquias tradicionais e, segundo o caso, legitimar golpes militares (Löwy, 2015, p. 662).

O combate à corrupção foi um dos principais temas dos discursos políticos eleitorais apresentados por todos os candidatos no primeiro turno. Além disso, a recuperação da economia e o combate à violência também foram questões abordadas de maneira exorbitante. Contudo, a política com o descrédito que tinha diante dos eleitores, não teve espaço para discursos técnicos e com apelo científico, que apresentassem soluções a longo prazo. É diante deste aspecto, que um discurso de fácil entendimento teve seu espaço e o candidato Jair Bolsonaro soube aproveitar essa lacuna com uma estratégia que agradou os brasileiros.

O populista pode ter capacidade mobilizadora, atributos **carismáticos** e até gerar o culto à sua personalidade. A sua retórica recorre a **mensagens simples e diretas**, facilmente perceptíveis pelo cidadão comum (Galito, 2017, pp. 8 e 9).

O linguista francês, Charaudeau (2016), em consonância com a ideia de linguajar fácil, complementa,

ele (quem profere o discurso, no caso, o candidato) deve dar a ilusão de que uma mudança é possível, imediatamente. Os grandes líderes, qualquer que seja sua dimensão histórica, qualquer que seja seu projeto político (aí se incluem infelizmente ditadores e **populistas**), utilizam esse tipo de palavra para tentar criar uma simbiose entre eles e o povo. O sentimento identitário passa aqui por intermédio de uma **figura carismática** que desempenha a função de porta-bandeira da coletividade (...) Ele também deve demonstrar *potência* através de

uma oratória feita de ‘protestos’; sua linguagem deve ser simples e penetrante (Charaudeau, 2016, pp. 96 e 110).

Contudo, “é razoável que as atitudes mais extremistas, como radicais e reacionários, tenham pouco apelo popular. Mas elas podem ganhar força em situações de **instabilidade política e crises**” (Mattos, 2017, p. 24). Mattos confirma que o contexto atual de instabilidade e crise em que o Brasil se encontrava em 2018, é propício para discursos mais extremistas.

Outro aspecto que também enfraquece a democracia e favoreceu o aparecimento de um discurso *outsider* e extremo foi a polarização. Pinto (2017) destaca à óptica populista como “um regresso à polarização política e a um estilo de política de **maior confronto**, revertendo o processo de fragmentação do espaço político e com uma população mais concentrada nos seus **medos colectivos**” (Pinto, 2017, p. 57). Galito completa, “no geral, (o populismo) resulta da rivalidade entre ideologias (...) numa sociedade competitiva” (2017, p. 26). A falta de segurança pública, o aumento do índice homicídios - que em 10 anos aumentou 26,53%, passando de 48,2 mil homicídios por ano, para 65.602¹², e a crescente onda de violência são temáticas que estão entre os *medos coletivos* abordados por Pinto (2017). Outro autor que cita os *medos coletivos* em um discurso populista e demagogo é Mattos (2017),

o discurso demagogo que apela às emoções, aos **medos coletivos** e aos preconceitos do eleitorado para atacar o antipovo; este discurso é complementado por uma aversão ao debate político racional, o que poderia expor e enfraquecer este discurso demagógico. Às vezes incentiva-se a violência e histerias sociais para criar o medo e motivar as pessoas a abrirem mão de suas liberdades em troca de uma suposta segurança. (...) O político demagogo apela às emoções, medos, preconceitos e à ignorância das populações mais carentes para ganhar apoio popular e poder político; o demagogo não gosta de debates

¹² Dados segundo o Atlas da Violência do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/17> Acessado em 02/11/2019.

racionais e acusa de fracos os opositores que tentam fazê-lo (Mattos, 2017, pp. 53, 54 e 76).

“Será que esta nova vaga populista é o anúncio de uma nova era de retrocesso?” (Pinto, 2017, p. 51).

2.4. Características do populismo

Após a revisão de copiosos autores oriundos de multifárias localidades do mundo sobre o tema descrito como populismo é possível analisar com mais precisão o termo populismo. Dessa forma, conseguimos elencar algumas características apresentadas e apontadas por estudiosos a fim de enxergarmos o populismo através de suas peculiaridades e defini-lo ao longo da presente pesquisa.

Como é notório, o tema deste estudo é complexo e traz estigmas na sua definição, que apresenta um leque de características. Ao fim deste trabalho, estabeleceremos, após as análises de publicações e entrevistas com jornalistas, outros conceitos capazes de descrever o populismo e um discurso populista, mais propriamente para cruzarmos com discursos proferidos pelo então candidato - hoje, atual Presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro.

Tabela 1 – Características de um discurso populista

Autor	Características
Galito (2017)	Extremista; Oportunista; Antisistêmico; Maquiavélico; Perigoso; Antidemocrático; simplista; Superficial; carismático
Levitsky e Ziblatt (2018)	Antiestablishment; Ofensivo; Censurador
Mattos (2017)	Aclamador; Extremista; Demagogo
Mudde (2017)	Simplório; Excêntrico
Hermet (2008)	Antipolítico; Fácil

Ianni (1989)	Doutrinador; Incitação ao ódio
Charaudeau (2016)	Carismático; Potencializador; Marcante; Simplista
Pinto (2017)	Polarizado
Weffort (2003)	Demagogo; Emocional

Um estudo científico feito a partir de uma dinâmica psicológica publicado na obra *Estudos sobre a personalidade autoritária* (1950), do filósofo e sociólogo Theodor Adorno, aponta algumas características sobre a ideologia fascista, contudo é possível perceber semelhanças entre determinadas disposições apontadas por Adorno com o conjunto de características descritas acima: “submissão autoritária, a agressividade autoritária, o convencionalismo, a projetividade, a anti-intracção, a preocupação com o comportamento sexual das pessoas, a valorização do poder e da dureza, a superstição e a estereotipia, a destrutividade (ou visão catastrófica do mundo) e o cinismo” (Adorno, 1950, como citado em Carone, 2002, p. 19).

Segundo Carone (2002, p. 209), “o objetivo de Adorno foi mostrar como as tendências fascistas podem se manifestar até mesmo por meio de invólucros religiosos, como uma cruzada antidemocrática em nome da salvação da democracia”.

3. Jair Bolsonaro: de deputado federal anônimo para a Presidência da República

3.1. Jair Bolsonaro

“Autocratas eleitos mantêm um verniz de democracia enquanto corroem a sua essência”
(Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 15).

Jair Messias Bolsonaro, deputado federal ingresso na Câmara Federal aos 35 anos, passa a representar uma das 513 cadeiras dos congressistas ao longo do período de 28 anos. Desapercebido pela sua pouca expressividade social no âmbito de sua atuação, dentro e fora do Congresso Nacional, Bolsonaro não aprovou nenhum projeto de lei, se limitando, de fato, à apresentação (em grande medida como co autor) de emendas relacionadas ao interesse dos militares, projetos desarrazoados relacionados à segurança, como o PL 5398/2013, explicitado em abril de 2013, o qual revelava um conteúdo cuja castração química de estupradores era uma linha de ação plausível¹³.

Até meados de 2016, Jair Bolsonaro era considerado por parte da imprensa e pelos próprios colegas deputados como parte integrante do grupo folclórico de parlamentares. Tal alcunha delineava a minoria no congresso e concomitantemente o mesmo estrato que não representava uma bandeira ou um setor específico, a exemplo do modo de proceder político da bancada ruralista ou da bancada sindical. No apêndice 4, a jornalista do grupo RBS, Carolina Bahia, fala sobre o assunto.

Em seguida, o dia 17 de abril de 2016 figura-se emblemático para o país, porquanto era o indicado para a votação, no Congresso Nacional, relativamente ao impeachment da então Presidente da República, Dilma Rousseff. A votação foi de caráter nominal, ou seja, os 513 deputados se dirigiram ao microfone para se posicionar a favor ou contra o impeachment. Com 367 votos favoráveis e 161 contrários, Dilma Rousseff perdia ali o seu mandato como Presidente da República. Tendo pintado esse cenário pitoresco, é de

¹³ O projeto na íntegra pode ser conferido no site da Câmara dos Deputados através do link: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=572800>

se ponderar que foi nele mesmo e, mais precisamente, nesse momento de voto propriamente, o determinante que Jair Bolsonaro prescindia como fator para focalizar a atenção da imprensa para a sua silhueta política, quando e a partir do que passou a ser conhecido em parte do mundo¹⁴. Os deputados aproveitaram seu minuto de fama (sem que seja necessário um reporte rigoroso à análise do discurso) se utilizando de premissas irrelevantes ou, concedamos aqui, concernentes a tópicos pretensamente relevantes: ao invés de se concentrarem no pronunciamento “contra” ou “a favor” prestavam homenagens a familiares, autoridades e nomes históricos. Jair Bolsonaro homenageou Carlos Alberto Brilhante Ustra, um coronel do Exército Brasileiro, atuante no período da Ditadura Militar no Brasil e falecido em 2015. À parte a pertinência semântica do levantamento de tal homenagem no motivo contextual em questão, tal préstimo é assim feito com um viés polêmico e claramente a um referente equivocado (ao menos é o que se quer crer em um entendimento contemporâneo do sentido de direitos humanos), dado que Ustra foi o primeiro militar condenado pela Justiça Brasileira pela prática de tortura durante os anos do período repressivo. Segue-se o pronunciamento do então deputado federal Jair Bolsonaro:

“Nesse dia de glória para o povo brasileiro tem um nome que entrará para a história nessa data, pela forma como conduziu os trabalhos nessa casa. Parabéns, presidente Eduardo Cunha. Perderam em 1964. Perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve, contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim.”¹⁵

¹⁴ Reportagem sobre Jair Bolsonaro no dia 7 de maio de 2016 no jornal americano The New York Times: <https://nyti.ms/2FybidL>

¹⁵ Trecho retirado do vídeo completo da votação do impeachment da então presidente Dilma Rousseff. O vídeo está disponível no canal oficial da Câmara dos Deputados, através deste link: <https://bit.ly/3k3cmoX>

A contextualização se fez necessária, pois diante do discurso proferido por Jair Bolsonaro enquanto deputado federal, é possível entender a delimitação a partir de seus “princípios” e de suas bandeiras então explicitadas. Diante disso, não era de se surpreender que o discurso de sua campanha abraçasse e compusesse uma ceara de elementos tipificantes dos principais pilares considerados da extrema-direita, como o nacionalismo, racismo, antidemocracia e xenofobia (Mudde, 2007, p. 293).

Ademais, é evidente que Bolsonaro é um militar da reserva que fala abertamente sobre o período da ditadura no Brasil, demonstrando total apoio e credibilizando o movimento, de forma que o qualifica e o promove, sem titubear, não somente à condição inferencial daquilo que está no campo do possível legitimável, mas como sendo a melhor alternativa para o Brasil neste momento. Assim é que “a sua retórica (populista) **recorre a mensagens simples e diretas**, facilmente perceptíveis pelo cidadão comum, mas raramente entrega o poder à maioria dos seus eleitores” (Galito, 2017, p. 8). De todo modo, por um lado, veiculando uma espécie de caricatura pregnante e facilmente favorável às condições de repercussão em que se encontra a massiva veiculação midiática, e, por outro, devido sumamente ao exercício de uma incorporação de assuntos polêmicos, controversos e complexos - sem dúvida - muitas vezes numa forma discursiva clara e simples, acaba por pasmar parte da população e chamar a atenção dos brasileiros.

Ao fim e ao cabo, diante desta interpretação, vamos por enfatizar duas situações peculiares ao contexto de ascensão política em questão, dois fatores consistentes com a possibilidade de explicar o fato do crescimento exponencial de um deputado federal de pouca expressão até a Presidência da República. São eles: redes sociais e polarização.

3.2. Jair Bolsonaro e as redes sociais

Em 2017, Bolsonaro já visto como um pré-candidato à Presidência foi considerado pelo Instituto FSB Pesquisa o segundo político mais influente nas redes sociais e o primeiro

deputado mais influente do Congresso Nacional¹⁶. Já era possível perceber que o parlamentar estava criando um ingresso particular nesse cenário específico de apresentação, permanência, acesso e recepção, cuja apropriação lhe auferiu um capital decisivo neste que é o ambiente virtual.

A ampliação do diálogo, a pulverização de informações e a dinamização que o ambiente digital propicia altera de maneira direta uma série de setores da sociedade, entre eles o campo político. Por ser relativamente recente esse uso massivo e poderoso das redes sociais, ele ainda é muito estudado. No entanto, é possível afirmar que esse fator foi um influenciador na eleição de 2018.

Comunicação e política há muitos anos dialogam entre si. Na medida em que os candidatos precisam conversar - e estarem aptos a fazê-lo com a máxima efetividade de suas formulações - com a população, expor suas ideias e apresentar um discurso, seja diante de púlpitos, no horário gratuito de propaganda eleitoral, ou por *flyers*, esse mesmo discurso precisa ser produzido e destinado à recepção das pessoas. Dessa forma, tal como descrito ao longo da história do pensamento, o termo “política” vem nos despertando grande interesse, articulando-se a inúmeros debates, os quais pode-se aventar terem como premissa básica a ideia de uma proposta ao aprimoramento da convivência humana. Nesse sentido, se há pouco tempo admitíamos exclusivamente, ou ao menos em grande parte, que as discussões se dessem mediante uma restrita modalidade de manifestações sociais, como a rodas de conversa e reuniões, agora o nosso reporte constante ao toque do *touchscreen* nos smartphones, a título de exemplo, torna possível a conexão com muito mais pessoas e em um tempo reduzido, numa relação inversa entre espaço e tempo. Torna-se claro que a sociedade está em torno da política, tal como já examinara Aristóteles ao concluir que o homem é naturalmente um animal político e, sendo assim, uma equivalência fundamental entre a cidade (correspondendo à cidade-estado, de fato) e a comunidade política; com a chegada dos sites de redes sociais o espaço para a ética na *polis* foi ampliado a nível global.

¹⁶ Informação obtida pelo site: <http://www.fsb.com.br/wp-content/uploads/2017/08/FSB-INFLUENCIA-CONGRESSO.pdf>

Consistindo em um dos maiores meios de comunicação e de permuta de informações, a Internet é permissiva não só à organização e socialização das pessoas enquanto civis em geral, mas também circunscreve um sistema capaz de determinar a participação de grandes empresas e políticos. Como consequência dessa transformação na experiência de apresentação do discurso que se extrai do ambiente digital estabelecido e disponível, a política aos poucos foi adentrando no virtual e se fazendo presente na forma tanto de perfis de candidatos como no de eleitores. Afinal, as mídias sociais proporcionam a disponibilidade de um comum em que o diálogo é ampliado, uma participação em que partilha do espaço e do tempo é o seu fundamento, e, por isso, fundamento que se estende ao tratamento de qualquer assunto ou discussão. Também é necessário entender, nessa perspectiva, que a vontade de participar e se fazer presente expressando as próprias opiniões sempre existiu. Como indica Shirky (2011), “a motivação para compartilhar é o fator determinante; a tecnologia é apenas o facilitador” (p. 75). Dentro desse quadro, partindo da constatação de que a geração atual não é mais a mesma que a de alguns anos atrás - e essa modificação clara e visível tem implicações inúmeras, dentre as quais enfatizo a de participação midiática - Jair Bolsonaro soube utilizá-la da maneira certa que “alguém se apropria de algo” a fim de explicitar-se politicamente e, ao mesmo tempo, instaurar todo um conjunto de opiniões e idiosincrasias que suas mensagens comportam. As publicações de Jair Bolsonaro, consistindo ora em vídeos produzidos pela sua equipe, ora em frases de efeito contra o PT, o comunismo, ou grandes meios de comunicação e instituições como a ONU, encontrara espaço na sociedade para dar vazão ao seu discurso. Bolsonaro se mostrava contra tudo e contra todos que estavam presentes no Poder, constituindo uma espécie de posicionamento paradoxal, posto que dessa forma dá-se a ideia de que ignorava a sua própria posição partícipe no interior mais amplo de deliberação que é o poder legislativo. Ademais, concatenado com a eficiência que caracteriza a circulação das publicações na mídia, é inteligível pensar que este tipo de discurso emergiu em virtude de um sentimento de insatisfação por qual passava a sociedade brasileira – sentimento que via de regra caracteriza o *savoir-faire* público, mas apontado aqui como aquilo que de certa maneira pode ser mais palpavelmente constatável na atmosfera civil em

determinados períodos sócio-políticos, como este em questão; uma aversão coletiva generalizada a respeito do ambiente político instaurado no país.

Se o cenário político está corrompido e altamente poluído, é necessária a redenção. E para tanto, é preciso que a massa o reconheça como líder. A lógica cínica do discurso destes líderes é a do apoderamento da linguagem propagandística (Carone, 2002, p. 113).

Se fôssemos traçar um esquema genealógico, sem dúvida poderíamos indicar facilmente o ano de 2013 como o início de certos pontos genuínos quanto à consolidação dessa tensão geral social, já que foi quando se iniciaram as manifestações em prol da diminuição da passagem do ônibus (tais foram muito além deste tema, manifestando-se contra políticos, corrupção e instituições), por conseguinte, inúmeras denúncias de corrupção, o fato do impeachment de uma presidente democraticamente eleita e um vice-presidente com popularidade inferior a 5%, que em seguida assume a Presidência e desaba nas suas construções políticas, as delações da empresa JBS em 2017, entre outras alterações ao alcance da opinião pública. Ora, tais eventos instilaram nos brasileiros como que um ar de revolta e o anseio por uma solução diferente. Bolsonaro reconhece o momento ao se mobilizar e apresenta-se, pois, como o porta-voz tanto de uma solução definitiva esperada como o agente responsável pela “asepsia política” daqueles eventos memorados. Cito: “Para uns, os populistas são o inimigo, para outros são heróis da população” (Galito, 2017, p. 26). Reitero a menção do capítulo II desta pesquisa, em que o autor Mattos (2017) propôs que o brasileiro sempre acreditou no surgimento de um salvador da Pátria. Bolsonaro se apresentou como esse salvador e usou das redes sociais para disseminar esse discurso.

Um dos fatores insólitos da campanha de Jair Bolsonaro foi a sua não participação em debates presidenciais televisivos. É em um debate de televisão em emissoras abertas a população que o candidato se oportuniza a expressar suas ideias, debater com seus adversários e provar à população que o seu posicionamento é o melhor para o país. Contudo, Bolsonaro fez o oposto. Não utilizou dos debates e ainda os criticou, difamando a mídia brasileira. É necessário mencionar que Jair Bolsonaro participou de dois debates televisivos, na *Rede Bandeirantes* no dia 10 de agosto e na *RedeTV* no dia 18 do mesmo

mês. E, no dia 6 de setembro, Jair Bolsonaro, em um ato público de campanha, sofreu um atentado, onde levou uma facada e precisou ficar internado por 23 dias. Diante disso é possível afirmar que Jair Bolsonaro não poderia participar dos debates durante seu período de internação, contudo, no segundo turno médicos de Bolsonaro afirmaram que ele estaria liberado para participar e mesmo assim Bolsonaro recuou e afirmou que não participaria de nenhum confronto televisivo¹⁷. Foi a primeira vez, desde que o Brasil voltou a ter eleições diretas, que não existiram debates no segundo turno eleitoral.

Foi uma campanha eleitoral surrealista, que minimizou as propagandas eleitorais gratuitas - o partido de Jair Bolsonaro, PSL, tinha 8 segundos de tempo na TV, enquanto PSDB possuía 5 minutos e 32 segundos e PT 2 minutos e 23 segundos - e catastroficamente desmoralizou os debates em canais de televisão abertos. Concomitantemente as redes sociais viam sua curva de crescimento atingir seu pináculo e números de seguidores de Jair Bolsonaro cresciam expressivamente. Bolsonaro utilizou de *lives* nas redes social *Facebook* para expressar sua opinião para os mais de oito milhões de seguidores (na época, em setembro de 2018). Em um ambiente sem intermediários e críticas diretas, Bolsonaro dominava o espaço e livremente podia expressar suas mais variadas ideias sem afronta. Para a professora de ciência política da Universidade Federal de Pernambuco, Nara Pavão, em uma entrevista ao jornal *Nexo*,

Bolsonaro tem usado uma estratégia de campanha focada nas redes sociais, no contato mais direto com o eleitorado. Isso garante a ele um controle grande sobre seu discurso e propostas, que não são confrontadas nem questionadas. É uma posição muito confortável. Por não ter experiência com os debates, Bolsonaro estaria em desvantagem se participasse de algum. Por isso os evita (Pavão, 2017).

Numa palavra, o que noticia o contexto político brasileiro e que passa assim a caracterizá-lo é um cenário apropriadamente descrito como uma guerra politizada, na

¹⁷ Jair Bolsonaro afirma que não participará de nenhum debate televisivo no segundo turno. Nesta reportagem do site *G1* médicos afirmam que a decisão era do próprio candidato de comparecer ou não: <https://glo.bo/2T0FeCs>

qual direita e esquerda fomentam o ódio mútuo; são em momentos como esse, em que a população está dividida, desestruturada politicamente e com rivalidades entre ideologias, que asseguram espaço para o discurso populista (Mattos, 2017, p. 24).

O contexto de propaganda eleitoral deve ser analisado e Schwarcz (2019) ressalta este ambiente como uma vantagem àqueles políticos que usam de discursos populistas:

Os populismos de agora abusam das novas formas de comunicação virtual com a justificativa de que não precisam de intermediários para se dirigirem ao povo; **não têm nenhum escrúpulo em manipular e explorar fake news como se fossem verdades comprovadas** [GRIFO NOSSO]; vendem para si uma imagem de lisura e correção na gestão do governo, tratando de obliterar seus próprios maus exemplos; acusam os demais de corrupção, não estando eles distantes dessa prática; se autodenominam como “novos” quando estão faz tempo na política e vivem dela; abusam de mensagens moralistas apoiando-se fortemente em conceitos como religião, família e nação (Schwarcz, 2019).

3.2.1. Fake news

A autora Schwarcz (2019), na última citação pontuada aborda as *fake news* como uma das características de um discurso populista, alavancada com o contexto eleitoral inserido no mundo digital. Na campanha de Jair Bolsonaro, *fake news* foi um assunto presente em debates e notícias, como veremos ao longo deste subcapítulo.

Com esse alcance global das redes sociais, informações publicadas em um segundo tendem a ser disseminadas rapidamente sem qualquer averiguação ou ponderação. A quantidade de informações que recebemos via redes sociais é imensamente desproporcional ao que podemos processar e armazenar. As informações chegam de forma tão automática quanto a sua reprodução e, sem imaginar, atingem patamares de alcance altíssimos.

As conhecidas *fake news* atualmente, podem parecer uma novidade, porém Darnton (2017) relembra a propagação de notícias falsas já nos tempos primórdios. O historiador faz menção aos *pasquins* e os *Canards*, dois informativos que em sua maioria difundiam notícias falsas sobre personagens públicos a fim de denegrir a reputação da exposta

figura. Apesar da semelhança, que de fato coabitam em ambas (*fake news* atuais, *pasquins* e *Canards*) de disseminar informações inverídicas, existem por veras novas características nas *fake news* atuais que as diferenciam das co-irmãs antigas.

O termo *fake news* foi eleito a palavra do ano pelo dicionário britânico Collins, em 2017. A expressão foi popularizada pelo presidente americano, Donald Trump, que se auto considera o seu criador. Como confirma a Agência Lupa¹⁸, Trump expandiu o uso dessa expressão, que até dezembro de 2017 já servia para embasar o discurso de líderes autoritários em pelo menos 15 países (Resende, 2017). Muito aquém de uma informação inverídica, as *fake news* podem ser consideradas “um novo tipo de desinformação política” (Guess, Nyhan & Reifler, 2018 como citado em Delmazo e Valente, 2018, p. 157). Esse conceito pode ser considerado visto que as pessoas não identificam tal informação como inverídica, passando acreditar (e disseminar) n-aquilo que lhe foi oferecido como informativo e no momento em que essa (des)informação é repassada ela pode ser considerada uma desinformação de fato; complementar ao conceito, vem a palavra *política*, creio que os autores ao definirem as *fake news* como desinformação política passaram a atribuí-la ao estrondoso impacto que as mesmas possuem diante do processo de decisão eleitoral. De forma infeliz para uma sociedade que vive em um regime democrático esse conceito é gravemente verdade: **eleições são influenciadas e podem ser definidas a partir da disseminação de *fake news***. Temos dois exemplos muito claros (que apresentam características semelhantes em vários aspectos, alguns deles já citados na presente pesquisa): as eleições de Donald Trump, em 2016, e de Jair Bolsonaro, em 2018.

Em setembro de 2019, foi instalada no Congresso Nacional brasileiro a CPMI das *Fake News*¹⁹. O objetivo é investigar a criação de perfis falsos e ataques cibernéticos nas diversas redes sociais, com possível influência no processo eleitoral e debate público²⁰. O Supremo Tribunal Federal também abriu um inquérito para investigar *supostas*

¹⁸ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2017/12/23/fake-news-dizer-ou-nao-dizer/>

¹⁹ CPMI é a abreviação de Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, também chamada de CPI.

²⁰ Fonte: Agência Senado. <https://bit.ly/3INJq4P>

mensagens falsas endereçadas a ministros do Supremo Tribunal Federal, difamando a sua imagem. Contudo, segundo Gray, Venturini e Mauri (2017) as atuais *fake news* podem não ser entendidas de forma plena se o ambiente digital de proliferação das mesmas - as redes sociais - for desconsiderado. Desta forma, essas investigações podem ser efetivas se entenderem o contexto como um todo e não investigar isoladamente cada informação inverídica disseminada.

Neste sentido, fake news podem ser consideradas não apenas nos termos de forma ou conteúdo da mensagem, mas também nos termos de infraestrutura de mediação, plataforma e cultura da participação que facilitam a circulação. Neste sentido, o significado de fake news não pode ser totalmente compreendido sem a sua circulação online (Bounegru, Gray, Venturini & Mauri, 2017, p. 8).

Diante disso, é interessante observar que as redes sociais são um terreno fértil para a proliferação de notícias falsas, isso porque as redes sociais são, usualmente, um canal de conexão de interesses, além de, também ser um canal de influenciadores. Portanto é viável afirmar que pessoas se conectam com outras que compartilham dos seus mesmos interesses e dividem informações de temas em comum para aquele grupo. Dessa forma, Baldacci, Buono e Grass 2017 como citado em Delmazo e Valente (2018 p. 157), afirmam que a proliferação de *fake news* no ambiente digital é mais propícia visto que “esse fenômeno ocorre dentro de um movimento no qual os utilizadores privilegiam conteúdos que confirmam suas visões de mundo”. De acordo com a reportagem de Nathália Afonso, da Agência de checagem Lupa:

O problema é que, com a interatividade e a expansão das redes sociais, a velocidade de disseminação de informações incorretas pode prejudicar a democracia, e a manipulação deliberada de conteúdo pode ser capaz de influenciar comportamentos – até o resultado das urnas (Afonso, 2019).

Jair Bolsonaro tem uma relação íntima com as *fake news*. Isso porque o inquérito aberto pelo Supremo Tribunal Federal (STF) chegou até o nome de Carlos Bolsonaro, um dos filhos do presidente, acusado de promover campanhas virtuais contra adversários do governo, disseminar notícias falsas sobre deputados de oposição e ministros do STF, e

trabalhar nas dependências do Palácio do Planalto, no denominado “gabinete do ódio”²¹. De acordo com reportagem publicada em 23 abril de 2020 pelo jornal *Estado de Minas*, “policiais que trabalham na operação garantem que o filho do presidente é o mentor de todos os ataques que foram disparados contra o Supremo e contra o Congresso”²². Jair Bolsonaro em 24 de abril de 2020 exonerou o comandante da Polícia Federal, que segundo o ex-ministro da Justiça e Segurança Pública, Sérgio Moro, havia chego ao nome dos filhos de Bolsonaro como organizadores de grupos de disparo de *fake news*. Sérgio Moro era um dos ministros de alto renome do governo Bolsonaro, conhecido por comandar a operação Lava Jato. Com a exoneração do comandante da Polícia Federal, Sérgio Moro pediu sua demissão ao presidente Jair Bolsonaro e fez denúncias de que Bolsonaro interferiria em investigações da Polícia Federal²³.

Segundo análise do jornal americano *The Guardian*²⁴, a avalanche de *fake news* propagada por grupos de *WhatsApp* na eleição de 2018 beneficiou o candidato da extrema-direita, Jair Bolsonaro: aproximadamente **42% dos itens da direita continham informações consideradas falsas** pelos verificadores de fatos. (Avelar, 2019)

A análise ainda revela que grande parte das notícias falsas compartilhadas pelo *WhatsApp* traziam mensagens com valores da extrema-direita, que também se encontravam no discurso do candidato Jair Bolsonaro.

Uma pesquisa feita pelo Centro Internacional para Jornalistas, sob o programa TruthBuzz²⁵, revela que uma entre quatro pessoas consome notícias via *WhatsApp*, ou seja, 25% das pessoas. Dessas, 16% indicaram confiar frequentemente nas notícias que leem no aplicativo de trocas de mensagens. Em outubro de 2018, foi descoberto que um

²¹ "Gabinete do ódio" é como internamente integrantes do governo passaram a se referir ao grupo formado por três servidores ligados ao vereador do Rio de Janeiro Carlos Bolsonaro. Mais informações: <https://bit.ly/3duukz2S>

²² Informação acessada no dia 27/04/2020, às 13h06min: <https://bit.ly/3lQZa6Z>

²³ Mais informações sobre as denúncias feitas pelo ex-ministro Sérgio Moro no link: <https://bit.ly/2Fyc2zr>

²⁴ A análise completa pode ser encontrada neste link: <https://bit.ly/3iWNq12>

²⁵ Os resultados da pesquisa podem ser encontrados neste site: <https://bit.ly/3j2q0HD> A agência de checagem Aos Fatos é parceira do Centro Internacional para Jornalistas, responsável pela pesquisa.

grupo de empresários atuava disparando mensagens de teor político anti-PT e pró-Bolsonaro por meio do *WhatsApp*, entre os financiadores estava um dos maiores apoiadores de Jair Bolsonaro na campanha, Luciano Hang²⁶, dono das lojas Havan. Em 2019, na sétima edição do Festival Gabo²⁷, representantes do aplicativo de mensagens instantâneas confirmaram que o *WhatsApp* foi utilizado para disparar mensagens falsas relacionadas às eleições presidenciais de 2018 no Brasil²⁸.

Em consonância, um estudo do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação (Gpopai) da Universidade de São Paulo (USP) apontou que mais de 12 milhões de pessoas (6% da população brasileira) difundiu notícias falsas no ambiente digital²⁹. De acordo entrevista dada pelo desembargador André Gustavo Corrêa de Andrade, vice-presidente da Associação dos Magistrados do Estado do Rio (Amaerj) - que estuda o assunto das *fake news*, à revista Exame, “a campanha provocou um aumento na divulgação das fake news e isso é preocupante”. Diante de todo o cenário apresentado, é possível afirmar que a família Bolsonaro tem um elo com *fake news*.

3.3. Jair Bolsonaro e a polarização

Em regimes democráticos, as designações que correspondem à direita, à esquerda e ao centro sempre estiveram presentes, cada qual assumindo também espectros possíveis de assimilar denotação. A disputa pelo poder, como aspecto estrutural da dinâmica democrática, se acirra, faz com que indivíduos com suas particularidades se agreguem a um grupo com determinado pensamento (partido), alinhem seu discurso e partam para a corrida eleitoral. É relevante pensar que, relativamente à grande massa da população brasileira, o interesse, até pouco antes dos acontecimentos supracitados nesse texto, era, senão insignificante, algo cuja prerrogativa não era amplamente discriminada. É

²⁶ Luciano Hang é o dono das lojas Havan, uma grande rede de lojas presente em todo o Brasil. Em 2018, declarou apoio aberto a Jair Bolsonaro e, inclusive ameaçou demitir funcionários caso a esquerda vencesse aquela eleição. Fontes: <https://bit.ly/33ZsClb>

²⁷ Evento de jornalismo que premia as melhores reportagens iberoamericanas.

²⁸ Informação documentada em reportagem da revista Exame: <https://bit.ly/2H3xkp3>

²⁹ O jornal *O Estado de São Paulo* divulgou os resultados da pesquisa na reportagem: <https://bit.ly/2TbMo73>

possível ponderar se a democracia, na sua ineficiência (em seu sentido lato), não lograva obter os fundamentos impostos a ela mesma pelos seus padrões adequados de correção, a saber, o de dar espaço ao povo e uma voz significativa através do voto. É, portanto, a partir do momento que a grande mídia notifica os inúmeros procedimentos escusos de corrupção que passa a viger um *ethos* (comportamento humano) de mobilização entre os brasileiros, para dizer assim, o qual reativa o espírito e a consciência coletiva de participação que, a priori, está contida na noção de democracia e não é, por isso, meramente suplementar a ela.

Se por um lado, na eleição de 2014, vivendo há oito anos com a esquerda no poder (Lula, PT) o Brasil partia para nova disputa presidencial dotada de um relevante espaço entre a sociedade, por outro já se observava a direita brasileira crescer por meio do discurso “apartidário” e anti-PT. Assim, no cenário mundial a esquerda ainda provia de espaço, ao passo que a direita, por sua vez, passou a intensificar o seu trabalho estratégico e a trabalhar em um discurso que emprestava seu sentido cômodo àqueles insatisfeitos. Observemos, no mesmo sentido, que Trump foi eleito em 2016 sob um discurso totalmente oposicionista ao que estava no poder; ao se utilizar de promessas vagas pôde conquistar apreço e simpatia o suficiente dos americanos, ao modo de um populismo clássico. É de maneira semelhante que demonstra ser o panorama eleitoral brasileiro referente ao ano de 2018, protagonizado por Bolsonaro: atesta-se um discurso totalmente oposto à esquerda e à representatividade de todas suas bandeiras.

O que elas [as políticas autoritárias] têm em comum é a base no ultranacionalismo religioso, cultural, étnico, e a característica de delegar o poder e a representação política para seu líder supremo, logo convertido em mito; aquele que fala no lugar de todos e por todos (Schwarcz, 2019).

Sabe-se que desde o período ditatorial, o Brasil não via candidatos à Presidência cujos atributos políticos pudessem ser identificados no espectro da **extrema**-direita. Bolsonaro emerge com um discurso constelado de ideais racistas, homofóbicos e xenófobos, modulares de um viés extremista, os quais, em parte, suponho constituírem certa imagem da subjetividade da sociedade brasileira, reflexo do que esta pensa. Diante dessa colocação, cito Bueno (2013, p. 300) que define como “*síndrome fascista*” (*termo*

colocado pelo próprio autor entre aspas) como um “fenômeno sociopsicológico caracterizado pela identificação psicológica com as elites, **pelo preconceito étnico e racial** [grifo nosso], pela obsessão em relação à sexualidade, pela agressividade reprimida e pelo sadomasoquismo”.

Pronunciamentos que remetiam à ditadura militar como um período agradável e legítimo, sobre o qual repousaria a plena ordem e o respeito, foram aplaudidos por brasileiros, os quais arregimentaram-se em manifestações sob o lema conservador: *“intervenção militar já!”*.

Todo governo procura usar a história a seu favor. No entanto, e não por coincidência, governos de **tendência autoritária** costumam **criar a sua própria história** — voltar ao passado buscando uma **narrativa mítica** [grifos nosso], laudatória e sem preocupação com o cotejo de fatos e dados — como forma de elevação (Schwarcz, 2019).

Quanto aos manifestantes e representantes de tais movimentos acima referidos, creio poder afirmar uma espécie de desconhecimento da contraparte do que pode representar alguma forma de intervenção militar, bastando um vislumbre à história de truculência e dos atentados envolvidos em ditaduras em geral e, em suma, uma leviandade para com as consequências implicadas que uma possibilidade de intervenção ditatorial estende para uma sociedade que caminha tão precocemente na sua democracia. Cito: “Se o povo está aberto a apelos autoritários, então, mais cedo ou mais tarde, a democracia vai ter problemas” (Levistky & Ziblat, 2018, p. 32).

A era da polarização está sendo vivida em todo o mundo, e diante do nível global de atuação, restrinjo sua análise ao Brasil, devido ao tema da presente pesquisa. Uma guerra entre direita e esquerda é inexoravelmente instaurada seja no contexto familiar, seja em grupos de amigos, fomentada, sobretudo, por meio das redes sociais. Um lado automaticamente exclui o outro, não tendo lugar para mediações ou reconhecimentos, ou, se é possível dizer, um discurso de centro. Para Schwarcz (2019), o nosso estado democrático de direito é totalmente enfraquecido quando enxergamos e vivemos a intolerância, visto que ela se opõe às prerrogativas de uma democracia que têm como

base o respeito por opiniões, ideias e práticas diferentes. Um discurso centrado não tem mais espaço no Brasil. A fala de um indivíduo não dispõe de espaço para uma argumentação contrária, que automaticamente é descartada e desconsiderada de resposta:

Via de regra, o enunciador não consegue reconhecer no seu coenunciador um parceiro legítimo do ato de troca; ao invés disso, o locutor projeta no coenunciador a figura de antifiador (antagonista do ato) para servir de oposição ao seu mundo ético, do qual ele pretende fazer engajar o real alvo do seu ato enunciativo: o público participante do seu lado da polarização (Freitas & Boaventura, 2018, p. 450).

Em 2014, o *Facebook* se tornou o principal meio para a proliferação de discussões políticas (Brugnago & Chaia, 2014). O mundo virtual interativo coexistindo com a realidade oferece assim novas dimensões para a experimentação da liberdade de expressão de opiniões, as quais, operando recortes que delimitam posições, formam grupos ideológicos radicais; trata-se de um propício ambiente para a proliferação das discussões.

Brugnago e Chaia (2014) apontam para as manifestações de 2013 como um dos principais marcos dessa polarização fomentada pelas redes sociais. É perceptível que as manifestações de 2013, já citadas no presente trabalho, foram um marco em diversos sentidos no campo político brasileiro. A grande mídia, possivelmente conivente com outra comunidade de interesses, conduzia-se no sentido de desconstruir as manifestações, ao passar a imagem de que os manifestantes em questão compunham nada mais que um grupo arruaceiro, baderneiro e até criminoso. No entanto, filmagens de diversos momentos da violência policial perpetrada por meio das balas de borracha e do gás lacrimogêneo, foram registradas pelos próprios atentados no ato e divulgadas nas redes sociais, desmentindo a grande massa. Isso foi um fato histórico para as redes sociais (2014, p. 104).

Apesar de a maioria das pessoas no pico do manifesto se considerar de centro, podemos dizer realmente que a dualidade esquerda e direita renasceu no Brasil

mais forte do que nunca. A esquerda se entendeu na necessidade de não mais se contentar com um discurso conciliador centrista; precisava se identificar como esquerda e se diferenciar da nova classe de direita. Essa nova classe (de direita), “carinhosamente” apelidada pela esquerda como a classe política “cozinha”, denota o seu conservadorismo e, da mesma forma, tentava apresentar o PT como a expressão pura da esquerda, atribuindo-lhe caracterização comunista e corrupta por natureza (Brugnago & Chaia, 2014, pp. 106 e 107).

Diante da polarização ideológica estabelecida no país, a militância conservadora começa a se manifestar nas redes sociais e, simultaneamente, o eco de seu discurso promove o aparecimento de nomes favoráveis ao movimento, com vistas à liderá-lo. Kim Kataguirí, de 24 anos, ativista e co-fundador do Movimento Brasil Livre (MBL), por exemplo, expressa sua militância totalmente no âmbito da direita, e tendo atuado fortemente no processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff, se tornou um dos protagonistas jovens nas redes sociais a defender o conservadorismo e os fantasmas moralizantes costumeiros da extrema-direita. Foi eleito deputado federal em 2018 com 458 mil votos, o quarto mais votado no estado de São Paulo (o primeiro foi Eduardo Bolsonaro, filho do presidente Jair Bolsonaro com 1,8 milhão de votos).

Eis que se sobressai a família Bolsonaro, entre os quais Jair Bolsonaro, delineando as fronteiras características de seu comprometimento público, isto é, na esteira dos discursos anti-PT, anti-lulismo e anti-comunismo. O filósofo Paulo Eduardo Arantes, professor aposentado da USP (Universidade de São Paulo) afirma:

O "surto de impaciência" revelado pelas manifestações de junho de 2013 provocou um surto simétrico e antagônico que é o surgimento de uma nova direita, um dos fenômenos mais importantes do Brasil contemporâneo. Uma direita não convencional, que não está contemplada pelos esquemas tradicionais da política.³⁰

³⁰ Artigo publicado no jornal *Folha de São Paulo*, no dia 31/10/2014. A referência do artigo se encontra na bibliografia desta pesquisa.

A predileção por candidatos ultraconservadores é expressiva dentro da população brasileira. A exemplo de Jair Bolsonaro, por exemplo, na sua candidatura a deputado federal em 2014, em que apresentou expressões racistas e homofóbicas e, ainda assim, foi o deputado federal mais votado do Rio de Janeiro; ou como Marcos Feliciano (PSC – Partido Social Cristão), homofóbico evangélico eleito em 2014 com 398.087 votos no estado de São Paulo. Dessa forma, é notório que o espaço que sustenta a legitimidade desta espécie de discursos só pode ser acessado mediante a aderência da significativa parcela social brasileira, a qual, por sua vez, passa a se enxergar em tais candidatos. Para Carone (2002, p. 211), “a descrença nos meios democráticos por parte dos segmentos excluídos dos benefícios sociais é que os torna predispostos a aceitar os meios violentos e radicais, o terror, o Estado policial”.

Bolsonaro e sua equipe souberam observar a possibilidade no momento em que a militância conservadora exasperava na ausência de um líder, o vácuo que imperava por uma necessidade de representação. Consecutivamente, Jair Bolsonaro se apresenta, e como político ficha limpa, anticorrupção, pai de família, culto e evangélico, efetiva aqueles contornos pertinentes a um salvador da Pátria brasileira, desejoso de recuperar os “valores e os bons costumes”. Carone (2002) aborda esses aspectos e também os caracteriza como parte do *agitador fascista*, como o próprio autor denomina:

O agitador *vem do povo* e se apresenta como alguém quase indistinguível da grande massa [...]. Não deixa de frisar nas entrelinhas, no entanto, que é um esposo modelo, um bom e solícito pai para os seus filhos, com problemas financeiros e de saúde, de modo a diminuir a distância e a criar familiaridade e intimidade com os seus ouvintes. Quando o agitador centra a atenção em si mesmo, na construção do self-portrait, ele o faz de modo que os seus ouvintes não percebam que não está efetivamente discutindo as questões públicas que lhes interessam, mas sim, as suas qualificações como líder (Carone, 2002, p. 212).

Com discursos por vezes enaltecidos pelo simplismo e pela franqueza descomedida, Bolsonaro cativa o público pela sua “sinceridade” ao falar o que pensa, mesmo quando essa fala venha de maneira ofensiva. Há, portanto, por parte da população (vulgo eleitores), uma hesitação política que se evidencia na presença de um dilema que

estrutura a polarização em questão, apresentando-se da seguinte forma: ou a adesão à discursos assim, ou apostar novamente no “desacreditado PT”. É na onda do anti-PT, por conseguinte, que Bolsonaro pôde se estabelecer. Bobbio (1995) afirma que direita e esquerda são formadas por uma díade, ou seja, uma não existe sem a outra. Nessa dinâmica ambivalente de associações pode-se imaginar que o eventual desaparecimento de um polo condicionaria a perda de significado do outro.

Afinal, Bolsonaro cresceu na perspectiva anti-lulismo, tendo como pressuposto base a tensão associada ao anti-PT. Sem esta premissa, é possível crer que o engajamento do público a seu favor não seria facilmente obtido. Ademais, engajamento este que consolida reportando-se principalmente a asserções fáceis, discursos atrelados a embasamentos logicamente frágeis e em dados desrespeitosos.

No que diz respeito à face debilitada da esquerda brasileira, esta não pôde preservar integridade o suficiente ante a própria derrocada no interior desse cenário. A esquerda pode ser vista como um dos maiores degraus que elevaram Bolsonaro ao status de “mito” entre os brasileiros. Na medida em que a política identitária precisa ser alimentada diariamente e o politismo ideológico precisa disseminar para não morrer, Bolsonaro satisfaz essa condição por meio de uma impressão midiática peculiar, baseada via de regra em expressões, falas e noções incomuns, provindas de um então candidato à Presidência - em suma, desta forma é que contrai visibilidade dia após dia com a repercussão (mesmo negativa) própria da grande mídia e mesmo com uma plateia de vaia que, a despeito disso, não deixa de ser plateia.

“Qualquer que seja a sua transformação e ‘modernização’, a extrema-direita ainda representa uma ameaça real à democracia” (Löwy, 2015, p. 656).

4. Análise do discurso de Jair Bolsonaro na eleição presidencial de 2018

4.1. Estudo empírico

Este trabalho utilizará uma **metodologia cruzada**. Somado à **análise do discurso**, também foram realizadas **entrevistas de elite semi-estruturadas** com o intuito de perceber de forma mais ampla o sentido do **populismo** e as particularidades de um discurso populista, mais precisamente do (então) pré-candidato Jair Bolsonaro, na visão de jornalistas que atuam diretamente na editoria de política.

Entendemos a importância de analisar seu discurso como instrumento jornalístico e também na opinião de profissionais jornalistas, contrastando com a contextualização político-social atual e com a definição de autores, posto que o discurso sozinho pode não representar o todo e por isso não deve ser analisado. Em suma, é necessário entender o que está presente naquelas palavras implicitamente e não só explicitamente (Charaudeau. 2016, p. 21). Além do mais, entendemos, na presente pesquisa, o discurso como a principal ferramenta de observação e estudo, para isso trazemos à tona a fala do filósofo e historiador Michel Foucault (1996, p. 10): “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

4.2. Objetivo

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o tema do populismo, segundo uma abordagem que privilegia a atenção aos sinais e características que o determinam e em seu aparecimento tal como concerne aos períodos pré-eleitoral e eleitoral do então candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro, e por isso, constituindo-se de uma análise dos discursos ao candidato atribuídos na condição de figura pública. Abordando o tema conforme metodologia escolhida e previamente apresentada, e em seguida cotejando a investigação com o referencial teórico apropriado, recolhemos notícias que apresentam diretamente a fala de Bolsonaro nos seguintes meios de comunicação:

jornal *Folha de São Paulo*, jornal *O Estado de São Paulo* e site de notícias da Rede Globo G1.

Paralelamente, buscando respostas para os questionamentos que guiaram esta pesquisa, objetivamos empreender aquilo à que se refere Nogueira (2001, p. 480) ao afirmar que: “avaliar os efeitos de um determinado Discurso (dentre uma pluralidade de efeitos possíveis), constitui uma responsabilidade ético-política”. Nesse sentido é que reconhecemos a necessidade implicada no papel do mestrando e do pesquisador em geral de, por meio de fundamento técnico e de princípios, não perder de vista o resultado eficaz e reflexivo a que almeja obter ao se deparar com questões determinadas, bem como a ulterior apresentação do seu trabalho à sociedade.

Dessa forma, o presente estudo abrange uma análise do contexto atual da política brasileira, para o que recorreremos a um breve histórico no qual repousa a sua fundamentação, situando a eleição presidencial de 2018 e qualificando-a em seus aspectos culminantes para o fato constatado que eleitores brasileiros votaram decisivamente neste que poder-se-ia dizer um candidato inabitual à pauta política relativamente recente. Além disso, trabalhamos para identificar o conceito que os jornalistas políticos têm acerca do populismo, sobre o candidato Jair Bolsonaro e sua eleição. Por fim, identificamos e categorizamos o populismo junto aos principais autores e teóricos contemporâneos, com o fito de compreender o fenômeno populista no século XXI e aquilo que delimitamos por fascismo 2.0 - terminologia proposta, com base em estudos apresentados, para designar o momento sócio-político que atravessamos.

4.3. Objeto de estudo

A antropóloga e escritora brasileira Mirian Goldenberg diante de seus estudos dispõe que “o olhar sobre o objeto está condicionado historicamente pela posição social do cientista e pelas correntes de pensamento existentes” (Goldenberg, 2004, p. 79).

O centro desse projeto é a percepção e avaliação do discurso do então candidato à Presidência da República do Brasil, Jair Bolsonaro, tendo como base teóricos e estudiosos que abordam o tema populismo, a fim de entender as características

apresentadas em suas falas durante o período escolhido e classificá-las como populistas ou não. Para isso, utilizamos o conteúdo jornalístico que noticia o discurso de Bolsonaro em grandes veículos de comunicação brasileiros, são eles: o jornal *A Folha de São Paulo*, jornal *O Estado de São Paulo (Estadão)* e o site de notícias da Globo, *G1* - não restringindo à editoriais específicas e gênero jornalístico. A análise foi feita em todo o jornal/site, no período de 15/08/2018 à 15/09/2018. Essa data foi definida de forma estratégica por abrigar parte do período ainda pré-eleitoral (15/08 a 22/08), a fase da oficialização das candidaturas e, também, o período eleitoral. Ademais, o espaço de tempo definido ainda inclui o dia em que Jair Bolsonaro passou por um atentado, onde levou uma facada em uma ação de campanha, na cidade de Juiz de Fora/MG, no dia 06/09/2018.

4.3.1. Caracterização do objeto de estudo

4.3.1.1 Jair Bolsonaro

Atual Presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro foi eleito em 2018 com 57.796.986 votos (55,13%) na disputa do 2º turno com Fernando Haddad (PT). Então filiado no Partido Social Liberal (PSL), atualmente cumpre o mandato de 2019-2022 sem partido. Foi deputado federal, eleito pelo Rio de Janeiro, por sete mandatos - desde 1991, totalizando 28 anos de vida pública no Congresso Nacional. É um ex-militar, capitão da reserva que serviu no período da ditadura no Brasil. É um defensor deste período e da ala militar. Por ser o centro desta pesquisa, a sua própria fala servirá de complemento para a conclusão dos objetivos propostos.

4.3.1.2 Profissionais da imprensa

Diante da referente pesquisa e com a metodologia escolhida, optando pela entrevista semiestruturada, decidimos escolher como entrevistados profissionais que atuam na área da comunicação política com base no seu exercício profissional, na sua idoneidade e na sua carreira pessoal. Para isso, é importante ressaltar que os jornalistas entrevistados são tanto dos veículos que escolhemos para analisar as publicações, quanto de outros meios de comunicação, visto que são fatores independentes.

Ademais, optamos por escolher aqueles jornalistas que atuam na editoria de política, e que acompanham o dia-a-dia do Congresso Nacional, mais precisamente na Câmara dos Deputados, visto que, dessa forma, já são familiarizados com o discurso de Jair Bolsonaro. A entrevista, realizada a partir de um guião, mas que tem uma conotação mais informal por ser a entrevista semiestruturada, não tinha como intuito fazer uma biografia dos entrevistados, nem tão pouco especular um viés político oriundo do veículo de comunicação no qual o profissional exerce sua função com vistas a desqualificá-lo. Para isso, durante as entrevistas o tema tratado foi exclusivamente o objeto dessa pesquisa e suas denotações.

Assim, o grupo de **jornalistas políticos** que decidimos entrevistas é composto por:

Carolina Bahia - Jornalista nascida em Porto Alegre (RS). Desde 2010 atua em Brasília como correspondente política do Grupo RBS (afiliada da Rede Globo no sul do país). Faz análises políticas sobre os acontecimentos da Capital Federal para rádio, TV e jornal. Por cobrir política há quase uma década em Brasília acompanha os bastidores do Congresso Nacional e do Palácio do Planalto, o que pode vir a contribuir com a presente pesquisa.

Catarina Alencastro - Jornalista e repórter de política do jornal O Globo, Catarina Alencastro esteve por 14 anos cobrindo política na Capital Federal. Quando a entrevista foi realizada, trabalhava como setorista no Congresso Nacional, acompanhando cotidianamente os acontecimentos dentro e fora dos deputados federais e senadores. Atualmente exerce o papel de assessora de imprensa no Senado Federal.

Daniel Carvalho - Jornalista de política na sucursal da *Folha de São Paulo*, em Brasília, Daniel Carvalho atuou em outros jornais de grande circulação como o *Estado de São Paulo*, também como repórter de política. Venceu o *Prêmio Folha de Jornalismo do 3º Bimestre de 2013* e já atuou como editor da *Coluna do Estadão* - espaço destinado aos bastidores da política brasileira.

Paulo Trevisani - Repórter desde 1981, Paulo Trevisani atualmente atua como correspondente do jornal americano *Wall Street Journal*, em Brasília. Cobre economia e política na cidade que concentra os bastidores do poder. Atuou na linha de frente jornalística em momentos como a hiperinflação, atentado às torres gêmeas, recessão,

impeachment e escândalos de corrupção no Brasil. Por sua experiência como jornalista econômico/político, Paulo agrega conhecimento à entrevista e aponta detalhes importantes para o momento vivido na política brasileira.

4.3.1.3. Notas sobre trabalho de campo

Todas as entrevistas foram realizadas na cidade de Brasília, Capital Federal do Brasil, visto que os profissionais entrevistados desenvolviam seu ofício na cidade. O período de entrevistas se deu entre os dias 20 e 25 de junho de 2018. O agendamento foi feito via redes sociais *Facebook* ou *WhatsApp*, e os encontros foram realizados no lugar de escolha do entrevistado, geralmente cafés - com exceção da entrevista feita com Jair Bolsonaro, realizada no gabinete do então deputado. Totalizamos cinco entrevistas - quatro jornalistas e a própria figura de investigação desta pesquisa, Jair Bolsonaro. Todos os entrevistados eram cotados como a nossa primeira opção de entrevista, portanto, finalizamos com 100% de aproveitamento dos entrevistados. Todas as entrevistas foram gravadas em arquivos *mp3*, com a descrição disponibilizada na íntegra nos apêndices deste trabalho. O resultado totalizou em um acumulado de 134 minutos e 58 segundos de gravação, o que representa um total de 2 horas 14 minutos e 38 segundos, perfazendo uma média de 27 minutos por entrevista. As entrevistas mais extensas foram as do jornalista Paulo Trevisani e do próprio presidente Jair Bolsonaro. Contudo, vale ressaltar aqui, que a minutagem total das entrevistas não corresponde ao tempo efetivo, visto que desde o momento que iniciamos a conversa com determinado entrevistado já passamos por gravar e nem todo o conteúdo é aproveitado. O principal exemplo é a entrevista com Jair Bolsonaro. A entrevista com Jair Bolsonaro foi realizada sem agendamento prévio. No dia 25 de junho, por volta das 16h no Congresso Nacional, no gabinete em conjunto de Eduardo Bolsonaro e Jair Bolsonaro (foi feita uma reforma e pai e filho juntaram os gabinetes) foi realizada a entrevista, após um longo período de espera. Jair Bolsonaro estava assistindo ao jogo Portugal x Irã pela Copa do Mundo, que passava na televisão. Ao fim do jogo, Bolsonaro recebeu a autora deste trabalho em uma sala privada, onde mais um assessor estava presente que acabou por gravar em vídeo toda a entrevista. Desde o momento em que estava dentro do gabinete o botão

rec já havia sido acionado e a gravação iniciava, isso explica o tempo mais longo de duração da gravação. A efetiva entrevista foi realizada em um tempo de sete minutos.

4.3.1.4. Material jornalístico

Em um trabalho complementar às entrevistas, optamos por realizar um levantamento de todas as notícias que citam diretamente falas de Jair Bolsonaro, no período de 15 de agosto e 15 de setembro de 2018, nos jornais *A Folha de São Paulo*, *o Estado de São Paulo* e no site de notícias *G1*. Todas as matérias publicadas foram devidamente analisadas para verificar se seu enquadramento era pertinente ou não para a pesquisa. Após o levantamento, identificamos, no total, 28 matérias jornalísticas publicadas pelos três meios de comunicação.

Os dois jornais apontados nesta pesquisa estão entre os cinco jornais com maior circulação do Brasil³¹ e podem ser considerados referências no meio de veículos impressos. O jornal *Folha de São Paulo*, como o próprio nome diz, tem sua sede em São Paulo e jornalistas correspondentes espalhados pelo país, uma das cidades é Brasília. O jornal foi criado em 1971 para concorrer com o jornal *O Estado de São Paulo* - mais conhecido como *Estadão*, também situado na capital paulista com grande renome entre fontes jornalísticas. Já o site de notícias *globo.com/G1* foi escolhido por ser o site oficial da Rede Globo e é o primeiro colocado dos sites mais acessados no Brasil³².

4.4. Grandes questões

- Compreender de que forma a comunicação que o pré-candidato apresenta pode ser considerada populista;
- Analisar quais são os principais temas que Jair Bolsonaro aborda nos discursos e quais as suas principais bandeiras;
- Identificar qual o conceito que jornalistas políticos têm sobre populismo;

³¹ Dados retirados do site: <https://bit.ly/2H34aH0>

³² Informação retirada do site: <http://maisacessados.com/> acessado em 02 de julho de 2020, às 12h22min.

- Verificar de que forma o candidato Jair Bolsonaro é visto pelos jornalistas entrevistados;
- Identificar e categorizar o populismo junto dos principais autores e teóricos contemporâneos.

4.5. Metodologia

4.5.1. Análise do discurso

Deliberamos investigar o discurso de Jair Bolsonaro e suas características presentes, por intermédio de uma **abordagem qualitativa**, que resultou em um **estudo exploratório** das informações, através do método **análise do discurso**. Isso porque, de acordo com a autora Conceição Nogueira (2001), a análise do discurso tem, perante a realidade social, um caráter construtivo, e “discurso tem um efeito decisivo no modo como se configura o mundo social. As práticas discursivas são afinal práticas sociais, produzidas através de relações de poder concretas, numa época determinada” (Nogueira, 2001, p. 28). No mesmo sentido, Orlandi (2005) também fala sobre a análise do discurso e as relações de poder,

(...) o que se propõe é que, para se ir além disso, deve-se praticar a Análise do Discurso como um dispositivo que permite analisar a *textualização do político*, o que já é um passo importante na compreensão da relação entre o simbólico e as relações de poder (Orlandi, 2005, p. 10).

Nossas fontes para a análise do discurso de Jair Bolsonaro, serão alguns dos principais jornais em circulação no Brasil, sendo eles: o jornal *Folha de São Paulo*, o jornal o *Estado de São Paulo (Estadão)* e o site de notícias da Rede Globo (*G1*). Este processo se deu durante o período de 15/08/2018 até 15/09/2018, escolhido por corresponder a parte do período pré-eleitoral e eleitoral, já explicado anteriormente, no qual foi realizada uma verificação diária, com o intuito de coletar todas as matérias veiculadas por esses três meios de comunicação, que abordem falas de Jair Bolsonaro. Foram totalizadas 28 amostras, que incluem reportagem e colunas de opinião, todos envolvendo falas diretas de Jair Bolsonaro. Diante disso, pode haver questionamentos perante o tamanho da amostra, que se apresenta relativamente pequeno, porém, podemos afirmar que o

método Análise de Discurso não segue meios convencionais em relação ao tamanho da amostra. “A AD foge à tradição da ciência convencional e não se preocupa com números elevados” (Conceição, 2001, p. 33).

Vale ressaltar que a maneira como o veículo de comunicação retrata e publica a informação não foi analisada, pois não entraremos no tema de estudo que diz respeito a enquadramentos jornalísticos na presente pesquisa.

A análise do material recolhido se deu diante de autores e estudiosos que abordam o tema populismo, muitos deles já citados no capítulo II desta pesquisa. Isso porque vamos analisar a fala já com um contraposto de características apontadas pelos teóricos, a fim de chegar a conclusão se elas apontam característica populistas ou não. Segundo o autor José Azevedo (1998), uma das implicações da análise do discurso é “evidenciar como a linguagem é usada para uma variedade de funções e o seu uso tem uma variedade de consequências” (1998, p. 109). Dessa maneira, iremos buscar compreender como e por que Bolsonaro comunica da forma como o faz e entenderemos as consequências, diante do resultado da Eleição de 2018.

4.5.2. Entrevistas semiestruturadas

Optamos por escolher a modalidade de entrevistas de elite-semiestruturadas com o principal objetivo de oferecer espaço para o entrevistado e, ao mesmo tempo, ter mais flexibilidade para garantir uma resposta que venha ao encontro ao objeto central desta pesquisa. Segundo Goldenberg (2004), a modalidade de entrevista apresenta algumas vantagens diante de um questionário. Entre elas ressalto duas: as pessoas têm maior paciência e motivação para falar do que para escrever; pode-se observar o que diz o entrevistado e como diz, verificando as possíveis contradições (2004, p. 88). Em consonância com Goldenberg (2004), Miranda (2009) afirma:

Em oposição aos questionários, que têm um índice de devolução muito baixo, a entrevista tem um índice de respostas mais abrangente, uma vez que é mais fácil as pessoas aceitarem falar sobre determinados assuntos, que responder por escrito (Miranda, 2009, p. 43).

Um guião foi preparado previamente com perguntas pré-estabelecidas para guiar o andamento da entrevista. No entanto, as perguntas foram feitas de acordo com a sequência da conversação, com o intuito de entender o pensamento do entrevistado e dar um sentido lógico àquele diálogo. Segundo Miranda (2009), “numa entrevista semi-estruturada culminam-se perguntas abertas com perguntas fechadas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto” (p. 42), sendo exatamente este nosso objetivo com a escolha do gênero de entrevista, dispondo de abertura para o entrevistado falar de assuntos que possam vir a ser interessantes para a pesquisa e, também, para que entrevistador tenha o desimpedimento de questionar sobre temas paralelos.

De acordo com Goldenberg (2004), a entrevista é o “instrumento mais adequado para a revelação de informação sobre assuntos complexos, como as emoções” (2004, p. 88). Entendemos o objeto da nossa pesquisa como um assunto complexo, visto a sua especificidade e o momento em que foram aplicadas as entrevistas. O método aberto não foi escolhido para não haver possibilidades de destoar do assunto objetivo e não entrarmos em questionamentos desnecessários, pois para Manzini (2004), “todas as entrevistas se dirigem para algum lugar, pois antes da realização da coleta temos um objetivo de pesquisa que dirige nossa busca” (2004, p. 2).

Para ter uma análise jornalística e mais precisa de um discurso populista, os entrevistados escolhidos foram jornalistas editores de política e/ou que fazem a cobertura do Congresso Nacional - escolhido propositalmente - visto que já teriam um contato maior com o discurso de Bolsonaro. Elegemos jornalistas com currículo e credibilidade para atenuar informações verídicas e, minimizar erros, como já citamos aqui. Além da entrevista com os profissionais do ramo jornalístico, entendemos que seria complementar à análise uma entrevista de elite-semiestruturada, pelos mesmos motivos ante apresentados aqui, com o próprio elemento centro desta pesquisa: Jair Bolsonaro. Um guião foi pré-estabelecido e a entrevista foi realizada em Brasília, quando ainda era deputado federal e pré-candidato à Presidência da República. Goldenberg (2004) alerta para um fator importante presente na escolha da entrevista como metodologia que devemos considerar:

Trabalhando com estes instrumentos de pesquisa (questionário e entrevista) é bom lembrar que lidamos com o que o indivíduo deseja revelar, o que deseja ocultar e a imagem que quer projetar de si mesmo e de outros (Goldenberg, 2004, p. 85).

Em contraponto há a visão do entrevistador que observa detalhes em uma entrevista presencial. A escolha de adicionar à presente pesquisa uma entrevista com Jair Bolsonaro foi para visualizar seu comportamento pessoalmente, a forma como comunica e, claro, agregar suas respostas e contrastar - se necessário - com o discurso apresentado através dos meios de comunicação. Ademais, um ponto que foi questionado é se o próprio se considera um político populista, visto que, após o levantamento de revisão de literatura, percebemos que grandes nomes considerados populistas, não julgavam a si próprio ser, fato que pode ser constatado na entrevista.

Por fim, “a entrevista ou questionário são instrumentos para conseguir respostas que o pesquisador não conseguiria com outros instrumentos” (Goldenberg, 2004, p. 90).

4.5.2.1. Guião-base das entrevistas

Foram desenvolvidos dois guiões-base para a realização das entrevistas semiestruturadas que fazem parte do objeto do presente trabalho. São eles: um destinado especificamente ao **então candidato à Presidência da República**, Jair Bolsonaro; e o outro para os **profissionais da comunicação**, jornalistas escolhidos para acrescer essa pesquisa (estão nos Apêndices 1 e 2).

As perguntas que compõem o guião-base 2 foram elaboradas praticamente em três grupos. Inicialmente pedíamos uma breve apresentação para que obtivéssemos sucintamente um relato profissional. A partir de então, entrávamos no tema da eleição de 2018 e pedíamos um panorama geral com as diferenças, peculiaridades e aspectos que seriam enfrentados pelos possíveis candidatos no pleito, já identificados pelos profissionais. Dessa forma, entramos nos nomes de alguns possíveis candidatos à Presidência. De acordo com o andamento da entrevista, abordamos o tema central da pesquisa: populismo. Este era o principal ponto a ser debatido e adentrado durante a conversa. Se até este momento o nome de Jair Bolsonaro não tivesse sido citado em

nenhum momento, traríamos para o debate. Contudo, em todas as entrevistas ele já foi apontado quando as perguntas sobre o panorama da eleição e/ou sobre possíveis candidatos populistas.

Para os guiões-base das entrevistas semiestruturadas tomamos como largada 11 e 12 questões estabelecidas com base nas respostas que queríamos para fundamentar a pesquisa. Para os jornalistas partimos com 12 questões, já no guião-base com as perguntas a Jair Bolsonaro, iniciamos com 11 questões, mas finalizamos com 18.

4.5.3. Limites, problemas e dificuldades no processo da investigação

O presente trabalho foi iniciado em 2018, ainda em Portugal, durante aulas presenciais do mestrado em Comunicação Política. A pesquisa foi se desenvolvendo ao longo do curso distante de qualquer viés político, se restringindo apenas ao conteúdo e às leituras de estudos de autores renomados no tema populismo. Complementar a isso, a análise da eleição de 2018 já se deu no início do ano pela autora, quando a mesma ainda estudava em Portugal, com base em perspectivas pessoais, notícias e artigos. É importante ressaltar neste espaço que, em 2019, com o retorno da autora ao Brasil e a continuidade do trabalho à distância, a própria recebeu uma proposta de trabalho para atuar como assessora de imprensa dentro do Ministério da Cidadania do Governo Federal brasileiro.

Desta forma, poderia haver um conflito de interesses que viessem a prejudicar a presente pesquisa. Contudo, o ofício foi realizado de maneira estritamente profissional sem desvirtuar o trabalho e seu viés. A pesquisa seguiu seu processo de investigação com total comprometimento à veracidade do conteúdo baseada escrupulosamente em autores, estudos, historiadores, obras e análises realizada de maneira profissional. Diante disso é útil esplanar que, dado o conteúdo desta pesquisa, o comprometimento maior seria no lado do ofício profissional da autora - que poderia ser prejudicada, do que com a presente pesquisa.

Outro problema que deve ser apontado foi a forma como foi realizada a entrevista com o então deputado e candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro. Já foi mencionado no capítulo anterior que a entrevista foi realizada no gabinete do

entrevistado sem agendamento prévio. A autora chegou ao local, se apresentou e foi recebida por quatro assessores homens que orientaram-na a esperar Bolsonaro, que já estava por retornar ao local. Assim o fez e quando ele retornou, foi cortês, mas ficou olhando o jogo da Copa do Mundo - como também já mencionado, por longos vinte minutos de espera. Neste período, piadas entre os quatro assessores e Bolsonaro foram recorrentes, assim como algumas perguntas para a autora como por exemplo “*Como é morar em Portugal?*”. Após a espera, Bolsonaro - um pouco contrariado - aceitou em responder as perguntas para a pesquisa. Em uma sala, chamou um dos assessores para acompanhar a entrevista e gravá-la na íntegra, em vídeo. Poderia ter efeito intimidador, mas a autora manteve a orientação do guião-base e questionou sobre temas que surgiram durante a entrevista. Por fim, foi conclusiva e conseguiu o resultado almejado.

4.6. Resultados

4.6.1. Resultados da Análise do Discurso

A amostra definida neste trabalho se deu em uma pesquisa diárias de três grandes veículos de comunicação brasileiros, são eles: jornal *Folha de São Paulo*, jornal *O Estado de São Paulo* e o site de notícias da Rede Globo, *G1*. O acompanhamento diário desses meios, durante o período de 15/08/2018 e 15/09/2018 foi necessário para identificarmos reportagens/matérias/colunas que traziam uma linguagem direta do então pré-candidato/candidato à Presidência da República. Ou seja, o discurso apresentado, em um contexto linguístico, não teve interferência do narrador/jornalista, e é oferecido integralmente, para assim podermos analisar a sua plenitude e o contexto em que foi proferido. Segundo, Zandwais (2011):

[O discurso direto] é caracterizado, primeiramente, por incorporar as palavras do outro à totalidade do enunciado, ainda que as marcas formais de DD (travessão, dois pontos, aspas, colchetes, etc.) permitam que ele mantenha o estatuto de uma “sentença independente”, do ponto de vista gramatical, mesmo que o DD exerça a função de um dos componentes do todo (Zandwais, 2011, p. 14).

Diante disso, foi possível recolher 28 reportagens que constituem na amostra para a análise do discurso, dessas 15 são do jornal *A Folha de São Paulo*, nove do jornal *O Estado de São Paulo* e quatro do site de notícias *G1*. Todas as 28 trazem frases e citações diretas de Jair Bolsonaro. É necessário ratificar que o viés em que a informação está publicada não foi analisado, assim como a conjuntura do veículo de comunicação e a forma como ele publicou. Para fim, enquadramentos jornalísticos e agenda editorial não estão no tema de estudo da presente pesquisa. Apenas serão analisadas as falas diretas com base no levantamento e aprofundamento teórico já apresentado.

Optamos por agrupar as matérias de cada jornal em um subcapítulo diferente. E, para facilitar o entendimento, decidimos colocar em destaque, com fundo cinza, entre aspas e fonte itálica, todas as citações dos jornais. As frases em negrito são grifos nossos, a fim de ressaltar e elencar a parte mais importante do conteúdo.

4.6.1.1 Matérias do site de notícias da Rede Globo, G1

1 Matéria G1 22_08

*“Eu pretendo tipificar como terrorismo as ações do MST. Invadiu, não interessa se a propriedade é urbana ou rural, você armado, **fogo neles**, com excludente de licitude, com retaguarda jurídica. Afinal de contas, a propriedade privada é um dos pilares da democracia”*

*“Eu não quero que um presidiário sofra, seja espancado ou seja lá o que for. Quero que ele fique afastado do convívio da sociedade. **Eu prefiro a cadeia cheia de vagabundo do que o cemitério cheio de inocente”**.*

O pensador marxista brasileiro, Michael Löwy (2015) afirma que: “[os populistas] são favoráveis a **medidas autoritárias** contra a “insegurança” (usualmente associada a imigrantes) por meio do **aumento da repressão policial**, penas de prisão e pela reintrodução da pena de morte” (Löwy, 2015, p. 654). Através dessa citação, podemos descrever a primeira fala de Jair Bolsonaro retratada nesta matéria como populista, por fazer um claro apelo a uma medida autoritária, quando fala “*fogo neles*”.

Na segunda frase apontada nesta reportagem, fica claro o linguajar “banal” de Jair Bolsonaro, que se utiliza de um período de altos índices de insegurança do Brasil, para falar o que a sociedade (ou, ao menos, parte dela) querem ouvir, justamente por estarem cansadas de viverem com medo. Mattos (2017) aborda exatamente isso em sua obra quando destaca as intenções do discurso de um político demagogo/populista. “O político demagogo apela às emoções, medos, preconceitos e à ignorância das populações mais carentes para ganhar apoio popular e poder político” (2017, p. 76).

2 Matéria G1 28_08

“Um pai não quer chegar em casa e encontrar o filho brincando com boneca por influência da escola, esse é o assunto.”

“Esse tipo de gente, você não pode tratá-lo como se fosse um ser humano normal, tá, que deve ser respeitado, que é uma vítima da sociedade” (referindo-se a bandidos).

Aqui, nesta fala, encontramos claramente um pronunciamento preconceituoso de Jair Bolsonaro, tanto preconceito homofóbico, quanto preconceito social, afinal de acordo com o artigo 5º da Constituição Federal: *“Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança”*. Ou seja, o discurso de Jair Bolsonaro é uma violação contra a Constituição, contudo ele, sabendo que parcela da população concorda com seu pronunciamento, vale-se de uma mensagem simples e de fácil entendimento para atingir ainda mais pessoas. Ademais, diante do universo em que é colocado e por quem é falado - figura notória, sendo Jair Bolsonaro um candidato à Presidência da República - dá força àqueles que concordam com este pensamento, ou seja, também são preconceituosos. O *Disque 100*, canal de denúncias para casos de violência, registrou, em outubro de 2018 (mês da eleição), 330 denúncias, o que representou um aumento de 272% em comparação ao mesmo período

do ano anterior (2017)³³. Fato que pode ser considerado justificável pelo discurso preconceituoso de Jair Bolsonaro durante o período pré-eleitoral e eleitoral.

3 Matéria G1 31_08

"O que torna mulher tão forte quanto homem é arma na cintura dela. Essa historinha de querer dar porrada em mulher vai acabar. As nossas policiais civis e militares, PRF e PF, agentes penitenciários, guardas municipais, vocês serão reconhecidas. Trocou tiro com vagabundo, o vagabundo morreu, você tem que ser condecorada".

Novamente Bolsonaro se utiliza do momento frágil em que os brasileiros vivem, em que os índices de criminalidade aumentaram, para, em sua mensagem, trazer uma solução fácil, que segundo Galito (2017) é uma característica de um populista.

Para mais, aqui, Jair Bolsonaro fala especialmente para as mulheres, sendo que, de acordo com pesquisas eleitorais, o índice de aprovação do candidato entre as mulheres era baixíssimo³⁴. Podemos visualizar duas situações, sendo a primeira: querer dar poder às mulheres através da força, do armamento; a segunda: as mulheres ainda lutam por seus direitos, pois ainda sofrem preconceitos e discriminações. De acordo com Galito (2017), o populista "garante dar força aos marginalizados, mas estes não são necessariamente pobres" (2017, p. 24), neste caso, são as mulheres.

4 Matéria G1 01_09

"A família vai ser respeitada. Aqui tem macho e fêmea e não vamos admitir que nossas crianças continuem sendo pervertidas em programas de governo. Respeito a opção de qualquer um, vai ser feliz, mas não vamos brincar com nossas crianças".

³³ Informação obtida através de reportagem publicada pelo site UOL: <https://bit.ly/2SVyJkc> acessado em 17/01/2020, às 15h03min.

³⁴ Informação obtida através de reportagem publicada pelo jornal *Folha de São Paulo*, que traz a pesquisa do Instituto Datafolha. <https://bit.ly/379qKZO> Acessado em 17/01/2020 às 15h24min.

Segundo Mattos (2017), é comum em discursos conservadores vir à tona temas como: família, pátria e religião. “O conservadorismo é um pensamento político que defende a manutenção das instituições sociais tradicionais - como a família, a comunidade local e a religião -, além dos usos, costumes, tradições e convenções” (Mattos, 2017, p. 49).

4.6.1.2. Matérias do jornal O Estado de São Paulo – Estadão

1 Matéria Estadão 22_08

*“No que depender de mim, qualquer invasor **vai ser recebido a bala**. O MST gera uma insegurança muito grande no campo. O proprietário tem a fazenda invadida e alguns governos favoráveis à ideologia deles fazem corpo mole na hora de cumprir a reintegração. Qualquer invasão, seja rural ou urbana, tem de ser repedida com força.”*

*“Vamos dar aos cidadãos de bem o direito de posse à arma de fogo. **Não é armar a população, é garantir a posse de uma arma para o cidadão defender sua vida.**”*

Nesta fala, mais uma vez verificamos a incitação ao ódio e à violência indicada por Jair Bolsonaro. Evidentemente notamos que o então candidato busca distorcer a ideia de armamento e violência para um sinônimo de segurança. Segundo Löwy (2015), populistas tendem a um discurso no combate a insegurança com medidas de viés autoritário, como já vimos na análise da matéria 1 Matéria G1 22_08, citada no presente estudo.

2 Matéria Estadão 23_08

“Estamos formando uma geração de fracos”, disse. “Botar um marmanjo peladão deitado para uma criança tocar pode. Imagina se ele arma o pau de barraca dele. É tudo legal, isso pode. Vamos mudar essa cultura”, afirmou, lembrando o episódio que envolveu um artista nu tocado por uma criança no MAM de São Paulo.

Aqui Bolsonaro utiliza termos medíocres e vulgares, como “marmanjo”, “peladão”, “pau de barraca”. Mensagens contendo expressões dessa categoria são comuns nos discursos

de Jair Bolsonaro. Galito (2017, p. 8), afirma que populistas recorrem a mensagens simples e diretas, que são facilmente percebidas e absorvidas pelo cidadão comum.

3 Matéria Estadão 23_08 1

“Você sabe atirar? Sabe dar tiro?” A pergunta foi feita nesta quarta-feira, 23, pelo candidato Jair Bolsonaro (PSL) para uma criança.

Para Ianni (1989), a incitação ao ódio é uma das características de um discurso populista. Nesta fala de Jair Bolsonaro, em que se dirige a uma criança, o ódio e a violência estão evidentemente presentes. Outra característica presente nesta mensagem é a necessidade de visibilidade. É notório que proferir uma frase dessa a uma criança teria repercussão midiática, visto que é um ato assombroso e de nada carrega propostas ou fundamento político. Para Mudde (2017), “o populismo alude ao comportamento político amadorístico e não-profissional que visa maximizar a atenção da mídia”, (Mudde, 2017, p. 4).

4 Matéria Estadão 28_08

“Alguém já viu um japonês pedindo esmola por aí? Porque é uma raça que tem vergonha na cara. Não é igual essa raça que tá aí embaixo ou como uma minoria tá ruminando aqui do lado.” Na ocasião, o parlamentar também afirmou que visitou um quilombola em El Dourado Paulista, onde **“o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador eles servem mais. Mais de um bilhão de reais por ano gastado com eles.”**

O desrespeito e racismo contido nas mensagens de Jair Bolsonaro são identificados em vários trechos selecionados de matérias analisadas neste trabalho. *Arroba* é uma antiga unidade de massa usada para pesar animais e nesta mensagem Bolsonaro atribui para um humano negro, o que caracteriza evidentemente um ato de racismo. Além disso, desqualifica as minorias, neste caso os quilombolas, com a afirmação de que não servem para nada “nem para procriador”.

5 Matéria Estadão 29_08

“Eles podem me chamar de tudo, menos de corrupto”.

A corrupção é um problema que assombra o Brasil há décadas, contudo, desde 2005, a partir do escândalo do Mensalão, esse problema ficou mais em evidência, visto o envolvimento de numerosos políticos e empresários denunciados por lavagem de dinheiro. Uma matéria publicada em 2018 pelo site Congresso em Foco apontou que a cada três deputados, um era acusado de envolvimento em crimes.³⁵ Uma matéria publicada pela revista *Veja* em 2017³⁶ mostrou um estudo da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) que apontou que nos últimos dez anos (2007-2017) o custo da corrupção no Brasil era de R\$ 82 bilhões por ano — ou 2,3% do PIB da época, fazendo do Brasil um dos países mais corruptos no que diz respeito ao poder público. Esses fatos proporcionaram um aumento do descrédito na classe política por parte da sociedade. Atualmente se fala muito em anti-corrupção e o político que não se envolveu em escândalos acaba por engrandecer-se a si próprio, como se fosse algo admirável, e não imprescindível. Essa contextualização se fez necessária para analisar a frase proferida por Jair Bolsonaro diante da visão do autor Mattos (2017),

Esta proeminência da corrupção no discurso político nacional é importante, mas desvia a atenção de outros debates essenciais. Enquanto partidários e políticos de cada partido concentram-se em provar que o adversário é mais corrupto e o seu candidato é a pessoa mais honesta que existe numa batalha sem fim de acusações e denúncias, ninguém se lembra de discutir as políticas públicas, as propostas para a economia, as reformas necessárias ou os planos de longo prazo para o Estado (Mattos, 2017, p. 78).

Segundo o autor, os brasileiros, atualmente, estavam no aguardo de um “salvador da pátria” que desse fim ao sistema de corrupção instaurado no Brasil. Jair Bolsonaro soube aproveitar esse momento e enxergou a fragilidade da população se apresentando como o candidato anti-corrupção, com sete mandatos de deputado federal sem envolvimento em escândalos de corrupção - o presidente Jair Bolsonaro esteve envolvido recentemente, de forma indireta, em alguns casos polêmicos como: Caso Queiroz

³⁵Informações retiradas da matéria: <https://bit.ly/3dHJKzn/> Acessado em: 20/01/2020 às 17h21min.

³⁶ <https://bit.ly/3IP8tV5> Acessado em: 20/01/2020 às 17h26min.

(motorista e assessor do deputado Flávio Bolsonaro - filho de Jair Bolsonaro, foi convocado pelo Ministério Público do Rio de Janeiro para prestar depoimento sobre movimentações bancárias suspeitas no valor de R\$ 1,2 milhão que envolvem Flávio e sua esposa); A contratação de laranjas e Caixa 2 pelo PSL - antigo partido de Bolsonaro (o partido está sendo investigado desde o início de 2019 por candidaturas laranjas em dois estados: Pernambuco e Minas Gerais), entre outras.

Porém, no período eleitoral, Bolsonaro utilizava de sua “honestidade” nos anos de vida pública e da bandeira anti-corrupção, como se isso fosse suficiente para acabar com a corrupção política no Brasil.

6 Matéria Estadão 03_09

“Quer um Museu bem administrado? Podemos visitar. É o Museu Aeroespacial, lá no campus da aeronáutica.” (se referindo à boa administração dos militares)

Jair Bolsonaro é um militar da reserva que em sua carreira chegou ao posto de capitão. Em seu discurso, posicionamento e inclusive a linha política de seu então partido PSL o trabalho militar e a categoria bélica foram amplamente defendidos e exaltados. O militarismo é uma característica expoente do eixo político de direita.

7 Matéria Estadão 04_09

“Você tem cara de ter pintado a unha.” O jornalista rebateu e Bolsonaro responde: “Eu não posso o que, rapaz? Você pergunta o que quer e eu respondo o que eu quero”.

Aqui, nesta fala de Bolsonaro retratada pelo Jornal Estadão, é visível o enfrentamento de Jair Bolsonaro para com a imprensa. De acordo com Mattos (2017), a imprensa é um órgão livre que faz parte de governos democráticos, pois cumpre um papel de fundamental importância garantindo o fluxo de informação, além de prover denúncias sobre “problemas e abusos de governos e políticos” (2017, p. 75). Bolsonaro enxerga a imprensa como ameaça, visto que seus discursos são repercutidos, justamente, pela forma como é proferido e pelas mensagens contidas. Agora, como atual presidente,

Bolsonaro segue atacando a imprensa³⁷ como forma de desmoralizá-la e a fazer parecer tendenciosa. Segundo Levitsky & Ziblatt (2018), “quando populistas ganham eleições, é frequente investirem contra as instituições democráticas” (2018, p. 33), mais um fato que aponta Bolsonaro como um político populista.

Ademais, esta fala de Jair Bolsonaro ainda carrega um tom homofóbico sobre o repórter, outro fator que aponta a desmoralização das minorias, nunca defendidas por Bolsonaro.

8 Matéria Estadão 05_09

“Já está feito, já pegou fogo, quer que eu faça o que? O meu nome é Messias mas eu não tenho como fazer milagre” (se referindo ao incêndio no Museu Nacional do Brasil, ocorrido em 02 de setembro de 2018).

Jair Bolsonaro se utiliza de mensagens simples e perceptíveis, além de brincadeiras e trocadilhos, em uma tentativa de se aproximar do povo. Nesta mensagem quando brinca com o seu próprio sobrenome entendemos a relação mais informal que Bolsonaro busca atingir com seus eleitores. Ao mesmo tempo em que tenta passar uma ideia de igual para igual diante do povo, Bolsonaro remete nas entrelinhas e no tom do discurso um ar de superioridade. “Embora apareça como super-homem, o líder precisa, ao mesmo tempo, operar o milagre de aparecer como uma pessoa mediana, tal como Hitler posava como uma união de King Kong e barbeiro suburbano” (Adorno, 2015, p. 169 como citado em Carone, 2002, p. 107).

9 Matéria Estadão 15_09

“Nos últimos anos, o PT doou bilhões para ditaduras amigas, via BNDES. Seu dinheiro que deveria ser utilizado de forma responsável para o nosso crescimento, serviu para alimentar governos autoritários e antidemocráticos, como Cuba e Venezuela, sem nos dar retorno algum. Isso vai acabar.”

³⁷ <https://bit.ly/37f4gWD> acessado em: 20/01/2019 às 14h52min; <https://bit.ly/3IUyldB> acessado em: 20/01/2019 às 14h53.

Um dos pontos mais abordados por Jair Bolsonaro em seus discursos durante o período eleitoral foi o famoso “anti-petismo”. Para consolidar ainda mais esse discurso, que traçava uma relação entre PT (Partido dos Trabalhadores) e corrupção, era utilizada a principal figura do PT, o ex-presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva, preso por corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Esse fato passou a fortalecer o discurso de Bolsonaro, que tinha argumentos contundentes (que podem vir a ser/são questionados), que foram capazes de unir a extrema-direita, direita ‘clássica’ e, até mesmo, a esquerda neo-liberal (Löwy, 2015, p. 653).

Mesmo com os atos de corrupção nocivos à democracia, é inegável que o Partido dos Trabalhadores é um partido sólido em sua história e atuação. Contudo, uma das estratégias utilizadas por Jair Bolsonaro, como já foi apresentado neste trabalho, é desacreditar a esquerda como um todo. Levitsky & Ziblatt (2018) afirmam que “populistas tendem a negar a legitimidade dos partidos estabelecidos, atacando-os como antidemocráticos e mesmo antipatrióticos” (2018, p. 33).

4.6.1.3. Matérias do jornal Folha de São Paulo

1 Matéria Folha SP 15_08

"Não [é aceno à comunidade LGBT]. Você vai no parágrafo 2º do artigo 226 da Constituição: para efeito de proteção do estado é considerada família a união entre um homem e uma mulher. Se alguém quiser achar que dois homens ou duas mulheres são uma família, que proponha a mudança da Constituição", disse. O trecho ao qual se refere o parlamentar, na verdade, está no parágrafo 3º do artigo citado.

"Se eles andarem de mãos dadas, derem beijinho, vai desvalorizar" (se referindo à desvalorização de um imóvel, caso haja vizinhos gays).

O discurso de Jair Bolsonaro é claramente preconceituoso e homofóbico nessas duas citações. O candidato demonstra claramente não aceitar a relação de pessoas do mesmo sexo e entendê-las como família. O Brasil se mostrou um país de tendência mais conservadora visto a vitória de Jair Bolsonaro na última eleição presidencial, na qual, o

candidato apresentou discursos que escancaram o conservadorismo nos costumes. Isso pode ser entendido como populismo, visto que o candidato se utiliza de um discurso raso. Além disso, uma das características de populismo apontada pelos autores Levitsky e Ziblatt (2018) é “discurso ofensivo”.

2 Matéria Folha SP 18_08

“Se eu for presidente, eu saio da ONU. Não serve para nada essa instituição”
“Saio fora, não serve para nada, é um local de reunião de comunistas e de gente que não tem o menor compromisso com a América do Sul” (logo depois Bolsonaro declarou que foi equívoco a fala).

Como já foi falado na matéria 7 Matéria Estadão 04_09, conforme os autores Levitsky & Ziblatt (2018), populistas têm uma tendência a investirem contra instituições democráticas e estabelecidas. Este é mais um exemplo do candidato que reforça essa ideia. Corroborando este parecer, a relatora especial da Organização das Nações Unidas (ONU), Tendayi Achiume, descreveu a sua análise em um informe da ONU de 2018³⁸, sobre o populismo nacionalista em seu contexto mundial e os reflexos que geram diante dos direitos humanos. A relatora afirma que:

O populismo nacionalista também ameaçou gravemente as organizações da sociedade civil, incluindo as organizações de direitos humanos que prestam apoio aos grupos minoritários, imigrantes, refugiados e outros grupos marginalizados (Achiume, 2018, p. 14).

3 Matéria Folha SP 21_08

“De tanto ver coisas erradas, há quatro anos eu decidi fazer o que estou fazendo. Sei o que os outros têm, mas eu tenho o que eles não têm. Eu tenho a paz dentro de mim, graças a Deus tenho uma família maravilhosa”.

³⁸ Informe da Relatora Especial sobre as formas contemporâneas de racismo, discriminação racial, xenofobia e formas conexas de intolerância, de 2018. (Título traduzido para o português)

"(...) varrer o comunismo do Brasil". "Encerrando: o Estado pode ser laico, mas eu sou cristão".

De acordo com Charaudeau (2016), é em uma democracia que o populismo consegue seu espaço, principalmente em uma campanha eleitoral, período em que é necessária ganhar a confiança da maioria da população e 'agradá-la'. Na primeira frase, Bolsonaro apela para a sua família, com um discurso conservador, entendendo que parte da população brasileira tem esta mesma característica e apoia o discurso da família e do 'ser cristão'.

4 Matéria Folha SP 23_08

"Aqui, eu consegui te dar uma resposta de três minutos, razoável. Lá eu tenho 45 segundos para responder a mesma pergunta." (se referindo aos debates eleitorais na televisão)

"Nós não podemos criar uma geração de covardes". "A arma é inerente à defesa da sua vida e à liberdade de um país. Meus filhos todos atiraram com cinco anos de idade, real, não é de ficção nem de espoleta não, tá ok?" (defendendo a liberação do porte de arma de fogo) "não podemos ter uma geração de covardes, de ovelhas morrendo nas mãos de bandidos sem reagir".

Aqui temos duas citações de Bolsonaro. Na primeira ele se refere aos debates televisivos, se referindo ao pouco tempo que terá para responder questionamentos dos adversários. Mattos (2017) afirma que discursos populistas são complementados por uma repulsa em relação a debates, visto que estes podem expor o candidato e enfraquecer seu discurso raso e demagógico. Foram realizados sete debates televisionados, aprovados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), destes, Jair Bolsonaro participou apenas dos dois primeiros. Contudo, vale ressaltar que Jair Bolsonaro sofreu um atentado em uma atividade de campanha, em Juiz de Fora (MG), no dia 6 de setembro, e todos os outros debates foram depois desta data.

Na segunda citação, novamente Bolsonaro faz uma alusão às armas e defende a liberação do uso de armas, para mais, ainda incita o uso de armas por crianças, citando o exemplo de seus filhos.

5 Matéria Folha SP 24_08

“Não existe censura. Agora tem órgão de imprensa que está preocupado de eu não dar mais dinheiro de propaganda oficial para eles e isso pode acontecer.”

“Eu não acredito em pesquisas. Pesquisa minha é essa que está na rua, duvido que qualquer outro candidato tenha essa recepção que vem do coração do povo.”

Uma característica presente no discurso de Jair Bolsonaro durante o período eleitoral e após ser eleito, é o ataque e descrédito aos órgãos de imprensa e aos profissionais do jornalismo. Em várias situações - uma delas já mencionada aqui, na matéria do jornal *O Estado de São Paulo* 04_09, Bolsonaro ofende jornalistas. Para além, conseguiu criar uma massa na sociedade contra a imprensa.

Contrariando o que Bolsonaro diz, Charaudeau (2016, p.129) nos afirma que pesquisas eleitorais estão cada vez mais confiáveis a medida que a eleição se aproxima, devido ao engajamento potencial.

6 Matéria Folha SP 28_08

"Esse tipo de gente você não pode tratar como um ser humano normal que deve ser respeitado, como uma vítima da sociedade. Nós não podemos deixar os policiais continuarem morrendo na mãos desses caras."

"Deixar livre da linha de tiro as pessoas de bem da comunidade ir com tudo para cima deles."

"Ele [policia]l entra, resolve o problema e se matar 10, 15 ou 20 com 10 ou 30 tiros cada um ele tem que ser condecorado e não processado."

Na primeira frase já vemos a expressão de Bolsonaro a tipificar indivíduos diante de alguma característica. Neste caso, ele se refere a bandidos e assaltantes. A tipificação não é uma característica apontada diretamente por autores e teóricos, no entanto, ela pode ser considerada como diminuição das pessoas e exclusão social, além disso, diante

da primeira e segunda expressão entendemos que ela foi falada para agradar parte da sociedade que acredita mais na pena de morte para bandidos do que na ressocialização.

Löwy (2015) afirma:

[populistas] em sua maioria, se não em sua totalidade, são favoráveis a medidas autoritárias contra a “insegurança” (usualmente associada a imigrantes) por meio do aumento da repressão policial, penas de prisão e pela reintrodução da pena de morte (Löwy, 2015, p. 654).

7 Matéria Folha SP 28_08 1

“Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí.” “Não vou combater, nem discriminar, mas, se eu ver dois homens se beijando na rua, vou bater.”

“Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher.”

“Eu fui em um quilombola em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas”, disse Bolsonaro. Ele também declarou que quilombolas “não fazem nada”, “nem para procriador eles servem mais”.

Discriminação a gays, de gênero e racial, comentários homofóbicos, machistas e xenofóbicos. Duas características apontadas na tabela 1 desta pesquisa estão presentes aqui: ofensivo (Levitsky e Ziblatt, 2018) e de incitação ao ódio (Ianni, 1989). Para além, podemos caracterizar também, assim como na 6 Matéria Folha SP 28_08, a *tipificação de pessoas* e o tratamento de seres humanos como simples coisas. Percebemos, através da análise feita até este momento, que essas características estão muito presentes nos discursos de Jair Bolsonaro. No informe da ONU de 2018, já citado anteriormente, a relatora especial Tendayi Achiume retrata a ligação de populistas nacionalistas com um discurso de incitação ao ódio e de discriminação. Achiume afirma que o populismo, principalmente o de direita, em muitas partes do mundo “promove uma reação contra a igualdade de direitos das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgereros e intersexuais

LGBTQI, de forma a negar sua dignidade humana intrínseca e o seu direito pleno aos direitos humanos”, (Achieme, 2018, p. 7).

8 Matéria Folha SP 28_08 2

"No Japão tem pena de morte. Tinha um japa gordo, de uns oito arrobas, que foi pego uns dez anos atrás botando gás sarin no metrô. Foi executado no ano passado."

"Como é que eu sou racista se meu sogro é o Paulo Negão?"

"Eu não empregaria [homens e mulheres] com o mesmo salário. Mas tem muita mulher que é competente".

"Alguém aqui, homem ou mulher, pai ou mãe, quer chegar em casa agora e encontrar o filho Joãozinho, de 7 anos de idade, brincando de boneca por influência da escola? Porra, nosso filho é homem, aqui não porra!"

"Vamos acabar com essa palhaçada de ser condescendente com quem quer sexualizar os nossos filhos. Nada contra gay, quem quer ser feliz com barbado lá, vão ser felizes sem problema nenhum, agora enquanto presidente essa palhaçada vai acabar"

De todas as expressões colocadas, inicio com a segunda que retrata o racismo na sua forma mais banal. Essa frase já era caracterizada como uma forma de Bolsonaro rebater o rótulo racista emplacado a si próprio. Achieme, relatora da ONU, afirma que “as mobilizações populistas nacionalistas ameaçam a igualdade racial” (2018, p. 23).

O que é comparável na extrema-direita francesa e brasileira são dois temas de agitação sociocultural do conservadorismo mais reacionário: I. A ideologia repressiva, o culto da violência policial, o chamado a restabelecer a pena de morte: é o caso na Europa da extrema-direita e no Brasil da “bancada da bala”, fortemente representada no Congresso. II. A intolerância com as minorias sexuais, em particular os homossexuais. É um tema agitado, com certo sucesso, por setores religiosos, com referência católica (Opus Dei, Civitas etc.) na França e evangélica neopentecostal no Brasil (Löwy, 2015, p. 662 e 663).

Vale ressaltar que, quando deputado federal, Jair Bolsonaro era integrante da “bancada da bala” citada por Löwy (2015).

9 Matéria Folha SP 30_08

Bolsonaro fez o comentário crítico no Jornal Nacional durante diálogo sobre sua defesa, no passado, de que homens e mulheres não devem necessariamente receber o mesmo salário. O candidato então disse que William Bonner, editor-chefe e apresentador do programa, e Renata Vasconcellos, apresentadora, não recebem salários equivalentes.

"Vocês vivem em grande parte de recursos da União. São bilhões que recebe o sistema Globo de recursos da propaganda oficial do governo", disse o candidato.

Mais uma vez, Jair Bolsonaro minimiza as mulheres, como forma de desqualificá-las e demonstrar a superioridade masculina. Para Achiume (2018), os valores tradicionais - defendidos sistematicamente por Bolsonaro - “limitam gravemente a autonomia das mulheres” (2018, p.16). E, diante da declaração relacionada à Rede Globo, é retratada mais uma fala populista. Achiume (2018) também afirma que: “historicamente os populistas nacionalistas tentaram reprimir os meios de comunicação livres e independentes [...] e acusam esses meios de produzir notícias falsas” (pp. 7 e 8).

10 Matéria Folha SP 31_08

"Nem deveriam ter recebido a candidatura de Lula. A tática do partido é protelar ao máximo esse julgamento para manterem a foto do Lula na urna eletrônica e bagunçar todo processo eleitoral".

"Essa comissão é um antro de gente de esquerda. Não é um grupo sério". (se referindo às Organizações das Nações Unidas, ONU)
"O agronegócio do país está estrangulado. Precisamos produzir mais alimentos. Em nome da preservação ambiental, das terras indígenas e dos povos indígenas, estão entregando a Amazônia para os estrangeiros. Se necessário for, vamos retirar o Brasil desse acordo". (Acordo ambiental de Paris)

A polarização foi um dos fatores utilizados por Bolsonaro para se popularizar, visto o descrédito da população com a política e, em parte, com a esquerda ideológica, já que há 12 anos o Partido dos Trabalhadores estava no poder. Em muitos discursos é possível perceber a demonização deste partido, de instituições ligados à esquerda e a grupos esquerdistas e essa foi uma das estratégias presentes em toda a candidatura de Jair Bolsonaro.

Sobre as menções à ONU e, principalmente, ao Acordo de Paris, vê-se claramente outra estratégia do candidato, que foi buscar igualar o Brasil aos Estados Unidos e suas ações às de Donald Trump. Em 2017, Donald Trump saiu do Acordo de Paris pois é alheio a questões relacionadas ao aquecimento global. Bolsonaro, por sua vez, segue exatamente esses passos quando se refere a assuntos ambientais. E já na sua campanha, como é notório, ele já fazia insinuações que ameaçassem o papel do Brasil neste setor.

11	Matéria	Folha	SP	03_09
----	---------	-------	----	-------

"Vamos fuzilar a petralhada toda aqui do Acre. Vamos botar esses picaretas pra correr do Acre. Já que eles gostam tanto da Venezuela, essa turma tem que ir pra lá. Só que lá não tem nem mortadela galera, vão ter que comer é capim mesmo."

A incitação à violência e o discurso de ódio mais uma vez são fatores presentes em falas públicas do então pré-candidato à Presidência Jair Bolsonaro. Essas características além de populistas, também são autoritárias e representam um conflito direto com o regime democrático.

12 Matéria Folha SP 04_09

O deputado foi indagado, em um corredor da Câmara dos Deputados, sobre o motivo de ter replicado, nesta terça (4), um vídeo em que uma criança conta ter ouvido da professora que meninos também podem pintar a unha, usar brinco e saia.

"Qual o posicionamento do senhor. Por que o senhor retuitou isso?", questionou o repórter.

"Pergunta pro teu p... [interrompido]. Você pintou a unha quando era criança?", disse Bolsonaro.

Essa matéria se refere ao mesmo caso citado na 7 Matéria Estadão 04_09, que já foi citada e explicada. Além do enfrentamento à imprensa, atestada pelo ataque direto ao repórter, o discurso é agressivo.

13 Matéria Folha SP 05_09

*"O Brasil não suporta mais outro ciclo de PT ou PSDB. Vamos varrer a cúpula desses partidos para a lata do lixo. Vamos dar um pé no traseiro do comunismo. Vamos extinguir o Foro de São Paulo, vamos **valorizar a família brasileira**. Vamos respeitar as crianças em sala de aula. Vamos jogar pesado na questão da violência", disse.*

O discurso de Bolsonaro é caracterizado como liberal e conservador nos costumes, neste segundo ponto encontramos um termo usualmente adotado por Bolsonaro na frase acima: família brasileira. Quando se refere à família brasileira, Bolsonaro deixa claro que é uma união entre um homem e uma mulher. Desta forma, já protagoniza o preconceito com relações entre pessoas do mesmo sexo. Achiume (2018, p. 16) aponta que características como essa fazem parte de uma retórica populista nacionalista.

14 Matéria Folha SP 08_09

"Acharam que iam tirar o pangaré velho da disputa, mas não conseguiram".

Nesta fala, Jair Bolsonaro se refere à facada que levou durante um ato de campanha. Novamente é notório a fala simplista e pejorativa, características apontadas em discursos populistas.

15 Matéria Folha SP 15_09

"Tem que jogar pesado: valorizar a PF, o Ministério Público, os homens que realmente vão atrás desses que teimam em roubar a nação". "Nas audiências de custódia botam para fora mais da metade dos presos em flagrante".

Aqui, Jair Bolsonaro faz uma crítica ao Sistema Judiciário do país, mais uma instituição consolidada, com suas bases, fundamentos e ações perante a lei. Como já abordado, uma estratégia utilizada pelo então candidato é a desvalorização e desqualificação de entidades - que não favorecem ou aprovam suas ações e seu modo de pensar.

4.6.2. Resultados das entrevistas semiestruturadas

As cinco entrevistas realizadas que compõem a presente pesquisa trazem uma perspectiva real, atual e profissional sobre o tema estudado, visto que os profissionais escolhidos têm completa familiaridade ao tema e embasamento próprio para responder as questões. Os questionamentos se deram na base dos temas: populismo, eleição presidencial de 2018 e Jair Bolsonaro.

Para uma leitura mais fluída colocamos as falas dos entrevistados entre aspas e em itálico quando apresentam menos de 40 palavras. Já quando a citação for maior, terá um recuo de 1,25cm na margem inicial da página, estarão entre aspas, com espaçamento simples e em itálico.

4.6.2.1. A eleição presidencial de 2018 na visão dos jornalistas políticos

Como já apresentado no início deste estudo, o cenário político em que se encontrava o Brasil quando se aproximavam as eleições de 2018 era totalmente instável e atípico. Todos os quatro jornalistas entrevistados utilizados para a presente pesquisa apontaram a instabilidade do pleito como um ponto importante a ser analisado e compreendido para então buscar entender qual seria o rumo tomado na decisão política. A eleição, sozinha, não pode ser considerada, visto que o contexto como um todo deve ser levado em conta para que haja um aprofundamento da questão, como já vimos no Capítulo II deste trabalho de acordo com o pensamento da autora Galito (2017). A jornalista Carolina Bahia afirmou que *“é a eleição mais singular que nós tivemos nos últimos anos, desde a redemocratização”* e aponta aspectos para justificar seu pensamento, como *“uma crise política e econômica, um processo de impeachment, que não deixa de ser um rompimento no processo”*, leia-se um rompimento no processo democrático. Na mesma linha, a jornalista Catarina Alencastro traça o pano de fundo da eleição presidencial:

“É uma eleição bem atípica, primeiro porque a gente está vindo de um governo de sucessão, um governo que teve uma ruptura. O presidente atual não foi eleito, ele era o vice-presidente de uma presidente eleita que sofreu um processo de Impeachment e na avaliação de grande parte do imaginário popular existe uma questão de questionamento da legitimidade do presidente Michel Temer. [...] o Temer foi alvo de uma série de denúncias, ele foi alvo de acusações. Então assim, o governo dele é questionado, é muito fragilizado, é o governo mais impopular da história democrática” (Catarina Alencastro).

Ambas as jornalistas apontam para um fenômeno de ruptura no processo democrático, o que gerou grande instabilidade tanto política - para os candidatos, mas também - e principalmente, para a sociedade (eleitores) que têm nas mãos o poder de decisão dos próximos quatro anos do país. O jornalista Daniel Carvalho destaca que *“tem um cenário de incerteza muito grande”* e concorda que a eleição é emblemática por ser oriunda de um período pós-impeachment. Além disso, o jornalista ainda pontua que a pulverização de candidaturas é outro aspecto que deve ser levado em conta e ainda afirma *“a gente tá em 22 de junho e tá tudo indefinido”*. O jornalista Paulo Trevisani atribui essa indefinição tardia às grandes mudanças jurídicas e eleitorais apresentadas no pleito, que se traduzem, principalmente, em duas: um período mais curto de campanha - que foi reduzido a 45 dias - e *“a principal delas, ao meu ver, é a regra do financiamento de campanha, que dessa vez a principal fonte de financiamento não está disponível, que é o financiamento de empresas”*. Essas mudanças - pela primeira vez implementadas, criaram *“muitos desafios para os candidatos, porque eles vão jogar um jogo um pouco diferente desta vez, com regras um pouco diferentes. E pros eleitores e pra mídia também, porque está mais difícil de cobrir”*.

4.6.2.2. Cenário de instabilidade política e o aparecimento de discursos populistas

Após uma análise do cenário eleitoral de 2018, apresentado por cada um dos jornalistas, eles foram questionados sobre o favorecimento desse panorama político para o aparecimento e fortalecimento de discursos populistas. Todos os jornalistas

concordaram que o momento tendia para que populistas tivessem espaço e seu discurso passasse a ecoar entre as pessoas. E não só, também fosse disseminado pelas próprias pessoas. Alguns citaram a palavra “carência” em suas respostas neste questionamento, justificando o aparecimento de populistas diante da orfandade da sociedade de líderes políticos, dentre eles, o jornalista Daniel Carvalho que entende que, naquele momento, a sociedade estava carente em várias frentes e *“se você é um candidato que consegue identificar essas carências e dar **uma resposta qualquer que contemple elas [grifo nosso], então você acaba agradando e isso favorece sim o discurso populista”**”*.

Contudo, Catarina Alencastro fala sobre alento, palavra que no dicionário Aurélio tem como significado: condição da pessoa que demonstra coragem; aquilo que traz o vigor de volta³⁹.

“Porque a população está em um estado de desalento, a população não tem esperança, o presente está horrível, tem um contingente enorme de brasileiros sem emprego, um contingente enorme de brasileiros sem emprego há anos e que meio que perdeu a esperança, não tem nem motivo para perpetuar nessa busca, nessa procura, nessa batalha. [...] Ele quer ouvir uma coisa boa, um discurso alentador, ele recebe um discurso alentador e ele embarca nesse discurso alentador” (Catarina Alencastro).

E a jornalista Carolina Bahia reitera o pensamento: *“o populista traz esse alento, ‘ele vai resolver a minha vida’”*. Assim como Mattos (2017) afirmou que o brasileiro buscaria um salvador da pátria, honesto e íntegro, para acabar com a corrupção, a jornalista Carolina Bahia utiliza do mesmo termo para expressar o anseio da população brasileira que vivia em uma *“crise de lideranças”*.

*“Como nós estamos vivendo uma crise de lideranças, uma crise de identidade até dentro da política. existe uma **polarização** e as pessoas naturalmente vão em*

³⁹ O significado completo pode ser encontrado através deste link: <https://www.dicio.com.br/alento/>
Acessado em: 05/07/2020, às 14h59min.

busca de um salvador da pátria e a característica desse salvador da pátria é ter um discurso populista” (Carolina Bahia).

Ora, a jornalista também aborda a polarização com um fator instigante - e importante - a ser analisado. Em consonância com o pesquisador Pinto (2017) que aponta a polarização como uma das características proeminentes do populismo. Na visão da jornalista *“infelizmente esse momento de polarização favorece o discurso populista”*. Contudo, o jornalista Paulo Trevisani apresenta uma visão um pouco distinta das dos demais profissionais. Para ele, o período de campanha é um momento por si só propício ao populismo. Segundo ele, é difícil identificar se só o momento político do Brasil é que facilita esse aparecimento. *“Eu acho que em época de campanha isso é um pouco difícil, porque todo mundo tem uma tendência um pouco populista, no sentido de demagogia, durante uma campanha”*. Ainda complementa, na contramão dos demais, *“acho que esse tipo de discurso encontra solo fértil sempre, em qualquer lugar, o problema é a capacidade do outro discurso de se sobrepor, um discurso mais sensato e moderado”*.

4.6.2.3. O discurso populista na visão dos entrevistados

Ao longo da pesquisa foram buscados os significados e as características do que viria a ser um discurso populista. Para isso trouxemos diversos autores, pesquisadores e historiadores para formar um complexo conjunto de atribuições a fim de chegar ao significado final. Para complementar, decidimos questionar os entrevistados sobre o que, na opinião deles, seria um discurso populista. Vale destacar que foi pedida a opinião de cada um, embasado tão somente no intelecto pessoal e nas experiências vividas por cada presente, ou seja, são visões pessoais, diferentemente das já apontadas aqui por autores de obras - que trazem um significado já fundamentados academicamente. Hermet (2018) enfatiza ser um atributo do discurso populista o fácil entendimento. Em sintonia com o autor, os jornalistas Daniel Carvalho, Paulo Trevisani e Carolina Bahia respondem todos, quando questionados sobre *“o que é um discurso populista?”*, *“é um discurso fácil”*. Daniel complementa *“um discurso que não necessariamente precisa de um embasamento técnico para se tornar viável, mas ele agrada uma parcela do eleitorado”*, ou seja, aqui encontramos também uma harmonia com a autora Galito

(2017) que aponta a superficialidade como fator presente em um populista. Já Carolina Bahia afirma que *“são aqueles de mais fácil entendimento da população”*, isto significa, em outras palavras um discurso simplista, sendo essa uma característica apontada na *Tabela 1* do presente estudo pelos autores Galito (2017) e Charaudeau (2016).

Assim como Daniel Carvalho, a jornalista Catarina Alencastro destaca que **o desejo da população** é um fator determinante para a elaboração de um discurso populista.

“[O populista] é aquele discurso muito voltado, com foco no que a população quer ouvir, no que a população quer ter. Então assim, ‘biruta de aeroporto’, para onde o imaginário popular, as pretensões, as intenções, os desejos da população, os anseios da população apontam, esse candidato vai moldar o seu discurso, vai moldar a sua plataforma, nesse sentido, para se casar perfeitamente com o que a população está dizendo que quer ouvir” (Catarina Alencastro).

É possível afirmar, que na visão da jornalista, em contraste com o que já destacamos diante de autores, o discurso populista é um discurso oportunista (Galito, 2017), pois se aproveita dos anseios da população e faz deles um potencializador do seu ato político. É interessante destacar o ponto levantado pelo jornalista Paulo Trevisani, que não foi abordado pelos outros entrevistados. Trevisani traz à tona a demagogia. *“É um discurso fácil. É um tema pejorativo para demagogia, é um discurso fácil que não responde a uma, duas perguntas subsequentes”*, afirma. Na *Tabela 1* do presente estudo dois autores atribuem a demagogia como aspecto presente no discurso populista, são Mattos (2017) e Weffort (2003). Durante a entrevista Trevisani também falou sobre a educação no Brasil, o baixo nível de intelecto crítico de grande parte dos brasileiros, e como isso passa a influenciar na sociedade quando o momento é de decisões políticas. Esse é mais um aspecto levantado pelo jornalista sobre o surgimento de um discurso populista. Não há critério teórico por parte do enunciador e nem crítico pelos receptores. Daniel Carvalho na sua entrevista também fala sobre a falta de interesse em política por parte da população. *“A eleição só começou para os políticos e para os jornalistas, pra população em geral... Tem gente que não sabe nem que vai ter eleição pra presidente e governador este ano, tem gente que acha que é eleição para prefeito”*.

É considerável ressaltar que os jornalistas entrevistados trouxeram opiniões sobre que tipo de discurso pode ser considerado populista e todos eles expressaram o populismo como um modelo de discurso geral, sem ser um fenômeno exclusivo da direita ou da esquerda. Quando questionado se o Brasil teria algum exemplo de populismo, Jair Bolsonaro automaticamente remeteu sua resposta aos discursos da esquerda. Primeiramente citou programas criados em governos de esquerda no Brasil, os caracterizando como populistas.

“O próprio PT. Bolsa Família. Eu acho que você tem que ajudar os necessitados, né, mas não ampliar o programa visando a questão eleitoral. A questão de cotas, os programas que o governo têm, vários programas aqui, vários programas assistenciais que são populistas, visam não atender o ser humano, tirar da situação difícil, reinserir no mercado de trabalho, não, muito pelo contrário, busca aprisioná-lo de modo que ele fique escravo daquele governo” (Jair Bolsonaro).

Diante de todo o embasamento apresentado nesta pesquisa, já é cabível afirmar que o populismo existe em ambos os espectros políticos, tanto na esquerda quanto na direita. Ele não é exclusivo de nenhum dos lados. E por óbvio, apresenta características e aspectos distintos, como abordamos no capítulo II, mas em suma, mesmo se tratando de extremos, ambos os populismos se assemelham em pontos-chaves. Antagônico ao que Jair Bolsonaro se referiu ser populista, a jornalista Carolina Bahia cita uma fala do próprio candidato à Presidência na época, e complementa:

“‘Vamos resolver a sua vida matando bandido’. Isso é um discurso populista, nenhum Presidente da República mata bandido, óbvio que não, mas aquela pessoa que está se sentindo oprimida por causa da segurança, sente naquele discurso algo muito próximo dela, que jamais vai acontecer. Um Presidente da República, como esse candidato da extrema-direita, não tem condições de distribuir armas, como ele diz, mas é um discurso populista” (Carolina Bahia).

4.6.2.4. Um discurso populista na eleição de 2018

Os quatro jornalistas entrevistados concordaram que, na pré-campanha de 2018 - quando foram entrevistados, havia - supostos - candidatos com discursos característicos do populismo. Para Carolina Bahia, *“os dois nomes que lideram as pesquisas, o ex-presidente Lula, no campo da esquerda, e o deputado Jair Bolsonaro, no campo da extrema-direita, os dois apresentam discursos populistas”*. A jornalista Catarina Alencastro comunga da mesma opinião: *“eu acho que, pegando o gancho da eleição têm dois candidatos que fazem esse discurso populista, é o Bolsonaro de um lado e o Lula de outro”*. Aqui podemos compreender melhor a opinião dos jornalistas quando falam do populismo, não o restringindo como uma característica exclusiva de um dos espectros políticos. A desigualdade social é um dos fatores que influenciam no aparecimento de um discurso populista, neste caso de esquerda, e a jornalista Catarina Alencastro levanta este ponto, quando fala sobre o então candidato Lula.

“No caso do Lula é o apelo para o combate à pobreza, que é uma chaga no Brasil até hoje. E a venda de um sonho, a venda da conquista da felicidade, da satisfação, da superação. Então eu acho que o populismo, hoje aqui no Brasil, pegando esse gancho eleitoral ele pode ser personificado por esses dois personagens” (Catarina Alencastro).

O jornalista Paulo Trevisani, preferiu não citar nomes, mas afirmou que durante a pré-campanha tem visto *“candidatos assim”*. Ele ainda complementa: *“o que eu chamei de populista, é alguém que apresenta uma solução que parece fácil e que não se dá ao trabalho de explicar como ele vai chegar naquele ponto”*. O jornalista ainda afirmou que não vê problema em um discurso populista, mas *“o problema é se a pessoa depois de eleita continuar vivendo nessa fantasia, isso que é o perigo”*. Desta forma, é cabível analisarmos que o jornalista se refere ao populismo como uma ideia de fantasia e que pode vir a ser um risco democrático, caso seja seguido durante o mandato do eleito.

Por outro lado, o jornalista Daniel Carvalho traz um nome que nenhum dos outros jornalistas apontou como populista: *Ciro Gomes*. Este candidato concorreu às eleições pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) e ocupou o terceiro lugar no pleito,

totalizando mais de 13 milhões de votos. O jornalista atribui a esquerda e justifica o porquê de o considerar um político populista:

“Você vê no lado da esquerda, por exemplo, quando a esquerda vem falar de taxar grandes fortunas, de taxar herança, é um discurso populista. Quando ele vem fazer críticas sem muito embasamento à Reforma Trabalhista, por exemplo, então você tem isso pela esquerda” (Daniel Carvalho).

Contudo, no eixo da direita, Daniel partilha da mesma opinião dos outros entrevistados, apontando Jair Bolsonaro como uma persona de discurso populista.

“Você tem pelo lado da direita, quando chega dizendo ‘vou armar o homem do campo’, como se fosse assim, dizer ‘vou armar’ sem pensar em uma política para isso, sem pensar em como fazer isso, sem pensar e nem explicar. É um discurso que agrada um nicho da sociedade” (Daniel Carvalho).

No entanto, quando questionado sobre ser populista, Bolsonaro não se classifica como um e justifica:

“Populista é o que está oferecendo o que não é teu para os outros, né? Eu não fico oferecendo vantagem e benesses para o povo, muito pelo contrário, eu falo que o que vai tirar o povo da miséria é o conhecimento e não programas assistenciais largamente utilizados por Fernando Henrique Cardoso, por Lula e Dilma. Então isso é populismo. Eu sou contra cotas, isso não é ser populista né? Eu defendo o Brasil se alinhar com um mundo desenvolvido” (Jair Bolsonaro).

O fato de não entender e se enxergar como um político populista, confirma o que Mudde (2017) traz, como sendo um ponto comum entre a ala populista. “Mesmo os poucos exemplos consensuais de populismo, como o presidente argentino Juan Domingo Perón ou o político holandês assassinado Pim Fortuyn, não se identificaram como populistas” (2017, p. 2). Ou seja, não é espantoso Bolsonaro não se definir como populista. Isso porque, se o fizesse, ao mesmo tempo que confirmaria apresentar as características de um discurso classificado como populista, revelaria que determinadas atitudes são estrategicamente pensadas para se aproximar da população, apreender sua atenção e

falar exatamente o que elas querem ouvir, também se “igualaria” aos outros políticos no qual o próprio Bolsonaro classificou como populistas, a exemplo do Lula.

4.6.2.5. Jair Bolsonaro na visão dos jornalistas entrevistados

Antes da gravação da entrevista, todos os jornalistas foram avisados sobre o tema da presente pesquisa. Todos eles citaram Jair Bolsonaro quando foram perguntados sobre populismo, com exceção de Paulo Trevisani, que preferiu não citar nomes quando questionado sobre quem poderia ser considerado um político populista. Carolina Bahia fez referência ao período de Jair Bolsonaro enquanto deputado e fez um breve apanhado de sua atuação no Congresso.

“Até então, dentro da Câmara dos Deputados, ele fazia parte do grupo dos folclóricos. O que são os folclóricos? Ele, Tiririca, são aqueles deputados que não têm uma bandeira específica, como por exemplo um setor, nem o transporte, o agronegócio, nem os direitos humanos... Ele simplesmente fala sobre costumes, tem um discurso que agrada aquele determinado nicho do eleitor, mas ele não tem projetos importantes, não é líder de bancada, não é presidente de comissão, politicamente ele não tem importância dentro da Câmara” (Carolina Bahia).

No capítulo III, referente a Jair Bolsonaro, falamos sobre o período em que foi deputado federal e seu flutuante desempenho na Câmara dos Deputados. No entanto, é importante ressaltar que Bolsonaro foi muito estratégico durante o período de pré-campanha, como já vimos em declarações do próprio. Paulo Trevisani, durante a entrevista afirmou que *“é um discurso muito esperto, muito sagaz. Acho que ele (Bolsonaro) percebeu o momento muito bem”*. A estratégia em entender o momento do país e, também, do mundo, é de fundamental importância para chegar até o objetivo final. É possível dizer que Bolsonaro soube fazer isso muito bem, dado que hoje está na Presidência da República. Na mesma linha, a jornalista Catarina Alencastro entende que *“ele é consciente do poder que é a venda de um discurso”*. Também nesta pesquisa abordamos o discurso, sua importância e, mais precisamente, o discurso do próprio Jair Bolsonaro com base nas suas pessoais declarações e é possível afirmarmos o quanto um

discurso bem planejado pode atingir e influenciar determinada parcela da população que esteja predisposta a escutá-lo.

A jornalista Catarina Alencastro ainda pondera sobre o tema central do discurso de Bolsonaro: a segurança pública. Como vimos, este é um assunto de total relevância para a população brasileiro visto os altos índices de criminalidade que assolam o país. A violência tanto na cidade, quanto no campo, assombram os brasileiros e os fazem ir em busca de alguém capaz de “eliminar” a criminalidade o medo que essa desperta, como se uma única pessoa fosse capaz de instaurar a paz (no sentido lato da palavra: Tranquilidade e ausência de conflito entre as pessoas⁴⁰) no país. Bolsonaro se apresentou como essa pessoa e vários fatores, dentre esse, somaram a seu favor.

“Não deveria mas ele (o momento) acaba favorecendo (o discurso populista), porque o cidadão que está mergulhado na crise está em busca de um salvador da pátria e que também não deveria, mas acaba pendendo para um salvador da pátria” (Carolina Bahia).

A jornalista Catarina destaca que *“ele faz toda a narrativa dele em cima desse tema (pró-segurança), ele é praticamente monotemático, o Bolsonaro”*. Devemos destacar que é um ponto positivo ter a segurança pública como um dos temas centrais do seu discurso, desde que fundamentado e não seja apenas circunstancial. Sobreposto isso, do mesmo modo, o jornalista Daniel também explanou, durante a entrevista, que Bolsonaro é monotemático e se atém a apenas o tema da segurança. O ponto levantado pelos jornalistas em questão, pode ser subsidiado também pelo não comparecimento de Jair Bolsonaro aos principais debates televisivos, dado que são espaços que o próprio nome já traduz: para debater, questionar e expressar suas ideias.

Daniel ainda afirma: *“é um discurso que atinge diretamente essas carências que a gente estava falando, a questão da segurança, da questão de valores, quando tem um assunto mais difícil ele se esquivava”*. Durante a entrevista com o próprio Bolsonaro, a autora o

⁴⁰ Significado segundo o Dicionário Michaelis, que pode ser encontrado em: <https://bit.ly/37bLOOA>

questionou sobre suas principais bandeiras e o mesmo deu destaque para a segurança pública. Ou seja, pode-se confirmar o que os jornalistas relataram em suas entrevistas, quando declararam um discurso monotemático. Na resposta de Jair Bolsonaro:

“A segurança pública é a coisa mais importante porque sem segurança não há economia. Vê se alguém de Portugal quer passar férias em Copacabana no Brasil, não quer, porque a violência é terrível, não quer. Tudo tá envolvido. A economia, vamos partir para o liberalismo sim. Ciência e tecnologia, o Brasil aqui não investe em pesquisa, em novas tecnologias, não investe” (Jair Bolsonaro).

Outro ponto destacado pelos entrevistados são as expressões populares usadas pelo então candidato, conhecidas como “chavões”. Já referido aqui o trecho falado pelo jornalista Daniel, tanto Carolina Bahia como Catarina Alencastro, apontaram a mesma questão: “matar bandido”. Bolsonaro, como pudemos ver em algumas reportagens apresentadas no capítulo IV dessa pesquisa, fala abertamente em matar bandidos, em prol da segurança de todos. Contudo, é considerável um discurso raso, mas que agrada parte da população. Dessa forma, pode ser considerado um discurso populista, pois não é uma fala moderada e fundamentada. Populistas “recorrem a publicações e manifestos que unam a maioria a seu favor” (Galito, 2017, p. 7). Para atingir esse objetivo, Bolsonaro se aproveitou da onda de insegurança que circunda/circundava o Brasil e se utilizou de falas fáceis. A jornalista Carolina Bahia salienta pontos populistas:

“‘Vamos resolver a sua vida matando bandido’. Isso é um discurso populista, nenhum Presidente da República mata bandido, óbvio que não, mas aquela pessoa que está se sentindo oprimida por causa da segurança, sente naquele discurso algo muito próximo dela, que jamais vai acontecer” (Carolina Bahia).

Além de ser um discurso populista, é um discurso agressivo. Já vimos no capítulo II deste trabalho que incitação ao ódio e agressividade são características de um discurso populista. Claramente é possível notar esse aspecto nas citações propostas por duas jornalistas entrevistadas. Catarina Alencastro ressalta:

“[Bolsonaro fala] Chavões, coisas assim quase caricatas, aí ele tem frases feitas ‘bandido bom é bandido morto’, defende a maioria penal, defende coisas que pro cidadão mais intelectualizado ele olha aquilo e ele fica abismado. ‘Como assim, gente? Matar bandido mesmo que ele tenha 15 anos de idade? Sim, bandido bom é bandido morto’, entendeu? Então ele vai para o extremo” (Catarina Alencastro).

Os jornalistas apresentam entre si uma visão similar do então candidato Jair Bolsonaro.

4.6.2.6. Jair Bolsonaro e a ditadura militar

Durante o capítulo III também falamos sobre alusão à ditadura e o apoio ao retorno de um regime militar no país. Isso tanto por parte da população, mas na generalidade motivado pelo discurso de Jair Bolsonaro. O jornalista Daniel falou sobre o período ditatorial e a manifestação dos brasileiros sobre esse modelo, quando justificam seu apelo com base na anticorrupção. *“Na ditadura só tinha censura, então você não tinha investigação jornalística que você tem hoje pra poder demonstrar o que estava errado, então é ignorância você dizer que na ditadura não tinha corrupção”*. Seguindo a linha de um regime totalitário, como foi o período ditatorial brasileiro, o jornalista Paulo Trevisani falou sobre a democracia no Brasil e sobre o espaço que esse tipo de regime abre para as escolhas da sociedade. A fragilidade da democracia, como apontada no Capítulo I desta pesquisa, é sutilmente abordada por Trevisani.

“O drama da democracia é que é um governo do povo. A nação é uma nação. Então se o povo brasileiro for um povo que gosta de regimes totalitários, vai ter regimes totalitários, não importa o que você faça a respeito, vai chegar. O que você pode fazer é torcer para que não seja esse o caso” (Paulo Trevisani).

Bolsonaro, por sua vez, como já vimos, fez apelos característicos de um regime totalitário durante sua pré-campanha e campanha, com abordagens populistas e, ao mesmo tempo, autoritárias. Contudo, o próprio não se considera um político populista, nem tão pouco reconhece que houve ditadura no Brasil. Quando questionado sobre o assunto, Bolsonaro dirige a palavra a autora da pesquisa e diz que é necessário estudar o que é ditadura. Nas palavras do próprio:

“Primeiro que vocês (referindo-se a jornalistas como um todo), com todo respeito a vocês, tem que estudar o que é ditadura, vocês não têm a mínima noção do que é ditadura”.

*“O que aconteceu em 64 a 85 **não foi ditadura** [grifo nosso], quem quisesse ir pra Portugal e voltar iria sem problema nenhum só pagar passagem, tirar o passaporte e voltar. Tinha uma liberdade de imprensa, nunca tivemos tantos órgãos de imprensa no Brasil. O próprio TV Globo nasceu em 1965. Quem caçou o presidente João Goulart na época não foram os militares, foi o Congresso Nacional, dia dois de abril. Ele foi o primeiro presidente militar, não meteu o pé na porta ou deu um golpe né, foi votado pelo Parlamento. Ulysses Guimarães, muito conhecido, Juscelino Kubitschek, ambos votaram no Castelo Branco que foi o primeiro Presidente. **Não houve ditadura aqui, foi apelidado de ditadura, só isso que aconteceu** [grifo nosso]” (Jair Bolsonaro).*

Diante dessa fala, entendemos o fator negacionista da história que compõe a narrativa de Jair Bolsonaro, expondo fatos e situações comprovados com bases teóricas de historiadores e estudiosos, e os colocando como meros fatores falsos e de narrativa. Para complementar, trazemos outro trecho do entrevistado:

“Defendo a volta dos valores, do respeito, do progresso que houve naquele momento. Nós passamos da 49ª para a 8ª economia no mundo. E a esquerda nos acusa de ter matado e desaparecido com 400 e poucos, isso da 20 por ano. Vinte por dia morre em São Paulo, no Rio de Janeiro, hoje em dia, e muitos inocentes hoje em dia. Naquela época a grande maioria, bandido, terroristas, treinados em Cuba, na Coréia do Norte, na China, com o dinheiro da União Soviética faziam guerrilha aqui no Brasil” (Jair Bolsonaro).

Além de negar o acontecimento do fato, ainda o classifica como um período exemplo da história do Brasil, quando se refere ao crescimento da economia. Contudo, quando é estudado o fator econômico, entendemos que o período ditatorial brasileiro foi composto por corrupção e mortes ocultas, além de ser seguido de inflação que derrubou o mercado brasileiro.

Conclusão ou Considerações Finais

A história do Brasil está a viver mais um capítulo inédito. Diante de todo o explanado na presente pesquisa, é possível perceber o momento atípico pelo qual o país passou - dado o episódio da eleição de 2018, fator decisivo para os seguintes anos dos brasileiros - e que ainda passa, sob o governo do Presidente da República Jair Bolsonaro. É salutar destacar que Jair Bolsonaro soube entender e, estrategicamente, utilizar a fragilidade do país a seu favor. Partimos para essa investigação a fim de perceber as características do discurso de Jair Bolsonaro e entendê-lo como populista ou não. Verificamos que o seu discurso, base para a construção de quem é hoje e para o que veio a se tornar, preencheu lacunas até então vagas na sociedade brasileira, que clamavam por representação e atenção. A partir da análise realizada no presente trabalho, é visível que parte da população brasileira tenha encontrado sua identidade em Jair Bolsonaro e esse foi o grande diferencial ostentado pelo então candidato. Ao mesmo tempo em que se apresentava como “a mudança”, o “salvador da pátria”, Bolsonaro trazia consigo características comuns, entre elas a linguagem, que facilitava o reconhecimento do povo brasileiro nele próprio. O seu discurso, que na maior parte do tempo, além de confrontar a imprensa, abordava o tema da segurança pública, o tornou um candidato monotemático. Dessa forma, pudemos observar recorrentes argumentos populistas dentro deste universo, visto que ao apresentar “soluções”, Bolsonaro se dirigia de forma fácil, simplória, sem embasamento e, claramente, visando o agrado dos eleitores. Para mais, diversos pontos populistas podem ser destacados nos discursos proferidos por Bolsonaro, tais como antipolítico, demagogo, superficial e anti sistêmico. Além disso, Bolsonaro se apresenta como um não-político, o que é uma das classificações típicas de um político populista e autoritário. Classificando a si próprio dessa forma, se encontra uma capilaridade no cunho social que o faz atrair a simpatia de seus eleitores, dado o descontentamento com a classe política no Brasil. Contudo, é um argumento, no mínimo, contraditório, visto que Jair Bolsonaro foi eleito deputado federal por cinco vezes. No início, foi a originalidade de Bolsonaro que o colocou à frente de todos os seus adversários.

É possível afirmar que o populismo, tanto vindo da esquerda quanto da direita, é um risco para a democracia e quando políticos populistas chegam ao poder e, além do discurso, implementam práticas populistas, a democracia pode estar em xeque. Isso porque, práticas populistas são, normalmente, oriundas de um pensamento seguido de atos simplistas, sem planejamento e construção política entre os poderes. Contudo, é um discurso que pode ser facilmente aceito dada a fragilidade encontrada na sociedade brasileira. Assim aconteceu com Jair Bolsonaro em 2018, que está à frente do país a quase dois anos e, permeia o mesmo caminho de quando era candidato. O nome de Jair Bolsonaro não surgiu de forma surpreendente, a crise instaurada no país é um facilitador para o nascer de uma extrema-direita. Desde 2013, a esquerda vem perdendo espaço não só no Brasil, como no mundo. Diante disso, entendemos a lacuna que estava sendo preparada para o aparecimento de valores e costumes com cunho ideológico de direita. Como vimos, a eleição do Brasil, em 2018, foi histórica por muitos aspectos, dentre eles por termos a personificação da extrema-direita em Jair Bolsonaro. A defesa de fatores como a execução de bandidos, a repressão com a imprensa, a banalização de termos preconceituosos e a privação das liberdades sexuais, são exemplos desse discurso. Afirmamos que o fato de os brasileiros se identificarem com Bolsonaro é minimamente curioso e incomum, contudo, visivelmente representa parte do pensamento da população. Jair Bolsonaro é a personificação do conservadorismo no Brasil. “*Deus*” e “*família*” eram termos usados pelo então candidato de forma sistemática. A doutrinação é um traço de um discurso populista e enfatizá-la – sendo um aspecto totalmente voltado a valores e não à prática política – comprova Bolsonaro como um político conservador, simplista e populista. Além disso, a maneira simplória, mas ao mesmo tempo cativa de se aproximar das pessoas através de frases e atitudes caricatas, fizeram com que a sociedade brasileira criasse um sentimento afeição por Bolsonaro. Durante a presente pesquisa trabalhamos na identificação e categorização do populismo junto aos principais autores e teóricos contemporâneos. Diante disso, traçamos um quadro com as principais características que compõem um discurso populista, cujo objetivo era compreender o fenômeno do populismo no século XXI. Falamos em fenômeno justamente porque Jair Bolsonaro não surge como um *outsider*,

pelo contrário, o presidente dá seguimento no Brasil, a uma onda política mundial fortemente alimentada e enraizada por Donald Trump, nos Estados Unidos. Os discursos de ambos podem ser considerados, por vezes, similares. Dentro do seu principal tema, Bolsonaro ao se referir à segurança pública e à diminuição da violência traz imposto à sua fala a violência e a agressividade, duas características de discursos populistas. Diante da onda de violência que assola o país, discursos populistas tomam efeito e garantem seu espaço dentro de um ambiente político dito democrático.

Bolsonaro, enquanto candidato, queria reconstruir a “pátria” e fazer retornar o “orgulho de ser brasileiro”. Dois itens característicos de um discurso patriota, oriundo de um militar de carreira. Um discurso patriota é outra das características de um discurso populista de direita. O saudosismo aos militares e ao período militar, é exclusivo dos brasileiros. Este é um aspecto prático perigoso, visto que provoca agitação dentro da sociedade, que encontra um respaldo para justificar a violência e práticas militares, que podem vir a ser ferramentas facilitadoras de violações. Até aqui, já pontuamos vários aspectos encontrados nas falas expressas por Jair Bolsonaro que são consideradas populistas e ao mesmo tempo podem ser encaradas como ameaças às práticas democráticas, visto que agridem direitos previstos em Constituição. O discurso populista não é exclusivamente um discurso simplista, que apresenta um entendimento fácil. Ademais, existe um conjunto de aspectos que fazem com que um discurso possa ser considerado, de fato, populista. Para isso, após analisar a situação política do Brasil, de forma ampla e temporal, tendo em vista a eleição de 2018 e suas implicações, bem como o discurso proferido por Jair Bolsonaro, é possível visualizarmos o espaço criado para o populismo de direita no Brasil e suas particularidades, personificado por Jair Bolsonaro. O mesmo diz não ser contra a democracia e assegura não querer o fim da mesma, contudo, em entrevista para a autora da presente pesquisa, Bolsonaro também afirma não ser um político populista, porque isso “*é para aqueles da esquerda*”. Dessa forma, realizando uma análise geral, é possível considerar que os atos e a linha discursiva utilizada por Jair Bolsonaro, durante o período analisado, carregaram traços claramente autoritários e populistas. O descrédito e não reconhecimento de outras instituições consolidadas são exemplos que o consolidam como um político populista de direita e

com viés autocrático. Está sendo construída, e arriscamos afirmar, que a consolidação de uma cultura política bolsonarista no país está próxima. Parte da população acredita fielmente que Jair Bolsonaro é um enviado por Deus para melhorar a situação do país e o encaram como um verdadeiro mito. Esse foi o propósito declarado de Jair Bolsonaro na eleição e, conforme o andamento de seu governo, essa narrativa se solidifica em parte da população. A cultura bolsonarista consiste em fomentar um discurso polarizado, com embates ideológicos que visam a violência e a corrosão das liberdades individuais. Bolsonaro cresceu com um discurso liberal na economia e conservador nos costumes. Este é um dos pontos-chaves do poder de Bolsonaro: o conservadorismo. Contudo, um conservadorismo travestido de liberal que conquistou uma parcela da população. Identificamos que valores e costumes, quando observados em um cenário amplo político se sobrepõem a programas e ações econômicas que envolvam a saúde, a educação e a segurança e que promovam o desenvolvimento do país. Diante desta pesquisa, é possível perceber que Bolsonaro declara mais sobre a sexualidade de uma pessoa, do que sobre políticas sociais para a diminuição da desigualdade do país, ou seja, as liberdades e escolhas individuais que dizem sobre determinada pessoa estão acima de um plano eficaz que promova o país diante do cenário mundial.

Dia após dia é necessário demonstrar o quanto os direitos humanos e os alicerces de uma democracia sólida são fundamentais para uma vivência social mais harmônica, respeitosa e igualitária. Quanto mais nos afastarmos desse horizonte, mais a beira do abismo nos encontraremos. A lógica armamentista, violenta, autoritária e de sobreponder não pode ser a linha que rege um país de dimensões e potenciais continentais. Para tanto, essa cultura está sendo consolidada de forma estratégica, a ponto de visualizarmos a reeleição de Jair Bolsonaro. Dessa forma, é primordial entendermos que, talvez, a sociedade brasileira esteja confortável diante desta linha de governo e adaptada a um cenário populista. Para tanto, é necessária atenção para que não tenhamos um épico fragmento de democracia fragilizada. Um sistema democrático de direitos e deveres não deve ser mascarado por discursos fáceis. O populismo é uma das armas mais sutis para essa corrosão e podemos entender, fundamentalmente, que o momento atual do Brasil é de vulnerabilidade.

Referências Bibliográficas

Azevedo, J. (1998). *Metodologias qualitativas: análise do discurso*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras.

Barbosa, R. (1896). *Cartas de Inglaterra*. Edição do autor: Rio de Janeiro.

Bell, J. (1992). *Populism and elitism, politics in the age of equality*. Washington, DC: Regenergy Gateway.

Bobbio, N. (1995). *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. (2a ed.) São Paulo: Unesp.

Bobbio, N. (2006). *O futuro da democracia*. São Paulo: Paz e Terra.

Bourdieu, P. (1973). *A Opinião Pública não existe*. Publicada em Les Temps Modernes, 318, 1973. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1464421/mod_resource/content/1/A_Opinio%C3%A3o_P%C3%ABblica_N%C3%A3o_Exist%C3%A9_Pierre_Bourdieu%29.pdf

Bourdieu, P. (1998). *A representação Política. Elementos para uma teoria do campo político*. In: *O Poder Simbólico*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. pp. 163 - 207.

Boyte, H. C., & Riessman, F. (1986). *The New populism: The politics of empowerment*. Philadelphia, PA: Temple University Press.

Brugnago, F. & Chaia, V. (2015). *A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook*. Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.7, n.21, pp. 99-129, out.2014-jan.2015.

Bueno, S. F. (2013). *Theodor Adorno e Hannah Arendt: confluências no campo da filosofia da educação*. Educar em Revista, n. 49, p. 299-307. Curitiba: UFPR Editora.

Cambi, E. (2014). Introdução. In: Bertoncini, M. E. S. N.; (Org.). *Lei Anticorrupção: comentários à Lei 12.846/2013*. São Paulo: Aledina, p. 19-20

- Carone, I. (2002). *Fascismo on the air: Estudos Frankfurtianos sobre o agitador fascista*.
- Carone, I. (2012). *A Personalidade Autoritária: Estudos Frankfurtianos sobre o Fascismo*. Revista Sociologia em Rede, vol. 2, num. 2.
- Castillo, M. E. (2006). *Demos y democracia*. In: *Anuario de Filosofía del Derecho*. Tomo XXIII. Madrid: BOE – Ministerio de Justicia.
- Charaudeau, P. (2016). *A conquista da opinião Pública: como o discurso manipula as escolhas Políticas*. São Paulo: Contexto.
- Constituição Federal. Editora Foco.
- Correia, F. C. (2017). *Theodor w. Adorno e a psicanálise: algumas notas sobre o agitador fascista*. Griot: Revista de Filosofia, Amargosa, Bahia, v.16, n.2, pp.102-114.
- Costa, S. (2018). *Estrutura Social e Crise Política no Brasil*. Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 61, n.4, pp. 499 - 533.
- Cué, C. (2016). *Apoio à democracia cai na América Latina com economia fraca e corrupção*. *El País*, 04 de setembro de 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2mf9TOB>.
- Darnton, R. (2017). *A verdadeira história das notícias falsas*. *El País*. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html.
- Delmazo, Caroline, & Valente, Jonas C.L.. (2018). Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. *Media & Jornalismo*, 18(32), 155-169. Recuperado em 06 de setembro de 2020, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-54622018000100012&lng=pt&tlng=pt.
- Ferreira, J. R. M. (1997). *História: Martins*. São Paulo: FDT.
- Fitzi, G., Mackert, J., & Turner, B. S. (Eds.). (2019). *Populism and the crisis of democracy, Politics, Social Movements and Extremism*. (Vol. 2). New York: Routledge.

- Fonseca, P. C., & Monteiro, S. M. (2005). *Credibilidade e Populismo no Brasil: A Política Econômica dos Governos Vargas e Goulart*. Revista RBE, Rio de Janeiro 59(2), pp. 215-243.
- Freitas, E. C. & Boaventura, L. H. (2018). *Cenografia e ethos: o discurso da intolerância e polarização política no Twitter*. Let. Hoje, v. 53, n. 3, pp. 449-458, jul.-set. 2018.
- Gaia, R. V. (2011). *A Política na Mídia e a Mídia política*. Maceió: Edufal.
- Galito, M. S. (2017). *Populismo - Conceptualização do Fenómeno*. Working Paper CEsa CSG 158/2017.
- Goldenberg, M. (2004). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisas qualitativas em Ciências Sociais*. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Gorczevski, C. Martin, N. B. (2011). *A necessária revisão do conceito de cidadania: movimentos sociais e novos protagonistas na esfera pública democrática*. Santa Cruz do Sul: Edunisc. P. 63-88; 127-160.
- Habermas, J. (2012). *Teoria do Agir comunicativo, 1: Racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Hermet, G. (2008). *Populismo, democracia y buena gobernanza*. Mataró: El Viejo Topo.
- Hoeveler, R. C., (2017), *Populismo e “desconsolidação” democrática*. Disponível em: <http://blogjunho.com.br/populismo-e-desconsolidacao-democratica/> Acessado em 07/06/2018.
- Ianni, O. (1989). *A formação do Estado populista na América Latina*. São Paulo: Editora Ática.
- Judis, J. (2017) *The Populist Explosion – How The Great Recession Transformed American and European Politics*. Nova York: Columbia Global Reports
- Löwy, M. (2015). *Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil*. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 124, pp. 652-664, out./dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n124/0101-6628-sssoc-124-0652.pdf>

Mattos, A. N. de. (2017). *O livro urgente da política Brasileira*.

Milgram, A. (2019, Abril 20). Por que confundir populistas com fascistas é um equívoco, segundo pesquisador do Holocausto em Israel. BBC. Recuperado de: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47938554>

Mudde, C. (2007). *Populist radical right parties in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press

Mudde, C., Kaltwasser, C. R. (2017), *Populism: a very short introduction*. Oxônia: Oxford University Press.

Nobre, M. (2020). *Ponto-Final: A guerra de Bolsonaro contra a democracia*.

Nogueira, Conceição. (2008). Análise(s) do discurso: diferentes concepções na prática de pesquisa em psicologia social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 235-242. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000200014>

Nunes, V. (2020, Abril 23). PF está próxima de pegar Carlos Bolsonaro por fake news. Estado de Minas. Recuperado de: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/04/23/interna_politica,1141316/pf-esta-proxima-de-pegar-carlos-bolsonaro-por-fake-news.shtml

Orlandi, E. P. (2005). *Michel Pêcheux e a Análise do Discurso*. Universidade Estadual de Campinas. <http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/4/3>

Orlandi, Eni. (1999). *Análise do discurso, princípios e procedimentos*.

Oyama, T. (2020). *Tormenta: O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos*. 1ª Ed. São Paulo: Cia das Letras.

Panizza, F. (Ed.). (2005). *Populism and the mirror of democracy*. London: Verso.

Pasquini, P. (2018, Novembro 2). 90% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram em fake news, diz estudo. Folha de São Paulo. Recuperado de:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news-diz-estudo.shtml>

Pêcheux, M. (1997). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3ª Ed. Campinas: Editora. da UNICAMP.

Pinto, A. C. (2017). *O grande retrocesso populista? As duas globalizações e o seu futuro. Em O Grande Retrocesso Um debate internacional sobre as grandes questões do nosso tempo*.

Platão, *A república*.

Queiroz, A. (2006). *Na Arena do Marketing Político*. Summus Editorial.

Ribeiro, V. (2013). *O spin doctoring em Portugal: Estudo sobre as fontes profissionais de informação que operam na Assembleia da República*. Universidade do Minho.

Ribeiro, V. (2015) *Os bastidores do poder: como spin doctors, políticos e jornalistas moldam a opinião pública portuguesa*, Coimbra: Almedina.

Ribeiro, V. (2016). *A Crise da Comunicação Política - Os media, o jornalismo e a assessoria de imprensa como responsáveis pelo divórcio entre cidadãos e política*. In Hélder Prior, Liziane Guazina, & Bruno Araújo (Eds.), *Diálogos Lusófonos em Comunicação e Política* (pp. 101-122). Universidade da Beira Interior: LabCom.

Rousseau, J. J. (1762). *O Contrato Social*.

Safatle, V. (2019, Agosto 8). *Nazimos e Fascismos da atualidade*. [Arquivo de vídeo]. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=w3o9jveXEbw>

Santos, F. Swako, J. (2016). *Da Ruptura à Reconstrução Democrática no Brasil*. Revista Saúde Debate. Ed. 40, pp. 114-121.

Schwarcz, L. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.

Shirky, C. (2011). *A Cultura da Participação*. Rio de Janeiro: Zahar

Souza, V. A. (2006). *Direitos no Brasil: necessidade de um choque de cidadania*. Curitiba: Revista Sociol. Polít.

Struck, J. P. (2017). *Democracia brasileira foi corroída, diz instituto francês*. DW, 26 de janeiro de 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2nI TRSA>

Teixeira, J. B. de C. & Poio, A. (1975). *A personalidade autoritária: componentes e gênese psicológica*. In: Arquivo Brasileiro de Psicologia Aplicada, out./dez, 27 (4), pp. 47-69.

Thompson, H. (1998). *Mídia e Modernidade*. Petrópolis: Vozes

Tormey, S. (2019). *Populismo uma breve introdução* (1st ed.). São Paulo, SP: Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Weber, M. H. (2000). *Comunicação e espetáculos da política*. Porto Alegre: Ed. UFRGS.

Weffort, F. (1978), *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Weffort, F. (2003). *O populismo na política brasileira*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Zandwais, A. (2011). *Da língua ao discurso nos limites da sintaxe: as tênues fronteiras entre discursos citados e citantes*. São Paulo: Bakhtiniana. V. 1, n.5, pp. 4-19.

Páginas Web consultadas

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/steven-levitsky/2018/09/como-a-democracia-pode-se-proteger-contra-candidatos-autoritarios.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/steven-levitsky/2018/08/bolsonaro-ameaca-a-democracia-brasileira.shtml>

<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,analise-como-o-populismo-se-transforma-em-autoritarismo-o-caso-da-venezuela-em-questao,70001736508>

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1541085-nova-direita-surgiu-apos-junho-diz-filosofo.shtml>

<https://www.sciencespo.fr/opalc/content/amerique-latine-lannee-politique-lapo.html>

<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/12/23/bolsonaro-fake-news-imprensa/>

<https://www.theguardian.com/world/2019/oct/30/whatsapp-fake-news-brazil-election-favoured-jair-bolsonaro-analysis-suggests>

<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2017/12/23/fake-news-dizer-ou-nao-dizer/>

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/10/25/Um-final-sem-debate-Bolsonaro-e-Haddad-nao-ficam-cara-a-cara>

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/20/brasil-matou-8-mil-lgbt-desde-1963-governo-dificulta-divulgacao-de-dados.htm>

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/bolsonaro-vai-a-26-haddad-e-ciro-tem-13-diz-datafolha.shtml>

<https://nacoesunidas.org/acao/discriminacao-racial/>

Apêndices

Apêndice 1

Guião-base para entrevista de elite semi-estruturada ao pré-candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro

Breve Biografia

1. Nome:
2. Idade:
3. Naturalidade:
4. Há quantos anos está na política?

Técnica

5. Por que ser candidato à Presidência da República?
6. O senhor se espelha em alguém?
7. Na sua opinião, o que é populismo?
8. O senhor se considera um político populista? Se sim, por quê? Se não, quem seria um político populista para o senhor?
9. Quais são as suas principais bandeiras?
10. No seu ponto de vista, quais as principais características do seu discurso?
11. O senhor acha que esse discurso pode vir como uma ameaça à democracia? Ou é essa a ideia?

Apêndice 2

Guião-base para entrevista de elite semi-estruturada aos jornalistas/editores de política

Breve Biografia

1. Nome
2. Idade
3. Naturalidade
4. Veículo

Técnica

5. Você pode me dar um panorama geral do ambiente e da eleição presidencial de 2018?
6. Na sua opinião, o que é populismo?
7. Achas que no Brasil existe populismo?
8. Quem pode ser considerado populista?
9. Nas eleições presidenciais de 2018 vês discurso populista em algum pré-candidato?
Se sim, de quem?
10. Podes definir algumas características do populismo?
11. (Caso não tenha citado Jair Bolsonaro nas questões anteriores) Você acha que Jair Bolsonaro pode vir a ser um candidato com discurso populista? Por que?
12. Qual sua perspectiva em relação ao discurso de Jair Bolsonaro?

Apêndice 3

Entrevista de elite semi-estruturada ao pré-candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro

Breve Biografia

1. Nome: Jair Messias Bolsonaro
2. Idade: 63 anos
3. Naturalidade: São Paulo - Brasil
4. Há quantos anos está na política? Deputado Federal desde 1991

Transcrição:

5. Deputado, o senhor está no 7º mandato como Deputado e por que agora uma candidatura à Presidência da República? Notou alguma fragilidade no país?

Jair Bolsonaro - Não, não é agora. Foi no final de 2014, começo de 2015 que eu decidi me despedir do Legislativo para uma candidatura a Presidente. E eu acho que vim preparado, estudado...

6. Teve algum motivo específico?

Jair Bolsonaro - Não, motivo específico é o quadro político que está no Brasil.

7. A fragilidade?

Jair Bolsonaro - Eu sou diferente de todo mundo que tá aí. A forma de fazer política e quero imprimir um novo ritmo na política do Brasil, só isso e tá dando certo até agora.

8. O seu discurso tem uma grande visibilidade internacional, ele sai na imprensa europeia, americana... Por que o senhor acredita que tomou essa grande proporção?

Jair Bolsonaro - Bem, ultimamente tem aparecido porque eu estou crescendo em pesquisas. Antigamente eu era muito criticado, pela imprensa internacional inclusive, por meias verdades que aconteciam aqui no Brasil.

9. Pelo fato de ser um discurso diferente dos outros políticos talvez?

Jair Bolsonaro - Diferente mas muito parecido com o americano, logicamente sabiam da diferença enorme que existe entre Brasil e Estados Unidos, mas o que o Trump sofreu por ocasião das suas... nas eleições dele, já vinha sofrendo pelos mesmos ataques há dois anos, homofóbico, fascista, racista, essa história toda, xenófobo... e a esquerda está reagindo à chegada da direita, é isso que está acontecendo. Aqui na América do Sul você vê o Chile, a Argentina, o Paraguai, a Colômbia agora, enfim. Então a América Latina aqui, a América do Sul né, está tomando o rumo de centro-direita.

10. O senhor se espelha em algum político?

Jair Bolsonaro - Não. É tudo próprio. Logicamente a gente acompanha o que acontece no mundo, né, e não acompanha qualquer presidente de fora do Brasil pra “ah, tá dando certo esse discurso, vou fazer o mesmo”, não, acompanho porque eu penso no futuro do meu Brasil. Eu acho que o Trump que quer uma América grande tem razão, nós queremos um Brasil grande também. E o que nós mudamos muito aqui ao longo dos anos é quando se fala em economia. Poxa, se nós estamos alinhados com países de viés de esquerda e nós realmente estamos dando prioridade ao comércio pelo viés de esquerda, nós temos que mudar isso aí. Tanto é que eu fui no Japão, na Coreia do Sul, tive em Israel, Estados Unidos, não fui pra Europa ali, pro miolo, por falta de oportunidade.

11. O senhor defende uma ditadura militar, uma disciplina militar. A gente pode dizer que o seu discurso é uma ameaça à democracia?

Jair Bolsonaro - Primeiro que vocês, com todo respeito a vocês, tem que estudar o que é ditadura, vocês não têm a mínima noção do que é ditadura. O que aconteceu em 64 a 85 não foi ditadura, quem quisesse ir pra Portugal e voltar iria sem problema nenhum só pagar passagem, tirar o passaporte e voltar. Tinha uma liberdade de imprensa, nunca tivemos tantos órgãos de imprensa no Brasil. O próprio TV Globo nasceu em 1965. Quem caçou o presidente João Goulart na época não foram os militares, foi o Congresso Nacional, dia dois de abril. Ele foi o primeiro presidente militar, não meteu o pé na porta ou deu um golpe né, foi votado pelo Parlamento. Ulysses Guimarães, muito conhecido, Juscelino Kubitschek, ambos votaram no Castelo Branco que foi o primeiro Presidente. Não houve ditadura aqui, foi apelidado de ditadura, só isso que aconteceu.

12. E o senhor defende a volta daquele momento?

Jair Bolsonaro - Defendo a volta dos valores, do respeito, do progresso que houve naquele momento. Nós passamos da 49ª para a 8ª economia no mundo. E a esquerda nos acusa de ter matado e desaparecido com 400 e poucos, isso da 20 por ano. Vinte por dia morre em São Paulo, no Rio de Janeiro, hoje em dia, e muitos inocentes hoje em dia. Naquela época a grande maioria, bandido, terroristas, treinados em Cuba, na Coréia do Norte, na China, com o dinheiro da União Soviética faziam guerrilha aqui no Brasil.

13. O senhor se considera um político com um discurso populista?

Jair Bolsonaro - Populista é o que está oferecendo o que não é teu para os outros, né? Eu não fico oferecendo vantagem e benesses para o povo, muito pelo contrário, eu falo que o que vai tirar o povo da miséria é o conhecimento e não programas assistenciais largamente utilizados por Fernando Henrique Cardoso, por Lula e Dilma. Então isso é populismo. Eu sou contra cotas, isso não é ser populista né? Eu defendo o Brasil se alinhar com um mundo desenvolvido. Há questão de dois meses, 15 embaixadores, acho que o de Portugal estava presente também, ofereceram um almoço aqui, eles me sabatinaram por quase três horas, se me chamaram é porque tinha interesse. Além de interesse, a possibilidade de vitória nossa.

14. O senhor acha que existe populismo no Brasil? Por algum lado?

Jair Bolsonaro - Sim.

15. Teria algum exemplo?

Jair Bolsonaro - O próprio PT. Bolsa Família. Eu acho que você tem que ajudar os necessitados, né, mas não ampliar o programa visando a questão eleitoral. Hoje em dia, tem torno de 56 milhões de pessoas, $\frac{1}{4}$ da população brasileira vive deste projeto, em um país tão rico como esse aqui. Aí é populismo. A questão de cotas, os programas que o governo tem, vários programas aqui, vários programas assistenciais que são populistas, visam não atender o ser humano, tirar da situação difícil, reinserir no mercado de trabalho, não, muito pelo contrário, busca aprisioná-lo de modo que ele fique escravo daquele governo. Tanto é que é muito comum em épocas de eleições, já começou agora, dizendo que eu vou acabar com o Bolsa Família. Então eles tentam me tirar de combate usando essas mentiras né, agora populistas são eles e não eu.

16. Quais são as suas principais bandeiras? A segurança pública, é claro, a gente sabe.

Jair Bolsonaro - A segurança pública é a coisa mais importante porque sem segurança não há economia. Vê se alguém de Portugal quer passar férias em Copacabana no Brasil, não quer, porque a violência é terrível, não quer. Tudo tá envolvido. A economia, vamos partir para o liberalismo sim. Ciência e tecnologia, o Brasil aqui não investe em pesquisa, em novas tecnologias, não investe.

17. E é o momento de investir?

Jair Bolsonaro - A gente não tem dinheiro também, vamos ter que fazer parcerias com o mundo, tanto é que eu tive na Ásia, em Israel, para buscar fazer parcerias com países

mais desenvolvidos que o nosso. Nós temos aqui um subsolo que ninguém tem, nós temos biodiversidade, terra de agricultáveis, temos tudo para dar certo aqui.

18. E a Amazônia?

Jair Bolsonaro - A Amazônia também, ela tem que ser integrada com o resto do Brasil e não deixar continuar como está porque novos países poderão surgir dentro dela.

FIM

Apêndice 4

Entrevista de elite semi-estruturada aos jornalistas e editores de política

Breve Biografia

1. Nome: Carolina Bahia
2. Idade: 47 anos
3. Naturalidade: Porto Alegre/RS - Brasil
4. Veículo: Grupo RBS

Transcrição:

5. Carol, queria que apresentasse um panorama desta eleição, que é uma eleição diferente e emblemática no nosso país.

Carolina Bahia - Uma das eleições mais importante dos últimos anos. Viemos de uma crise política e econômica de um processo de impeachment, que não deixa de ser um rompimento no processo, desde que se teve o impeachment do então presidente Collor. Tivemos essa espécie de ruptura, que mesmo estando presente na constituição não deixa de ser uma ruptura. Por isso essa eleição é muito importante. Mas vivemos um cenário aberto. O mapa eleitoral ainda não está definido. Nós estamos muito próximo das convenções dos partidos e ainda lidamos com algumas figuras que não sabemos se chegarão nas urnas. Não só no campo da esquerda, mas também no campo de centro direita.

Nós temos hoje liderando as pesquisas, um Ex-Presidente da República que é o ex-presidente Lula, do PT, que está condenado e preso, e de acordo com a Lei da Ficha Limpa quem for condenado em segunda instância não pode concorrer, mas ele vai ter a candidatura registrada e o Tribunal Superior Eleitoral vai ter que avaliar então é uma questão que vai se estender pelo menos até agosto. Isso no campo da esquerda. E nós temos no campo da centro-direita vários nomes que foram surgindo como candidatos

que não sabemos se vão seguir com as candidaturas. Um exemplo é o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, no entanto ele vem negociando com outros candidatos, como Geraldo Alckmin do PSDB e Ciro Gomes do PDT.

Quando analisamos os discursos, embora seja uma das eleições mais importante dos últimos tempos, temos discursos muito populistas. Os dois nomes que lideram as pesquisas o ex-presidente Lula, no campo da esquerda, e o deputado Jair Bolsonaro, no campo da extrema-direita, os dois apresentam discursos populistas, que são aqueles de mais fácil entendimento da população. A gente observa que aqueles nomes que vêm insistindo com um discurso muito técnico, na área econômica eles acabam não chegando de maneira mais fácil até a população. Porque isso? Porque os discursos populistas acabam agradando? Como nós estamos vivendo uma crise de lideranças, uma crise de identidade até dentro da política. existe uma polarização e as pessoas naturalmente vão em busca de um salvador da pátria e a característica desse salvador da pátria é ter um discurso populista. É “eu vou resolver a sua vida”. Como? Aí nós vamos pro campo da extrema direita. “Vamos resolver a sua vida matando bandido”. Isso é um discurso populista, nenhum Presidente da República mata bandido, óbvio que não, mas aquela pessoa que está se sentindo oprimida por causa da segurança, sente naquele discurso algo muito próximo dela, que jamais vai acontecer. Um Presidente da República, como esse candidato da extrema-direita, não tem condições de distribuir armas, como ele diz, mas é um discurso populista. “Eu vou dar uma arma para cada brasileiro”, é mentira, mas a pessoa acaba se identificando com aquele discurso. A mesma coisa acontece na extrema esquerda, “eu vou assumir a presidência da república e o Brasil vai voltar a gerar emprego”, imediatamente a gente sabe que isso não vai acontecer, é um processo, há uma crise econômica muito grande, mas também quem está desempregado quer ouvir isso, quer ouvir que amanhã vai ter emprego, quer ouvir que o bom momento que o Brasil viveu, que foi de fato quando estava o ex-presidente Lula, vai voltar. Ele quer ouvir isso. Quer ouvir que não vai ser feita a reforma da previdência, que tem dinheiro pra fazer tudo que o país precisa, e não tem. Então infelizmente esse é um discurso que acaba agradando de uma maneira geral em razão também dessa falta de bom senso, porque os ânimos estão muito alterados.

6. Os brasileiros sofrem com insegurança, crise política e também todos os escândalos de corrupção que estão aparecendo.

Carolina Bahia - Há uma falta de crença na política, as pessoas não sabem em quem acreditar. Há um ressurgimento da direita que busca o seu representante.

7. A extrema direita não era algo que estava presente na política brasileira, não é?

Carolina Bahia - A extrema direita estava presa e veio com força total. Então identifica nesse discurso populista também algo que lhe agrada e que na verdade o que a gente precisava neste momento no país era de equilíbrio. Nós precisávamos neste momento de algum candidato ou liderança política que colocasse 'essa bola no centro' e começasse de novo. Por que? Nós temos uma crise econômica para resolver e essa crise econômica demanda medidas que são ruins, que são difíceis pra sociedade. Precisamos de uma liderança política que tenha credibilidade e pra isso tinha que ser algo equilibrado e não de extremos, não de um discurso fácil, mas aí tem todo um ambiente que não está de acordo nesse momento.

8. As pessoas não querem escutar um discurso equilibrado, os cidadãos brasileiros querem uma solução rápida.

Carolina Bahia - O populista traz esse alento, "ele vai resolver a minha vida". Ou como a gente viu surgir agora, nas manifestações dos caminhoneiros: "o país precisa de uma intervenção". Por que uma intervenção? Por que nós não podemos resolver os nossos problemas? Por que alguém tem que sair do nada e trazer um resultado, uma solução? A intervenção é isso, alguém que vai resolver por ti. A sociedade tem que amadurecer e entender os seus problemas e analisar as propostas do candidatos à Presidência da República da melhor forma possível e em razão do momento que a gente vive acho que ainda não tem esse amadurecimento. E não só para a Presidência da República, não podemos esquecer que temos eleição para o Congresso Nacional e sem o Congresso o

Presidente da República no Brasil não avança. E tudo indica que o Congresso vai ser muito parecido com o Congresso que a gente tem hoje, senão pior em termos de participação das corporações, das igrejas. Nós tínhamos uma expectativa de uma renovação, mas em função das regras do financiamento de campanha, essa renovação vai ficar restrita, porque não se tem mais o financiamento privado de campanha, o financiamento é público por meio de um fundo eleitoral, só que esse fundo eleitoral ficou nas mãos dos presidentes dos partidos e o presidente do partido vai distribuir esse dinheiro de acordo com os critérios dele e os critérios que eles estão usando é de beneficiar aquele que já tem mandato. Nós temos uma estrutura que já está viciada. Na base disso tudo nós temos a falta de uma reforma política efetiva, que valorize os partidos, que termine com o coronelismo.

9. Então podemos dizer que esse momento que os brasileiros vivem é um momento que favorece discursos populistas?

Carolina Bahia - Infelizmente esse momento de polarização favorece o discurso populista, não deveria mas ele acaba favorecendo porque o cidadão que está mergulhado na crise está em busca de um salvador da pátria e que também não deveria, mas acaba pendendo para um salvador da pátria. Vamos ver como a eleição e a campanha vão se desenrolar, mas é uma campanha muito curta, se esse discurso de centro e de meio termo vai encontrar eco na sociedade. O que a gente está analisando até agora, bom nós trabalhamos com dois pólos: extrema direita e extrema esquerda. Digamos que o presidente Lula não concorra, o que é bem possível que aconteça, será que a extrema direita se mantém? Sem um pólo o outro pólo se segura? Ou sem um pólo o outro pólo se enfraquece e o debate volta para o centro? Também é uma possibilidade, é uma leitura. Normalmente, se a gente observar a tendência das eleições brasileiras, é ir pro centro. O brasileiro normalmente não é de um extremo nem de outro. Historicamente nós vivíamos no Brasil uma disputa entre dois partidos: PSDB e PT. Foi essa a disputa que nós vivemos nos últimos anos. Só que esses dois partidos hoje estão fragilizados. Então, não tendo PT, Geraldo Alckmin consegue correr bem neste centro? O Jair Bolsonaro que é de um partido pequeno e sem expressão, mas é de

extrema direita, sem o Lula, ele se sustenta? Ou nós vamos ter um debate que vai correr pro centro. Essa é a grande dúvida deste momento, dessa véspera de convenção. Se, não tendo Lula, Bolsonaro se mantém, ou se o discurso corre para o centro.

10. É um momento bem diferente na política brasileira?

Carolina Bahia - Muito diferente. É a eleição mais singular que nós tivemos nos últimos anos, desde a redemocratização. A gente costuma dizer que ela é muito parecida com a de 1989, porque tem muitos candidatos e um cenário muito aberto. Mas ela é singular porque ela sai de um momento em que nós estamos discutindo corrupção, valores, crise econômica, mas não parece que isso fica muito claro para a população. Tanto que quando surge um nome, que é o chamado de *outsider*, o Joaquim Barbosa, ele acaba se destacando. Ele seria um candidato bem competitivo. Presidente do Supremo Tribunal Federal, representante da luta contra a corrupção, mas ele mesmo recuou porque ele não é um personagem do mundo político. Nós nem sabíamos como ele iria lidar com o Congresso caso ele fosse eleito. A gente falava aqui em Brasília que ele era um excelente candidato, mas não sabia se ele seria um excelente presidente. Então nesse momento eu não acredito no surgimento de mais nenhum nome diferente, é o cardápio que está aí e esse cardápio vai diminuir, quem vai sobrar é a grande dúvida. Nos nomes de esquerda, além do Ciro Gomes, do PDT, que é competitivo, se o PT vem com outro nome, possivelmente venha com Fernando Haddad, mas talvez não seja tão competitivo para ir para o 2º turno. Os nomes que vão ficar no centro, Geraldo Alckmin, Henrique Meirelles, quem é que permanece neste centro. E essa extrema direita, Jair Bolsonaro, que certamente vai para a disputa, se esse nome da extrema direita vai para um 2º turno também com um nome de esquerda ou com um nome de centro. Hoje ele está bem nas pesquisas. Qual o teto dele, se ele tem teto, até onde esse discurso de extrema direita consegue se manter com um partido pequeno, sem tempo de TV, essa é a grande dúvida. E nesse período das convenções é que tudo vai se desenhar. A gente vê que o Geraldo Alckmin, que é o candidato de centro está se movimentando, buscando alianças, buscando partidos, para aumentar o tempo de TV dele e a força política também.

11. Tentar fazer crescer o partido dele em uma disputa presidencial, não é?

Carolina Bahia - Não só o partido dele como ter o apoio. Então digamos que ele consiga construir uma aliança robusta, com outros partidos, como o DEM, PR, PRB, que ele vem buscando, isso é importante também, porque ele agrega aliados e isso acaba ganhando musculatura nos estados. E Jair Bolsonaro, por enquanto, não tem tantos aliados e nem está buscando. Isso também é importante no jogo político. O que tu podes notar também, como a tua pesquisa é de discurso, que um pouco também o discurso do Alckmin vai se moldando, ele começa a dar uns toques mais populares, pra tentar chegar um pouco mais perto da população. Ele diz que a origem dele não é da elite, que ele vem do interior de São Paulo, ele já andou dando uns toques sobre a história de armamento pra fazendeiros, ele vai se aproximando. E ontem eu estava conversando com um deputado que está na campanha do Henrique Meirelles e aí ele me disse também isso. “O Meirelles tem que parar de falar tanto ‘economês’, ele tem que se aproximar das pessoas, ele tem que falar diretamente com o cidadão”. Então isso também indica essa preocupação dos aliados com o discurso. Esse discurso mais próximo do cidadão.

12. Até porque isso faz com que as pessoas se identifiquem com o candidato, senão acaba ficando distante. E as pessoas não votam em quem elas não se identificam.

Carolina Bahia - E em quem elas não conhecem. Nós estamos falando de dois candidatos que lideram as pesquisas, o Lula e o Jair Bolsonaro, são duas pessoas que estão em campanha há muito tempo. Eles não começaram ontem, eles estão há muito tempo em campanha, então eles são conhecidos. Eu brinquei lá em Santa Cruz do Sul, que fui esses tempos e alguém me perguntou do Henrique Meirelles. Pega o Henrique Meirelles e bota ele de bermuda e camiseta no centro de Pelotas, tu achas que alguém vai conhecer ele? Não. Bota o Lula, as pessoas sabem quem é. O Bolsonaro, as pessoas sabem quem é. São figuras populares, conhecidas. E os outros candidatos... O Geraldo Alckmin tem um “recall”, a Marina Silva também. É um campanha muito curta, então quem está no

jogo há mais tempo elas chegam primeiro na população. Por isso que te digo que agora e no período das convenções mesmo que a gente vai ver nesse campo de centro se alguém se destaca.

13. Por enquanto nós temos uma extrema direita muito forte, né?

Carolina Bahia - Muito forte e que encontrou o seu canal, um porta voz, que não tinha até então tão radical e com coragem de dizer coisas, que imagina, ninguém imagina falar. E a esquerda tem o seu porta voz também. E aí nós ficamos nessa dúvida neste momento, caindo o porta voz da extrema esquerda, que é o Lula, continua tão forte assim o discurso da extrema direita? Ou o discurso vai correr para o centro? É a dúvida neste momento, do recorte que nós estamos vivendo agora. Ulysses Guimarães dizia que política é nuvem, a gente olha agora tá de um jeito e daqui a pouquinho já está de outro. Então é o que a gente pode viver, neste momento a gente vive isso. Daqui a pouquinho com as convenções, com este cenário de candidatos mesmo, confirmados, a gente começa a ter mais ou menos uma ideia melhor de como vai ser a eleição mesmo.

14. E em relação ao Jair Bolsonaro, qual a tua avaliação do discurso dele?

Carolina Bahia - Eu estou aqui em Brasília há 17 anos já e até então a gente conhecia o Jair Bolsonaro como um deputado, com maior eleição no Rio de Janeiro, representante de um nicho específico, de um eleitorado específico.

15. Militares?

Carolina Bahia - Militares e extrema direita. Até então dentro da Câmara dos Deputados ele fazia parte do grupo dos folclóricos. O que são os folclóricos? Ele, Tiririca, são aqueles deputados que não tem uma bandeira específica, como por exemplo um setor, nem o transporte, o agronegócio, nem os direitos humanos, ele simplesmente fala sobre costumes, tem um discurso que agrada aquele determinado nicho do eleitor, mas ele não tem projetos importantes, não é líder de bancada, não é presidente de comissão,

politicamente ele não tem importância dentro da Câmara, mas ele representa um nicho importante do eleitorado fazendo esse discurso. Então é assim que ele era conhecido, como alguém que trata da questão dos costumes, com um discurso folclórico. Com essa ascensão da extrema direita, a extrema direita encontrou nele um porta voz, alguém que verbaliza essas ideias de extrema direita, essas ideias ligadas aos costumes. Porque na verdade o que interessa para a população ter um presidente que é racista, que é homofóbico, nada né? Nós precisamos de alguém que coloque a economia nos eixos e a política também. Mas ele faz o discurso da homofobia, contra cotas, do racismo, contra as mulheres, contra pobres. Se tu fores observar, fazer uma pesquisa rápida quando é uma repórter que entrevista ele, ele é mais agressivo contra ela, ele tem um tom diferente de quando ele dá entrevista para uma mulher do que para um repórter. E isso, infelizmente, tem eco em um determinado nicho da sociedade e ele encontrou isso e nisso ele cresceu, sendo esse representante da extrema direita, que de alguma maneira identifica nos costumes algo importante. Esse é o discurso do Bolsonaro. Qual é o desafio dele nessa eleição? Para conseguir conquistar, por exemplo, o mercado, os empresários, que é o objetivo dele para conseguir se eleger também, é apresentar um discurso na área da economia também, que por enquanto ele não tem. Ele tem um economista que está assessorando ele, que é um liberal, o Paulo Guedes, mas ele (Bolsonaro) no histórico dele como deputado, votando, ele não é liberal. Ele votou contra a reforma da previdência, votou contra a reforma trabalhista, ele não foi liberal. Ele será um liberal na economia? Ele não deixou isso claro ainda pra ninguém. Porque na verdade nas reportagens que a gente vem acompanhando, o Globo tem feito, fez sobre a reforma da previdência e trabalhista, e ele não manda resposta, ele não se posiciona sobre esses pontos. Ele só diz que ele não vai privatizar a Petrobras, mas isso todos dizem também. Então o desafio dele é esse agora, se colocar como algo mais concreto na área econômica, para ter esse apoio, do empresariado e de uma maneira geral.

FIM

Apêndice 5

Entrevista de elite semi-estruturada aos jornalistas e editores de política

Breve Biografia

1. Nome: Catarina Alencastro
2. Idade: 38 anos
3. Naturalidade: Brasília/DF - Brasil
4. Veículo: O Globo

Transcrição:

5. Catarina, gostaria que tu me desses um panorama geral da eleição deste ano. Uma eleição que está se apresentando diferente.

Catarina Alencastro - É uma eleição bem atípica, primeiro porque a gente está vindo de um governo de sucessão, um governo que teve uma ruptura, o presidente atual não foi eleito, ele era o vice-presidente de uma presidente eleita que sofreu um processo de *Impeachment* e na avaliação de grande parte do imaginário popular existe uma questão de questionamento da legitimidade do presidente Michel Temer, então isso gera toda uma insegurança jurídica e todo um tensionamento do eleitorado e não bastasse essa questão da sucessão do Temer em relação à Dilma, o Temer foi alvo de uma série de denúncias, ele foi alvo de acusações, então assim, o governo dele é questionado, é muito fragilizado, é o governo mais impopular da história democrática, então esse é o pano de fundo desta eleição. Com isso, abriu-se muito a eleição para que vários políticos pensassem, quisessem e tivessem interesse em se lançar à eleição, na disputa. São muitos pré-candidatos, porque ainda estamos na fase de pré-candidatura, são cerca de 17 pré-candidatos e é óbvio que poucos vão sobreviver, esse 17 vão caindo pelo caminho, a gente teve um caso, o mais conhecido que foi de Joaquim Barbosa, foi um fato novo, um negro, que veio debaixo, filho de empregada doméstica, venceu na vida, foi ministro do Supremo e presidente do Supremo Tribunal Federal, uma pessoa

conhecida que teve atuação no combate à corrupção e ele surgiu assim como um curisco e no final das contas, na verdade no início das contas, ele decidiu não se lançar candidato. Mas ainda assim, hoje como é que eu vejo o cenário eleitoral, tem a direita que é personificada por um político de extrema direita, na verdade, que é o Bolsonaro. Tem o centro, campo político de centro que se divide em dois, que é o centro de direita, que é o DEM, PP, PR e PSDB que está mais alinhado com o centro direito, e tem o centro esquerda PSB, REDE e tal, e a esquerda, PDT, PT, PCdoB, PSOL e assim, quase todos os partidos mencionados têm candidatos, e o PMDB que esqueci de dizer mas se enquadra também no centro direita, então está muito embaralhado esse cenário agora nessa fase pré eleitoral e tem muitas composições a serem feitas. O que está mais 'embananado' é o centro, porque na extrema direita nós temos o Bolsonaro que é o candidato que melhor se coloca nas intenções de voto neste campo, na esquerda também tem uma questão curiosíssima que o candidato que melhor se coloca, não só no campo de esquerda mas no geral, é o ex-presidente Lula que está preso, e que, tecnicamente, está impossibilitado de concorrer. Então a gente tem uma situação esdrúxula, porque o candidato mais bem colocado na pré eleição é um candidato que não vai ser candidato e ali no centro está um bolo, porque o PMDB tem o Meirelles que tem um traço de intenção de voto, o DEM tem o Rodrigo Maia que também não vai ser candidato porque não se viabilizou, o PP é aquela coisa "não sei o que eu faço", não tem candidato e vai no bolo de quem o centro apoiar, o PR tentou e fez um ensaio para lançar o Josué Gomes, que é filho do José Alencar, que é um empresário de Minas Gerais, foi candidato ao Senado por Minas e perdeu então seria um fato novo na eleição, porque os políticos observaram que existe um espaço para um fato novo, um nome novo, uma pessoa que não seja identificada com os políticos tradicionais, já que existe um sentimento muito ruim e uma rejeição muito grande da população com relação à classe política. Então o cenário está muito 'embananado' mesmo, muito confuso, são muitos candidatos, a maioria vai ficar pelo caminho, mas hoje a gente tem, quais são os candidatos que estão de fato no jogo: o Bolsonaro, a Marina Silva que é da centro direita ou centro esquerda ou centro, sei lá alguma coisa, o Ciro Gomes que é do PDT da esquerda e o Lula que não vai ser candidato, mas as pesquisas mostram que ele tem um potencial de transferência

de votos muito importante, então o candidato dele é, em tese, um candidato muito forte. É isso que a gente tem de cenário, tá no tabuleiro eleitoral.

6. Ainda tem muita coisa para se definir, não é?

Catarina Alencastro - Muito, muito. Em um espaço curto de tempo, o cenário está muito aberto e daqui a três meses a gente vai ter uma decisão final. Fortes emoções.

7. O que, tu como jornalista, entende por populismo? O que seria um discurso populista?

Catarina Alencastro - O populismo, eu acho que, pegando o gancho da eleição tem dois candidatos que fazem esse discurso populista, é o Bolsonaro de um lado e o Lula de outro.

É aquele discurso muito voltado, com foco no que a população quer ouvir, no que a população quer ter, então assim, 'biruta de aeroporto', para onde o imaginário popular, as pretensões, as intenções, os desejos da população, os anseios da população apontam, esse candidato vai moldar o seu discurso, vai moldar a sua plataforma nesse sentido, para se casar perfeitamente com o que a população está dizendo que quer ouvir. Caso Bolsonaro especificamente: ele pega esse terror que a população brasileira hoje vive em relação à insegurança, que é demonstrado no dia a dia, tem uma série de métricas que explicam o terror que a população vive, com assassinatos, números, roubos, então uma série de parâmetros mesmo, de pontos que são medidos, colhidos e que são objetos de pesquisa, que demonstram que a gente vive de fato, realmente, não é coisa da imaginação de ninguém, que a gente vive de fato um momento de insegurança e ele constrói toda a narrativa dele e ele é basicamente monotemático o Bolsonaro, o discurso dele é de combate à violência. E aí pegando um pouco desse conceito que você está me perguntando de populismo leva isso ao extremo. Chavões, coisas assim quase caricatas, aí ele tem frases feitas "bandido bom é bandido morto", defende a maioria penal, defende coisas que pro cidadão mais intelectualizado ele olha aquilo e ele fica abismado. "Como assim, gente? Matar bandido mesmo que ele tenha 15 anos de idade?"

Sim, bandido bom é bandido morto”, entendeu? Então ele vai para o extremo. E no caso do Lula é essa coisa assim, é um pouco diferente porque o Lula já foi presidente pega a coisa do resgate do governo dele, de atender o mais pobre, de dar casa para o mais pobre, de comida, do combate à fome, tudo leva a crer que a plataforma do Lula e do candidato dele posteriormente vai ser essa coisa de “vou trazer a felicidade de volta ao brasileiro”, então no caso do Lula é o apelo para o combate à pobreza que é uma chaga no Brasil até hoje e a venda de um sonho, a venda da conquista da felicidade, da satisfação, da superação. Então eu acho que o populismo, hoje aqui no Brasil, pegando esse gancho eleitoral ele pode ser personificado por esses dois personagens.

8. Então a gente pode dizer que esse momento que a sociedade brasileira vive, de crise política, descrédito nos políticos, crise econômica e insegurança favorece o aparecimento de um discurso populista?

Catarina Alencastro - Sim. Por que favorece? Porque a população está em um estado de desalento, a população não tem esperança, o presente está horrível, tem um contingente enorme de brasileiros sem emprego, um contingente enorme de brasileiros sem emprego há anos e que meio que perdeu a esperança, não tem nem motivo para perpetuar nessa busca, nessa procura, nessa batalha. A crise econômica ficou mais aguda porque ela se misturou com a crise política. Então assim, a gente teve essa ruptura, que foi o *impeachment* da Dilma, que foi um trauma pro Brasil, e em cima de um trauma, a Dilma perdeu toda a sua popularidade, todo o apoio popular. Mas aí teve a ruptura, veio o Temer e aí todo mundo falou “beleza, tiraram a Dilma, agora vamos lá, vamos Brasil”. O brasileiro é muito otimista e depositou-se uma esperança enorme, “o Temer vai consertar a economia, a gente vai voltar a bombar, vai voltar a ter emprego, a ter poder de compra, vai melhorar a minha vida”, e não aconteceu, não conseguiu dar uma recuperação econômica suficiente, do tamanho que chegasse à vida das pessoas, do brasileiro médio, e não bastasse isso ele e a turma dele foi alvejado por denúncias. “Poxa, o político além de não me ajudar ele ainda é um safado, um ladrão, um corrupto”, a situação é de muita desesperança. Então, o brasileiro desesperançoso, sem perspectiva nenhuma de melhoria de vida, chega um cara que fala no coração dele, seja

no sentido de dar uma esperança, de que ele vai ter uma segurança, que ele não vai ser assaltado, que ele não vai ter um parente a mais assassinado ou que ele vai poder ganhar um Minha Casa Minha Vida ou um Bolsa Família ou voltar a ser feliz do jeito que ele foi feliz na época em que o Lula foi presidente, quando o Brasil vivia em condições totalmente diferentes das que a gente vive hoje, então assim, sem querer entrar no mérito do governo do Lula, da qualidade do governo do Lula, mas ele tinha condições perfeitas para fazer o bom governo que ele fez, então ele se lembra dessa boa lembrança que o brasileiro médio tem para falar assim “vota em mim que você vai voltar para aquela situação maravilhosa que você tinha”, e é um discurso fácil, um discurso que pega, porque o cara não precisa pensar muito, não precisa se aprofundar ali nas propostas, no programa, fazer um pensamento crítico se é possível ou não, com base na realidade voltar àquele ponto. Ele quer ouvir uma coisa boa, um discurso alentador, ele recebe um discurso alentador e ele embarca nesse discurso alentador.

9. Falando em discurso, qual é a tua avaliação, como jornalista, do discurso do Jair Bolsonaro?

Catarina Alencastro - O Jair Bolsonaro faz um discurso muito de nicho, muito focado nessa questão da insegurança, que é hoje um problema que afeta todos os brasileiros. Se você teve a sorte de nunca ter sido assaltada, sequestrada, roubada, violentada, nada disso, você conhece uma pessoa que sofreu algum tipo de violência, entendeu? E a violência pega muito ali na questão psicológica, a violência não precisa ser física, ser real, é um sentimento, a insegurança é um sentimento assim como a segurança também é um sentimento. E ele consciente do poder que é a venda de um discurso pró segurança pública, pró segurança, ele faz toda a narrativa dele em cima desse tema, ele é praticamente monotemático, o Bolsonaro. Inclusive quando ele é abordado sobre outros temas, economia e tal, ele se sai muito mal, ele é desmascarado, ele é quase que humilhado e, sabendo disso, ele faz as opções que ele tem feito, faz o discurso ali pro público dele, utilizando redes sociais e tem evitado participar de debates, conceder entrevistas justamente para não ficar exposto nessa situação que ele é um cara monotemático.

10. Ele projeta uma imagem para a população, né?

Catarina Alencastro - Sim, e fica perpetuando essa imagem, disseminando essa imagem e hoje em tempos de redes sociais essa imagem vai embora, né, se dissemina rapidamente.

FIM

Apêndice 6

Entrevista de elite semi-estruturada aos jornalistas e editores de política

Breve Biografia

1. Nome: Daniel Guedes Pereira de Carvalho
2. Idade: 32 anos
3. Naturalidade: Recife - Brasil
4. Veículo: *Folha de São Paulo*

Transcrição:

5. Daniel, queria que tu desse, já que tu estás acompanhando a eleição a bastante tempo, um panorama geral do que vai ser essa eleição. A gente já sabe que ela vai ser uma eleição muito emblemática, no momento diferente do país. Mas queria que tu me desse um panorama na tua visão de jornalista.

Exato, ela é emblemática porque ela é uma eleição pós-impeachment né. Ela é emblemática porque a gente tá em 22 de junho e tá tudo indefinido, há meses as pesquisas eleitorais não se movimentam e tá todo mundo muito lá embaixo com poucas intenções de voto, com um percentual muito baixo. Você tem uma pulverização de candidaturas muito grande. Você já teve essa pulverização, se tem uma pulverização muito grande no início das campanhas desde a redemocratização, mas elas tendem com o tempo a diminuir e esse ano até pelas novas regras eleitorais que jogam mais para frente o início da campanha você tá demorando mais para afunilar, então se tem um cenário de incerteza muito grande. E você tem uma eleição que está dividida em três eixos, três eixos de candidatura no espectro político. Você tem as candidaturas de esquerda, você tem candidaturas mais de centro e você tem candidaturas de direita, mas não a direita mais PSDB, que é uma direita mais econômica, você agora está com uma direita de valores e costumes também, não é? Que tem gente que chama de extrema direita, que é a candidatura do Bolsonaro. Então acho que ela é emblemática

por tudo isso. E por uma agressão muito grande à mídia também, porque antes você só tinha isso mais pelo lado da esquerda e agora você tem de todo mundo, dos dois extremos, você tem esquerda e você tem da direita. E não só dos candidatos, mas dos eleitores desses candidatos também. Se você for olhar o *Facebook* dos jornalistas de Brasília todos eles mudaram de nome no *Facebook*, ninguém tem mais o nome que assina nas matérias, por causa de perseguição virtual, de vasculharem a sua vida.

5. Isso está acontecendo?

Sim, todos nós mudamos.

7. Por isso que eu não encontrei ninguém no *Facebook*, foi uma dificuldade para marcar essas entrevistas.

A maioria mudou de nome. O meu *Facebook* é todo fechado, a única conta minha que é toda aberta é o Twitter. Mas no Instagram não tem nem fonte me seguindo, *Facebook* antes era Daniel Carvalho que eu assino, agora é Daniel GPC, as iniciais do meu sobrenome e assim, tá quase todo mundo fazendo isso, pra se proteger e proteger família, essas coisas.

8. O discurso de ódio tomou essas proporções?

Sim. E é muito curioso isso. Na semana retrasada, ou passada, o Correio Braziliense fez uma sabatina com os pré-candidatos e aí o Bolsonaro disse que a questão de direitos humanos, não era direitos humanos... mas do politicamente correto não era uma prioridade para o Brasil, e ele falou: ah, mas também antigamente você chamava 'quatro-olho', chamava 'gordinho' e isso não era um problema, o gordinho ia lá e dava porrada, agora se você chama gordinho, o gordinho é 'mariquinha'. E aí a gente fez a matéria dizendo "o gordinho é mariquinha, diz Bolsonaro", dizendo que o politicamente correto não é prioridade, uma coisa assim, e essa matéria entrou no início da tarde e a noite quando acabou o evento eu fui olhar no Twitter os comentários sobre essa matéria, mas a maioria dos comentários era "ah, boa tentativa, mas você não conseguiu

mudar meu voto”, ou então, “ele só falou verdade que a maioria das pessoas pensam e não tem coragem de dizer”, ou então, “nossa, quem foi o estagiário que escreveu essa matéria?”, ou “tenho certeza que quem escreveu essa matéria é um gordinho mariquinha”, então é esse tipo de comentário, não é uma coisa muito saudável você ler comentários de matéria de rede social, porque quando você lê você se assusta. E quem faz muita matéria de denúncia principalmente sobre o Bolsonaro, que é o candidato que você acaba tendo mais matéria de denúncia por ser a novidade dessa eleição, apesar de ele não ser novidade na política, está há 27 anos na Câmara, mas ele é uma novidade como personagem nacional, então é natural que você revire mais a vida dele, porque os outros já foram escrutinados várias vezes, ele é a primeira vez, e assim, a reação é... A Folha quando fez as primeiras matérias falando do uso de apartamento funcional, apesar de ter não sei quantos apartamentos em Brasília e tal, criaram perfil nas redes sociais chamando *Foice de São Paulo*, pra ficar ridicularizando o jornal, ironizando o jornal e várias mensagens para os repórteres que fizeram a matéria.

9. Eu tenho acompanhado a *Folha de São Paulo* e estava fazendo muita matéria de denúncia dele, sobre funcionário fantasma, essas coisas assim, que alguém tem que fazer, pra mostrar que ele não é tudo isso, mas também chega uma hora que se torna até perigoso.

Mas assim, tem que mostrar. O cara que resolve ser candidato a Presidente, ele tem que ter ‘couro grosso’, ele tem que saber que ele está indo para uma vitrine, os outros candidatos, o Lula, o Alckmin, a Marina, todos eles quando entraram tiveram a vida revirada. Acho que a função da imprensa é essa. E quem tá indo para uma situação dessa...

10. Sabe que vai se expor.

Exato. E como ele está indo pela primeira vez é natural que haja mais matérias sobre ele.

11. Agora outro ponto, na tua concepção o que é populismo? Um discurso populista? De uma forma bem ampla.

É um discurso fácil, um discurso que não necessariamente precisa de um embasamento técnico para se tornar viável, mas ele agrada uma parcela do eleitorado. Acho que um discurso populista é isso.

12. E a gente pode dizer que no Brasil existe um discurso populista?

Sim, nessa eleição isso está ficando bem evidente. Você vê o centro que quer destruir essa polarização, justamente para se fortalecer, critica o discurso populista dos dois lados. E de fato você vê dos dois lados um discurso populista. Você vê no lado da esquerda, por exemplo, quando Ciro Gomes vem falar de taxar grandes fortunas, de taxar herança, é um discurso populista. Quando ele vem fazer críticas sem muito embasamento à reforma trabalhista, por exemplo, então você tem isso pela esquerda. E você tem pelo lado da direita quando chega dizendo “vou armar o homem do campo”, como se fosse assim, dizer vou armar sem pensar em uma política para isso, sem pensar em como fazer isso, sem pensar e nem explicar, e é um discurso que agrada um nicho da sociedade. Eu acompanho o Bolsonaro na Feira Agropecuária aqui em Brasília e ele sai aplaudido pelos agricultores pelos criadores, porque eles queriam ouvir isso.

13. Ele fala o que a população quer ouvir, não é?

Isso.

14. E tu acreditas que o momento em que a gente está vivendo aqui no país, essa crise política, crise econômica, insegurança, enfim, favorece o aparecimento de um discurso populista?

Favorece, porque tem tantas frentes diferentes de carência na sociedade, e se você é um candidato que consegue identificar essas carências e dar uma resposta qualquer que contemple elas, então você acaba agradando e isso favorece sim o discurso populista. E aí você tem uma crise das instituições, você tem casos de corrupção espalhados por todo espectro político, você tem uma descrença na política, você tem uma situação de insegurança, né? Então assim, são muitas carências e para todas elas têm um discurso fácil. Quando você fala “vamos acabar com a corrupção, todo mundo que está no Congresso tinha que ser preso”, é possível? Teriam consequências se isso acontecesse? Em um primeiro momento ninguém para pra pensar, a tendência é as pessoas aplaudirem “nossa, só tem bandido, vamos prender todo mundo!”, baixa uma grade na porta do Congresso e pronto, já transformou em um ‘cadeião’. Isso são as coisas que você vai, escuta, lê nas redes sociais, acha engraçadinha, mas tem gente que realmente acredita que isso deveria acontecer, que seria bom se isso acontecesse, tem gente que pensa isso.

15. Assim como tem gente que pensa que a ditadura é a solução, que uma intervenção militar é a solução para o que está acontecendo.

Exato. Sendo que ignorando que na ditadura tinha gente sendo torturada, que morria. Tem muita gente que defende a ditadura hoje que não era nem nascida na época da ditadura, não tem nem noção do que era a ditadura. Na ditadura só tinha censura, então você não tinha investigação jornalística que você tem hoje pra poder demonstrar o que estava errado, então é ignorância você dizer que na ditadura não tinha corrupção. Tinha, tinha sim, tinha muita corrupção, sendo que você não conseguia colocar isso na capa do jornal, como você coloca hoje. Você não tinha a Polícia Federal trabalhando com a autonomia que tem hoje, você não tinha um Ministério Público investigando com a autonomia que tem hoje. Você também não tinha os vazamentos que você tem hoje de informação dessas pessoas.

16. Esses escândalos?

É, talvez até tivessem escândalos do mesmo tipo.

17. Mas a gente sabe agora justamente porque existe essa liberdade de contar que existem esses escândalos.

Exato. Porque as instituições têm uma certa liberdade para trabalhar e a imprensa tem uma certa liberdade para contar.

18. A denúncia existe.

É possível investigar e é possível denunciar. E isso traz um outro problema? Traz. Porque você entra em uma onda de 'denuncismos' gigante, que você acaba colocando todo mundo no mesmo saco, você às vezes acaba... Eu estava discutindo essa semana com a pessoa de uma campanha e ela dizendo "quando saíram aquelas listas dos citados da Lava Jato, que você não tinha acesso a denúncia, só tinha citado, tinha um político ali que tava citado como 'fulano de tal nada foi encontrado sobre ele'", mas o nome dele aparecia, então ele entrou em uma lista misturado com quem estava sendo acusado de alguma coisa. Então a Lava Jato acabou criando uma onda de denuncismos que colocou todo mundo no mesmo saco. O que também é um problema.

19. Por que?

Porque você está colocando todo mundo no mesmo saco, quem errou e quem aparentemente não errou, ou naquele momento não teve um erro identificado.

20. Faz com que a população também desacredite de todos.

De toda a instituição de política.

21. Agora deixando o populismo de lado. Como jornalista, como tu avalia o discurso do Jair Bolsonaro, apresentado até agora?

Olha, é um discurso que atinge diretamente essas carências que a gente estava falando, a questão da segurança, da questão de valores, quando tem um assunto mais difícil ele se esquia. Então toda a vez que você perguntar alguma coisa de economia ele vem para um discurso mais fácil dizendo “vou ser humilde, vou admitir minha ignorância, mas vou colocando pessoas que entendem do assunto para cuidar”, então aí ele blinda, evita falar uma bobagem qualquer, que possa prejudicá-lo.

22. E, de certa forma, tenta se enaltecer dizendo que é humilde.

Exato. Hoje saiu, deu uma matéria no O Globo, uma nota dizendo que o Bolsonaro não vai participar de nenhum debate do primeiro turno. Isso é péssimo para a sociedade, péssimo para a democracia, porque você não vai conhecer quem é aquela pessoa, que as pessoas realmente não conhecem, conhecem o personagem dele, mas para ele é ótimo, porque ele vai tá blindado de passar vergonha, de ser pressionado, de cair em contradição. E ele é quem tá mais bem posicionado, pra que ele vai se expor, né? Ele está fazendo isso, mas aí se a gente volta na eleição de 2006 eu acho, não tenho certeza, tenho que checar, o Lula que era o líder das pesquisas também não foi para o debate da Globo.

23. Eu não me lembro disso.

Acho que foi em 2006 que ele não foi no debate.

24. No primeiro turno?

Não lembro qual era o turno, mas acho que era o primeiro, que tinha uma cadeira vazia que toda a vez “bom, agora seria a vez do Lula responder, mas ele convidado não compareceu”. Aí você se blinda né, pra democracia é péssimo, você está deixando de conhecer aquela pessoa.

25. Mas é uma estratégia.

Mas é uma estratégia. Você não pode obrigar, infelizmente, não vou dizer infelizmente porque seria ditadura obrigar alguém a fazer alguma coisa, mas é ruim, você não sabe quem é aquela pessoa. E aí ela aparece no programa eleitoral, onde não tem espaço para contestação dizendo o que bem entender, o que quiser, e você só tem aquilo, você não tem como questionar.

26. E pelo que a gente vê, ele vai usar bastante as redes sociais né. Ele vem usando.

Todos têm usado. Ele começou primeiro, porque é isso, ele não tinha espaço na mídia, ele não era uma pessoa de relevância nas articulações e ele descobriu esse nicho das redes sociais. Acontece que nas redes sociais, as redes sociais têm uma questão, você fala muito para aquele seu público, porque quem que segue o candidato A, B ou C? Geralmente é o público daquele candidato, é muito pequeno o percentual de pessoas que seguem por curiosidade ou pra saber quem é, até porque a nossa tendência é só pensar em eleição quando começa o horário na TV que é o que todos eles têm justificado pra estarem estagnados nas pesquisas. A eleição só começou para os políticos e para os jornalistas, pra população em geral... Tem gente que não sabe nem que vai ter eleição pra presidente e governador este ano, tem gente que acha que é eleição para prefeito. Está preocupado com o casamento do Príncipe, preocupado com a Copa do Mundo, preocupado com a Bruna Marquezine indo pra Rússia fazer o Neymar voltar a jogar, tem um milhão de outras, está preocupado com a própria vida, dificuldade pra pagar conta, com o desemprego, então a eleição está lá embaixo na lista de prioridades das pessoas.

27. Aí a gente vê que é preocupante, né? As pessoas não se dão conta de que é a política que vai mudar a tua realidade.

Exato. Mas não tem essa associação. Na maioria da cabeça das pessoas e isso eu não estou dizendo estatisticamente, porque não tenho isso estatisticamente, mas de percepção, a política não está vinculada a uma coisa que vai modificar a vida das

peessoas, ela está relacionada à corrupção, a roubo, a escândalo. Quando eu mudei para Brasília a coisa que eu mais ouvi foi “nossa, você está indo para aquele lugar que só tem ladrão”, e Brasília tem um estigma muito grande. Você fala Brasília e parece que você tá falando de um presídio que só tem bandido. E é essa a associação que as pessoas fazem da política.

28. Por isso também que as coisas não vão pra frente, não mudam. A sociedade também tem que estar interessada em mudar.

Exato. Em quem você votou na última eleição? Quantas pessoas sabem e lembram em quem votou, agora há dois anos, em quem votou pra vereador? Talvez lembrem pra prefeito.

29. A gente viu que o número de abstenção também tem crescido muito.

Exato. E assim, tem uma parcela muito grande de responsabilidade da população. A gente também não pode tomar a população por ignorante, as pessoas estão votando em quem elas acham que representa elas.

30. E o Bolsonaro teve o maior número de votos no Rio de Janeiro. Ele foi o mais votado.

Ele não chegou dando um golpe e assumindo uma cadeira de deputado.

31. Tinha gente que acreditava nele.

Tem gente que acredita. Pra você ver, a quantidade de parlamentar religioso, passando de religioso para preconceituoso. Isso é reflexo da sociedade. Em tese ninguém foi forçado a votar naquela pessoa, votou porque quis.

32. E o voto é secreto, se tu fosse forçado lá tu poderia votar em quem tu quisesse.

Exato.

FIM.

Apêndice 7

Entrevista de elite semi-estruturada aos jornalistas e editores de política

Breve Biografia

1. Nome: Paulo Trevisani
2. Idade: 53 anos
3. Naturalidade: Brasil
4. Veículo: Wall Street Journal

Transcrição:

5. Já que o senhor faz a cobertura de política, queria que me desse um panorama desta eleição de 2018, aqui do Brasil. Vai ser uma eleição bem emblemática, bem diferente do que o que a gente tem vivido nos últimos anos.

É, vai ser uma eleição bem diferente. Algumas coisas são claramente diferentes. Uma, a principal delas, ao meu ver, é a regra do financiamento de campanha, que dessa vez a principal fonte de financiamento não está disponível, que é o financiamento de empresas. Agora, as consequências possíveis disso a gente só vai saber conforme a coisa for andando. Outra diferença, é que é uma eleição que vai substituir um presidente muito polêmico, né, porque ele substituiu depois de um impeachment. O Brasil já viveu isso nos anos 90, mas naquela oportunidade as chances estavam bem mais claras entre Lula e Fernando Henrique Cardoso. Agora não. Agora há muita dúvida sobre quem pode ser eleito. Uma outra diferença importante também é que o calendário mudou, então a campanha está demorando mais para começar. A essa altura do ano em eleições anteriores a gente já tinha uma definição mais clara de quem eram os candidatos e o que eles queriam, dessa vez a gente não tem, então a gente vai ter que tomar decisões, os eleitores vão ter que tomar decisões mais perto. Então isso está criando muitos desafios para os candidatos, porque eles vão jogar um jogo um pouco diferente desta

vez, com regras um pouco diferentes. E pros eleitores e pra mídia também, porque está mais difícil de cobrir também.

6. E uma coisa, que também é diferente nesta eleição, é que nós temos um retorno da extrema direita, que em últimos anos não tinha uma figura assim representando tanto este lado e que tivesse espaço nas pesquisas.

É, isso é uma diferença mesmo. Eu acho que há certas coisas. Se você pensar na eleição de 89, a disputa do 2º turno foi entre Collor e Lula, não havia nenhuma dúvida sobre quem era de esquerda e quem era de direita. A diferença, no caso, para o presente, é que ninguém falava em volta do regime militar, acho que nesse ponto ninguém falava assim. E questões mais humanistas, como direitos homossexuais, violência contra a mulher, essas coisas não faziam parte da campanha, não fazia parte do debate. Então a questão era entre direita e esquerda, mas era entre outro tipo de direita e outro tipo esquerda. E obviamente o candidato de direita, que era o Collor, ganhou. Depois disso, o Fernando Henrique, era um intelectual de esquerda, sempre foi um intelectual de esquerda, mas quando ele se apresentou como um candidato contra o Lula, acabou sendo o candidato da direita. Depois, quando o Lula finalmente conseguiu se eleger, ele só conseguiu porque ele tinha como vice um empresário, que era um representante da direita também, ele era do PL, um partido de direita. O que significava, misturando os dois, um movimento para o centro. Isso leva muita gente a dizer, eu ouço isso bastante, que o brasileiro gosta do centro, que o brasileiro é conservador, que não gosta de mudanças radicais. Então, o que levaria a crer que durante esta campanha ou os candidatos mais extremistas fazem alianças pro centro e movem mais para o centro ou simplesmente vai surgir um candidato de centro que o eleitorado vai apoiar e vai ganhar. Isso se a história for um guia. Isso pode ser diferente.

7. Política é sempre uma surpresa.

Sempre é uma surpresa, tudo pode mudar. Mas esse retorno da direita eu acho que é uma coisa muito interessante. Uma coisa que não mudou é a associação da direita com

alguma coisa um pouco malévola, o que é um negócio curioso porque não precisa ser necessariamente assim. Pode ser que... um exemplo de esquerda é Cuba, que é uma ditadura, totalitarista. Um exemplo de direita é os Estados Unidos que é uma democracia, com liberdades individuais garantidas, etc, e que nunca teve um regime militar, a propósito. Mas, de alguma maneira no imaginário do Brasil, ainda quando se fala em direita você necessariamente está falando em um regime militar, pelo menos para muita gente é assim. Eu sei que não é para todo mundo assim. Conheço políticos de direita que são libertários, são contra o regime militar, são a favor do casamento gay, essas coisas... São de direita no sentido em que eles são a favor de privatizações de estatais, a favor da redução da carga tributária, enfim, de direita mais econômica, mas social também porque são bastante a favor de liberdades individuais. O que está acontecendo nessa eleição, que foi resgatado assim, como você falou da extrema direita, na verdade é um ressuscitar de um 'enveio' que sempre existiu na história do Brasil, que é um 'enveio' totalitário, essa ideia de que o Brasil precisa de uma ditadura para funcionar. O próprio presidente Temer falou isso em uma coletiva, há um mês atrás, o Brasil tem o hábito de a cada 30 anos rasgar a constituição e botar um regime militar. Mas é meio assim que acontece. Em 64 foi mais ou menos desse jeito também, o povo achava que os militares precisavam colocar ordem na casa. Agora tá mais ou menos esse negócios. O que tem de diferente, eu acho, mas é só diferente em relação aos últimos 30 anos, porque no passado isso não era diferente, isso aconteceu. É esse negócio. Nessa campanha as pessoas estão mais livremente falando, se não dos candidatos propriamente, porque isso poderia ser um tiro no pé, mas os eleitores, que talvez seja mais preocupante estão abertamente falando isso: o Brasil precisa de uma intervenção militar. Cada vez mais gente falando isso, que de fato é uma novidade.

8. Eles pedem né. Saem para a rua pedindo uma intervenção militar. Muitos nem sabem o que é uma intervenção militar, mas dado o caos que está instaurado no país, crise econômica, crise política, insegurança, essa é a única solução que alguns acabam vendo.

Eu discordo um pouco dessa visão, porque acho que essa visão é uma coisa que a gente gostaria de acreditar. Mas acho que não, acho que as pessoas sabem. É o seguinte, eu era criança durante o regime militar, mas eu me lembro de muitas coisas. Uma das coisas que eu lembro, na verdade passei minha infância e minha adolescência no regime militar, quando o regime caiu eu tinha 20 anos, então eu me lembro de me angustiar com o fato de que livros eram censurados, muitos não podiam ser importados, o debate era super constrangido, você não podia falar o que você pensava e etc. Isso era uma coisa que me angustiava e eu morro de medo de perder esse direito de novo, mas eu também lembro muito bem que muitas das pessoas na minha volta não davam a mínima pra isso, não estavam interessados em expressar opinião, eles estavam mais preocupados em trabalhar, ganhar dinheiro e a economia estava bem, pelo menos não no fim do regime militar, mas em boa parte dos anos 70 a economia estava crescendo e era isso que estava na cabeça dessas pessoas, então, eu tenho a impressão com uma visão um pouco pessimista talvez, que as pessoas que pedem o regime militar, são pessoas que não estão interessadas em direitos e liberdades civis, elas tão inteiramente dispostas a sacrificar as liberdades civis em troca dos benefícios que elas supõem que os militares podem trazer, segurança, de debate a corrupção e de economia, o que, por sua vez, eu acho que não funciona diretamente assim, mas enfim, acho que o cálculo que essas pessoas que pedem o regime militar faz, é nessa base, elas não estão preocupadas com perseguição comunista, elas querem mais é que persiga mesmo, acho que é mais nessa linha mesmo.

Eu já conversei com pessoas, amigos assim, vizinhos, pessoas de boa educação, que fizeram faculdade, são bem sucedidas na vida, e que elas têm a convicção de que polícia deveria ter permissão de entrar na favela e matar quem precisa matar e resolve o problema, é uma visão de mundo dessas pessoas e o fato de essas pessoas estarem cada vez mais a vontade de se expressar, para expressar esse tipo de visão para mim é um sinal de que essa visão é mais difundida do que a gente imaginava. As pessoas ecoam mais essa ideia. Elas podiam se expressar se achassem que ninguém ia gostar, mas agora elas veem que muita gente gosta.

Democracia é o único sistema que permite a autocrítica e , pode ser uma crítica a própria democracia, você tem que aceitar o discurso que pede o fim da democracia, faz parte do jogo. O que você tem que fazer é tentar convencer a maioria das pessoas de que aquele discurso está errado, mas isso nem sempre é fácil. Eu acho que o que piora um pouco as coisas para a gente aqui é que a comunicação entre os brasileiros ela não flui muito bem, isso por causa da educação. Uma opinião bem pessoal, mas conheço outras pessoas que pensam nessa linha, veja bem, quando um político aí fazendo uma campanha eleitoral e é disso que eles vivem, eles não conversam com estudantes universitários, conversam com todo tipo de gente e se você sai por aí pelo Brasil, e não precisa ir muito longe, o desnível de educação, infelizmente, é gigantesco, é assustadoramente grande. Então você vê de tudo, você vê gente que não sabe escrever, você vê gente que sabe escrever mas não sabe conversar, gente que tem dificuldade de entender certos conceitos, é uma deficiência muito grande de informações básicas e essa deficiência dificulta bastante a informação. Então eu quero dizer o seguinte que, se você tem uma mensagem, se você é o candidato, você tem que achar uma mensagem que seja fácil de digerir, muito fácil de digerir. E as mensagens mais fáceis de digerir, são naturalmente as menos sofisticadas. Então você vai em um lugar que as pessoas estão morrendo de medo de sair para a rua, porque tem bala perdida, tem assalto, e você quer o voto dessas pessoas, você chega lá e fala: “eu vou mandar prender, vou acabar com esse negócio de direitos humanos, porque tem que entrar e matar...” e aí você coloca outro cara que vai falar: “gente, mas se acabar com os direitos humanos vai acabar com os direitos de todo mundo, de quem é bandido e de quem não é”, aí você já começou a complicar. A chance do candidato, que talvez eu chamasse de populista...

9. Ia perguntar se poderia ser um discurso populista.

É o que a gente classificaria como populista, mas as filigranas teóricas eu não sei quais seriam. Mas o fato é que esse é um discurso mais propenso à repercutir. Isso posto, eu já vi candidatos, eu lembro do Mário Covas, nos anos 80, que ele tinha uma capacidade muito boa de se comunicar com o eleitor sem recorrer à essa demagogia muito barata, ele conseguia fazer isso bem, e ele se deu muito bem. Teve uma eleição em que ele foi

o candidato mais votado da história da República, ele era candidato ao Senado. Se você pensar também no Fernando Henrique Cardoso, ele nunca recorreu a isso, pelo contrário, ele fez como Ministro da Fazenda, um plano econômico muito sofisticado, muito difícil de entender como ia funcionar, fez e funcionou e isso o levou à Presidência depois, foi o único candidato a ganhar no 1º turno duas vezes. Ou seja, há alternativas para isso, o problema é que esse ano está difícil de ver alternativas, pode ser que ela surja mais para frente. Mas é preciso alguma coisa especial, porque em condições normais eu acho que essa deficiência de educação no Brasil torna muito difícil o entendimento das pessoas, que requer um pouco mais de pé no chão, de calma e de raciocínio. As coisas excepcionais que eu citei nesses exemplos são: Mário Covas, porque ele tinha um talento excepcional para fazer isso, melhor do que qualquer outro que eu já tenha visto; e o Fernando Henrique que teve essa oportunidade peculiar que ele aproveitou e de conseguir matar a hiperinflação, que aí não havia brasileiro que não gostasse disso, então essas coisas excepcionais que existiram nessas condições. Em outras situações, acho que é muito mais difícil.

O Lula, ele também é um cara muito carismático, um político quase impossível de bater nas urnas, mas agora também, pelo menos com o que ele tem discursado, se agora ele conseguir ser candidato, ele não vai ter mais aquele discurso cheio de nuances que ele tinha em 2002, ele provavelmente vai ter um discurso mais extremista, pelo menos é o que ele tem feito até agora. Essa é uma eleição, ao que tudo indica, que vai ser uma eleição de extremos, tenso isso.

10. Ao seu ver, como estávamos conversando antes sobre populismo, o que é populismo? O que é um discurso populista?

É um discurso fácil. É um tema pejorativo para demagogia, é um discurso fácil que não responde a uma, duas perguntas subsequentes.

11. E você acha que neste momento que o Brasil está vivendo propicia um espaço para esse discurso?

Acho que sim. Não sei se eu consigo entender exatamente o que está acontecendo, provavelmente eu não consigo. O que eu sinto é que tem um certo grau de nervosismo. É interessante porque o Brasil vive em crise há muito tempo, quando houve o golpe em 64 o país estava em crise, aí entraram os militares e sufocaram a crise, não resolveram a crise. O Brasil cresceu economicamente, mas teve guerrilha, não dá para dizer que o país estava bem. E quando eles saíram, o país já estava em crise de novo, a inflação já estava na casa dos 3 dígitos ao ano e crescendo cada vez mais, e durante a década subsequente foi um horror, chegou a 5000% ao ano, foi uma coisa espantosa, inacreditável. A vida das pessoas estava um inferno, muita pobreza, muita miséria. Deu uma melhorada um pouco e de repente muita crise de novo e agora o crime organizado cresceu de uma maneira espantosa, a corrupção cresceu e está escandalosa. E eu diria em um chute, que as pessoas estão muito cansadas e estão irritadas com tanta coisa. A eleição de 2014 foi mais um cutucão, porque ela, primeiro que a candidata que ganhou, a Dilma quando foi eleita, ela ganhou com uma plataforma que depois ela mesma não pode cumprir. Ela começou o ano dela fazendo tudo diferente. Então ela tinha metade do eleitorado que votou nela e que gostava dela, e a outra metade que votou nela começou a se decepcionar com ela. E o pessoal que votou no Aécio estava até que bem, até o ano passado, quando surgiram essas denúncias contra o Aécio também. Então começou a ficar: pra onde eu vou? Então os candidatos que não são, até o momento, atingidos por nenhum escândalo de corrupção são esses mais raivosos também, que estão jogando com essa raiva do eleitorado, estão capitalizando essa insatisfação. Então, sim, eu acho que de repente tá fácil, mas olha, eu também acho que é um pouco cedo demais, porque a campanha não está totalmente aberta, precisa ver o que vai acontecer na televisão e uma coisa é o eleitor meses antes da eleição. Porque agora todo mundo sabe que o que você responde em uma pesquisa ou em uma conversa de boteco não vai ter a menor consequência, tanto quanto vai ter o voto. Então acho que as pessoas têm a noção dessa diferença. Eu poderia tranquilamente dizer que vou votar em alguém só para ficar bem com a turma, então acho que tem muita água para passar por baixo da ponte, mas olhando o que eu estou vendo agora, sim, eu acho que esse tipo de discurso encontra sólo fértil sempre, em qualquer lugar, o problema é a capacidade do outro

discurso de se sobrepôr, um discurso mais sensato e moderado. Porque um demagogo consegue ganhar alguma coisa, isso é que nem fazer gol de banheira, todo mundo sabe que dá. A questão é você conseguir não ser esse cara e suplantá-lo, essa é uma dificuldade que não apareceu ninguém que conseguiu fazer isso.

12. O centro está muito disperso ainda, né?

Acho que uma outra coisa que a gente está deixando de prestar atenção e eu acho que a imprensa em geral está deixando de prestar atenção e a crônica política, é que essas mudanças de regra deste ano, elas provavelmente mudaram também o cálculo que você faz para fazer uma campanha. Então desde o começo dos anos 80, que a gente voltou a ter eleições, as pessoas se acostumaram a fazer um tipo de campanha. E como é? Você pede doações, tinha um certo calendário, se acostumaram com isso... Esse ano mudou. Um recurso típico e isso eu ouvi de alguns cientistas políticos é que todo o partido tinha um candidato à presidência e o candidato a presidente era o cara que conseguia doações para o partido, é o cara que vai lá e conversa com empresários e consegue doações, e aí ele trazia dinheiro para todo mundo, dinheiro para o partido e distribuía para todo mundo, candidato a governador, deputado federal, senadores, etc. Pois bem, agora este cargo não tem mais para quem pedir dinheiro. Então ter um candidato a presidente virou um problema, porque você precisa de dinheiro. O que você tem? Tem um fundo partidário e aí você tem que dividir este fundo partidário com as pessoas. Uma candidatura à presidência custa caro e se você concentrar tudo no presidente, aí você vai ficar com pouca representação no Congresso e o seu fundo partidário vai diminuir para a próxima eleição. Então, talvez fosse melhor você ter só um candidato de fachada para presidente, para marcar presença, e investir nos candidatos para o Congresso para garantir. Isso não é um negócio que você discute em uma conversinha, isso tem um monte gente. Eu tenho para mim, que a portas fechadas, os partidos estão se degladiando internamente, os membros dos partidos estão se matando para tentar resolver essa equação, muitos perceberam isso mais cedo, outros perceberam mais tarde. Então eu acho que tem muita coisa ainda que não se resolveu internamente e que talvez, por isso, alguns discursos ainda não tenham se sobressaído. Acho que vai se

sobressair um discurso daqueles que não tem dúvida de que são candidatos, mas os partidos que ainda não chegaram a uma conclusão estratégica, esse discurso ainda está meio represado. Então pode ser que ele tenha coro quando começar o tempo de TV, essas coisas. O PSDB vai ter muito tempo de TV. O PSDB e o MDB vão ter mais tempo do que qualquer outro partido, é aí que o discurso de centro vai aparecer. Não sei se vai dar certo ou não, mas o povo está nessa ansiedade, olhando nesse momento, mas é por consequência disso, do calendário deste ano que está balançado, está diferente. Não está do jeito que a gente estava acostumado.

13. Nós estávamos acostumados a viver o clima da eleição muito antes da própria eleição. Agora vai ser um desafio tanto para os eleitores que vão ter, de certa forma, pouco tempo para conhecer os seus candidatos e para os candidatos, que vão ter pouco tempo.

E pouco dinheiro. Eles não estão acostumados a fazer a campanha sem dinheiro. Isso vai mudar muita coisa também. Há uma corrente que fala do uso da internet, que o candidato vai ser mais apto a usar a internet e, isso, de fato, o Bolsonaro se mostrou muito apto a fazer o uso da internet, mas também ouço de muitos entendidos do assunto que nada bate a televisão no Brasil, o que eu até acho que faz sentido mesmo. Se encontra muito mais gente que assiste novela, do que gente que assiste Netflix. A televisão anda vem forte sim. Então não sei. Essa é uma outra dúvida, como os discursos vão ser transmitidos, qual vai ser o veículo vai ser mais influente.

14. Em relação ao termo populismo. Ao seu ver, temos algum nome populista no Brasil?

Eu acho que em época de campanha isso é um pouco difícil, porque todo mundo tem uma tendência um pouco populista, no sentido de demagogia, durante uma campanha. O que eu chamei de populista, é alguém que apresenta uma solução que parece fácil e que não se dá ao trabalho de explicar como ele vai chegar naquele ponto. Eu tenho visto candidatos assim. Não quero citar nomes, tenho que preservar a minha imparcialidade.

Mas, o que eu tenho visto até agora é um monte de soluções, propostas, mas com pouco escrutínio, são poucas que resistem ao escrutínio. Muitas vezes quando os candidatos se expõem a alguma entrevista coletiva, algum debate, as respostas deles, quase sempre são baseadas em questões pouco verificáveis e até inverídicas as vezes. Isso é o que eu chamaria de populismo. Então sim, eu acho que há candidatos nessa linha em todo espectro. Mas como eu disse, em uma campanha isso é mais ou menos de se esperar. O problema é se a pessoa depois de eleita continuar vivendo nessa fantasia, isso que é o perigo. O que eu acho que, pelo menos eu tenho esperança, que não vai se repetir, é o que aconteceu em 2014, que o candidato vencedor (Dilma) venceu dizendo uma coisa e logo em seguida trabalhar fazendo outra coisa, porque isso foi devastador para a Dilma. Tenho impressão que os outros políticos do Brasil perceberam isso e vão pensar 30 vezes antes de embarcar em um discurso completamente oposto ao que eles pretendem fazer. O que eu acho que acontece, que faz com que o populismo sempre exista na campanha, é que você pode ter uma certa estratégia na sua cabeça de como administrar o país, mas você resume aquela coisa em alguns slogans e você fica batendo naqueles slogans sempre, porque o debate é sempre complicado, não existe teoria unânime, toda a forma de abordar qualquer problema, violência, sempre há debate, sempre há várias formas de atacar o problema, mas você pode escolher uma, mas você não vai querer dar os detalhes disso durante a campanha, porque isso só vai tirar o seu tempo e dar chance para os seus adversários tripudiarem com você. Então você fica no slogan e uma vez eleito você mantém aquele mesma linha, mas aí você desce nos detalhes e põe a coisa para trabalhar. Isso é uma situação legal, normal e funciona bem. Os riscos são repetir 2014, você partir para uma outra coisa, quer dizer que você provavelmente fez a campanha sabendo que não poderia agir daquela forma, ou você continua depois de eleito acreditando no castelo no céu e aí você acaba levando o país todo para o buraco, por falta de toque com a realidade. Então durante a campanha é de se esperar que, o que a gente está chamando aqui de populismo, fique por todo o lado. O importante é ver se depois de eleito a pessoa sai daquele volume e entra na realidade coerente com o que disse.

15. Você havia comentado que vocês lá no jornal não usam mais ‘esquerda’, nem ‘populismo’, ‘populista’.

É. Até onde eu sei não foi como uma determinação geral. Na América Latina está tendo um monte eleições e estamos escrevendo mais matérias sobre eleições, então o termo populismo aparecia bastante. E nossos editores em Nova York começaram a pensar, porque na verdade é uma palavra que tem pouco significado. Como você mesmo disse, os cientistas políticos debatem o sentido da palavra populismo, então dizer que o candidato é populista não é a mesma coisa que dizer que é um candidato de esquerda ou de direita, então é um negócio mais fluído. Então como o nosso trabalho é informar, chegamos a conclusão que a palavra populista não informa tanto assim e seria melhor, ao invés de usar essa palavra, procurar alguma coisa que defina melhor, pegar alguma coisa, ainda que seja mais restrita, uma informação um pouco mais pontual. Por exemplo, o candidato que defende a volta do militarismo ou é um candidato que apoia o regime Venezuelano, alguma coisa assim, que ajude o leitor a entender um pouco melhor quem é aquele candidato. A palavra populista a gente achou que não estava ajudando muito.

16. Era vaga?

Era vaga.

17. Na sua opinião, como jornalista, qual é a sua avaliação do discurso do candidato Jair Bolsonaro?

Acho que é um discurso muito esperto, muito sagaz. Acho que ele percebeu o momento muito bem. Percebeu dois passos: um foi de usar a internet para sair do streaming media e entrar na internet e em termos de conteúdo também. Todo o candidato pega uma particularidade da sua vida e usa né, o cara que é médico, o cara que é padre, ele pegou esse negócio de ser um militar, sempre pegou isso. E ele percebeu, não é muito difícil perceber. Dois anos atrás eu ia no Congresso quase todo o dia, e durante um mês, ficou

um boneco inflável sendo um militar batendo continência de costas para o Congresso, o pessoal acampado querendo o golpe militar. Entrevistei essas pessoas, as pessoas andavam com a bíblia na mão, na hora que precisavam os militares iam lá. Então não precisa ser um gênio da lâmpada para perceber que é um negócio que estava ali borbulhando. Estou imaginando, ele fez a carreira política dele sempre usando essa carga de ser um militar, ser um capitão. De repente ele percebeu um filão e deu muito certo. O que eu notei é que agora, quando houve a greve dos caminhoneiros, em muitos lugares houve manifestações espontâneas pedindo o regime militar e surgiu um rumor e a percepção de que o Bolsonaro estava por trás disso e o Bolsonaro negou, então até onde eu entendi, ele disse que não é a favor de um regime militar, o que ele disse é que se ele for eleito ele vai colocar militares em muitos postos. O que me dá a impressão é que ele está fazendo o que todo o político faz, está capitalizando uma tendência que ele percebeu no eleitorado, mas que obviamente, por que ele defenderia uma intervenção militar se ele está sendo candidato a Presidente? É uma incongruência isso. Isso tem que ser ajustado no discurso dele de alguma forma, enfim, é assim que eu vejo. É um discurso muito esperto, é isso que político tem que fazer mesmo. Essa força existe no eleitorado. Agora o que isso vai resultar em termos práticos acho que nem ele sabe direito. Depende das alianças que ele vai precisar fazer.

18. O presidente não governa sozinho. Precisa do Congresso e precisa ter apoio.

Precisa do Congresso, exato. O partido dele é pequeno então não dá para saber quantos parlamentares ele vai conseguir eleger, se vai ter maioria ou não. Um monte de coisas a ser consideradas. O que é preocupante, como você notou, o drama da democracia é que é um governo do povo, a nação é uma nação, então se o povo brasileiro for um povo que gosta de regimes totalitários, vai ter regimes totalitários, não importa o que você faça a respeito, vai chegar. O que você pode fazer é torcer para que não seja esse o caso.

FIM